



Universidade da Amazônia

# O Livro Derradeiro

de Cruz e Souza

**NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



**O Livro Derradeiro**  
de Cruz e Souza

QUESTÃO BROCARDO  
[Pinto, pinta — ponta à ponta ]

AS DEVOTAS  
[De claque, casaca e luva, ]  
[MEUS ESPLÊNDIDOS...]  
[Nunca se cala o Callado]  
[Estoure como o champagne]  
[Parece um céu estrelado]  
[Levantem esta bandeira]

OLHARES  
[Nas explosões de bons risos]  
[Triolé — pega estes zotes ]

GRITO DE GUERRA  
[Da Lua aos raios prateados]  
[Teus olhos belos por dentro]

O BOTÃO DE ROSA  
[Ó Adalziza dos sonhos;]  
[Enquanto este sangue ferve]  
[Como um cisne, est'alma frisa]  
[Merece o bom do Vidal]  
[Zulmira dos meus amores,]  
[Deixai que a minh'alma escassa]  
[Quando ela está de colete,]  
[Ó cintilante Quiquia,]  
[Olhos pretos, sonhadores]  
[Se estala a estrofe de fogo,]

AMOR!!...  
[Ó Flora, ó ninfa das rosas,]  
[Morena dos olhos pretos]  
[Embora eu não tenha louros]  
[Ó Alzira, Alzira, Alzira,]  
[Aos relâmpagos sulfúreos]  
[À sombra espessa de um álamo]

ROSA  
[Quando estás de laçarotes]  
[Da idéia nos mares jônios]  
[— Como um assombro de assombros]  
[— Como fortes gargalhadas]  
[Da bruma pelos países]

### SUPREMO ANSEIO

Esta profunda e intérmina esperança  
Na qual eu tenho o espírito seguro,  
A tão profunda imensidade avança  
Como é profunda a idéia do futuro.

Abre-se em mim esse clarão, mais puro  
Que o céu preclaro em matinal bonança:  
Esse clarão, em que eu melhor fulguro,  
Em que esta vida uma outra vida alcança.

Sim! Inda espero que no fim da estrada  
Desta existência de ilusões cravada  
Eu veja sempre refulgir bem perto

Esse clarão esplendoroso e louro  
Do amor de mãe — que é como um fruto de ouro,  
Da alma de um filho no eternal deserto.

### APÓS O NOIVADO

Em flácido divã ela resvala  
Na alcova — bem feliz, alegremente,  
E o fresco penteador alvinitente,  
De nardo e benjoim o aroma exala.

E o noivo todo amor, assim lhe fala,  
Por entre vibrações do olhar ardente:  
Pertences-me afinal, pomba dormente  
Parece que a razão de gozo, estala.

Mas eis — corre-se então nívea cortina:  
E a plácida, a ideal, a branca lua  
Derrama nos vergéis a luz divina...

Depois... Oh! Musa audaz, ousada, e nua,  
Não rompas esse véu de gaze fina  
Que encerra um madrigal — Vamos... Recua!...

### DORMINDO...

Pálida, bela, escultural, clorótica  
Sobre o divã suavíssimo deitada,  
Ela lembrava — a pálpebra cerrada —  
Uma ilusão esplendida de ótica.

A peregrina carnação das formas,  
— o sensual e límpido contorno,  
Tinham esse quê de avérrico e de morno,  
Davam a Zola as mais corretas normas!...

Ela dormia como a Vênus casta

E a negra coma aveludada e basta  
Lhe resvalava sobre o doce flanco...

Enquanto o luar — pela janela aberta —  
— como uma vaga exclamação — incerta  
Entrava a flux — cascadeado — branco!!...

#### NERAH

(Inspirado no elegante conto de Virgílio Várzea)  
A Vítor Lobato

Nerah não brinca mais, não dança mais. — E agora  
Que vão-se apropriando quando os tempos invernosos,  
Nerah traz uns receios tímidos, nervosos,  
De quem teme mudar-se em noite, sendo aurora.

Seus sonhos de cristal, translúcidos, antigos  
Se vão embora, embora à vinda dos invernos,  
Seguindo em debandada os úmidos galernos —  
— lembrando um roto bando informe de mendigos.

Não canta o sabiá que triste na gaiola,  
Parece, com o olhar, pedir-lhe a casta esmola  
De um riso — aquela flor que esvai-se, branca e fria.

Em tudo a fina seta aguda de aflições!  
Na própria atmosfera um caos de interjeições!  
Em tudo uma mortalha, em tudo uma agonia.

#### AMOR

Nas largas mutações perpétuas do universo  
O amor é sempre o vinho enérgico, irritante...  
Um lago de luar nervoso e palpitante...  
Um sol dentro de tudo altivamente imerso.

Não há para o amor ridículos preâmbulos,  
Nem mesmo as convenções as mais superiores;  
E vamos pela vida assim como os noctâmbulos  
à fresca exalação salúbrica das flores...

E somos uns completos, célebres artistas  
Na obra racional do amor — na heroicidade,  
Com essa intrepidez dos sábios transformistas.  
Cumprimos uma lei que a seiva nos dirige  
E amamos com vigor e com vitalidade,  
A cor, os tons, a luz que a natureza exige!...

#### ESCRAVOCRATAS

Oh! trânsfugas do bem que sob o manto régio  
Manhosos, agachados — bem como um crocodilo,

Viveis sensualmente à luz dum privilégio  
Na pose bestial dum cágado tranqüilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas  
Ardentes do olhar — formando uma vergasta  
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,  
E vibro-vos a espinha — enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário —  
Da branca consciência — o rútilo sacrário  
No tímpano do ouvido — audaz me não soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,  
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,  
Castrar-vos como um touro — ouvindo-vos urrar!

#### DA SENZALA...

De dentro da senzala escura e lamacenta  
Aonde o infeliz  
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta  
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada  
Alegre e sem rancor,  
Porém que foi aos poucos sendo transformada  
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala  
Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala  
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,  
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...  
e sim um assassino!

#### DILEMA

Ao cons. Luís Álvares dos santos

Vai-se acentuando,  
Senhores da justiça — heróis da humanidade,  
O verbo tricolor da confraternidade...  
E quando, em breve, quando

Raiar o grande dia  
Dos largos arrebóis — batendo o preconceito...  
O dia da razão, da luz e do direito  
— solene trilogia —

Quando a escravatura  
Surgir da negra treva — em ondas singulares

De luz serena e pura;

Quando um poder novo  
Nas almas derramar os místicos luares,  
Então seremos povo!

À REVOLTA  
A Cassiano César

O século é de revolta — do alto transformismo,  
De Darwin, de Littré, de Spencer, de Laffite —  
Quem fala, quem dá leis é o rubro niilismo  
Que traz como divisa a bala-dinamite!...

Se é força, se é preciso erguer-se um evangelho,  
Mais reto, que instrua — estético — mais novo  
Esmaguem-se do trono os dogmas de um Velho  
E lance-se outro sangue aos músculos do povo!...

O vício azinhavrado e os cérebros raquíticos,  
É pô-los ao olhar dos sérios analíticos,  
Na ampla, social e esplêndida vitrine!...

À frente!... — Trabalhar a luz da idéia nova!...  
— Pois bem! Seja a idéia, quem lance o vício à cova,  
— Pois bem! — Seja a idéia, quem gere e quem fulmine!...

ESCÁRNIO PERFUMADO

Quando no enleio  
De receber umas notícias tuas,  
Vou-me ao correio,  
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,

Vendo tão fartas,  
D'uma fartura que ninguém colige,  
As mãos dos outros, de jornais e cartas  
E as minhas, nuas — isso dói, me aflige...

E em tom de mofa,  
Julgo que tudo me escarnece, apoda,  
Ri, me apostrofa,  
Pois fico só e cabisbaixo, inerme,  
A noite andar-me na cabeça, em roda,  
Mais humilhado que um mendigo, um verme...

FILETES  
A J. L.

De cravos, de rosas,  
De lírios, perfumes,

De beijos, ciúmes,  
De coisas formosas;

De cantos suaves  
De músicas, vinhos  
De aromas, arminhos  
Dos trinos das aves;

Das cismas radiadas,  
De esperanças aladas  
Por vagos escombros,

São feitos, são feitos  
Teus olhos perfeitos,  
Repletos de assombros.

#### OUTROS SONETOS

##### SONETO

(Oferecido e dedicado ao Ilmo. Sr. M. Bernardino A. Varela pelo autor.)

*Vir bonus dicendi peritus laudandum est.*

Senhor de nobre alma, tão  
D'entre os sábios conhecido,  
De pais excelsos nascido,  
Aceitai a minha canção.

Probo pai, bom cidadão,  
Sois dos seres melhor ser  
Por saber tão profundo ter,  
Sois ilustre qual Catão.

Recebei esta prova mesquinha  
De penhor e de oração,  
Produto da pena minha.

Perdoai, mui digno varão,  
Se na mente eu pobre tinha  
Cometer-vos indiscrição.

##### SONETO

"Minha vida é um montão de ruínas em árido deserto  
Um abismo de ais e de suspiros".

Da mundana lida, eis que cansado,  
Co'a lira toda espedaçada,  
A alma de suspiros retalhada,  
Cumprer o infeliz seu triste fado.

Ai! que viver mais desgraçado!...

Que sorte tão crua e desazada!...  
Quem assim tem a vida amargurada  
Antes já morrer, ser sepultado.

Só eu triste padeço feras dores,  
Imensas e de fel, sem terem fim,  
Envolto no véu dos dissabores.

Oh! Cristo eu não sei se só a mim  
Deste essa vida d'amargores,  
Pois que é demais sofrer-se assim!

SONETO  
(24 dez. 1880)

*Dieu a fait la mer, les oiseaux, les cieux,  
Toute la nature enfin; mais les hommes  
ont découvert les sciences, les arts et les  
lettres qui les élèvent jusqu'à même Dieu.*

De Mayseder gentil o vulto ingente  
De Corelli, de Spohr e de Nardini,  
De Ole Bull supernal, de Veracini  
Inspirados por Deus c'o plectro ardente;

Dessa lira febril, áurea, potente  
Do artista sem par, de Paganini;  
De Viotti dinal, do herói Tardini,  
De Lafont, de Baillot, Eck e Laurenti:

Sois rival feliz! E nesse crânio  
Há em jorros, oh céus! extravasando  
O ardor musical, o ardor titâneo...

Já bem cedo, veloz, ides galgando  
Lá da glória os degraus, o supedâneo  
Sobre um trono de luz rindo e cantando.

SONETO,  
"DIATRIBE"

Dois zoilos mui completos deste mundo,  
Dois zoilos há terríveis e zelosos,  
Que estando sem fazer, mui ociosos  
Só tratam dum falar nauseabundo.

Eu sei mui bem seus nomes — não confundo  
Com esses bem sensatos, talentosos,  
Com esses lidadores mui briosos  
Que têm estudo imenso e bem profundo!

Mas ah! pra que tempo hei-de gastar  
Com quem só vive imerso na caligem  
D'inveja torpe e vil a esbravejar!

Isto, meus amigos, é impigem  
Que quanto se procura mais coçar  
Tanto e tanto mais só dá prurigem!

#### SONETO

Por ocasião dos festejos em homenagem ao sexagésimo primeiro aniversário natalício do eloqüentíssimo tribuno sagrado, Joaquim Gomes d'Oliveira Paiva.

Há vultos tamanhos que não  
Cabendo no globo, vão quedos  
Mas solenes, refugiar-se na campa.  
Daí embuçam-se n'um manto infinito  
De glórias?...

Minh'alma está agora penetrando  
Lá na etérea plaga, cristalina!  
Que música meu Deus febril, divina  
Nos páramos azuis vai retumbando!

Além, d'áureo dossel se está rasgando  
Custosa, de primor, esmeraldina  
Diáfana, sutil, longa cortina  
Enquanto céus se vão duplando!

Em grande pedestal marmorizado  
De Paiva se divisa o busto enorme  
Soberbo como o sol, de luz croado

De um lado o porvir — Antheu disforme  
Dos lábios faz soltar pujante brado  
Hosanas! não morreu! apenas dorme.

#### SONETO

Por ocasião da comemoração do sexagésimo primeiro aniversário natalício do ilustre pregador catarinense Joaquim Comes d'Oliveira Paiva.

Rompeu-se o denso véu do atroz marasmo  
E como por fatal, negro hebetismo  
De antro sepulcral, de fundo abismo  
O povo ressurgiu com entusiasmo!

O Zoilo mazorral se queda pasmo  
Supõe quimera ser, ser cataclismo  
Roga, já por dobrez, por ceticismo  
De néscio, vil truão solta o sarcasmo.

Perdão, Filho da Luz, minh'alma exora,  
Porém, a pátria diz, somente agora  
Os grilhões biparti de atroz moleza!

E ele, o nosso herói já redivivo  
De pé, sem se curvar, sereno, altivo  
Co'as raias do porvir mede a grandeza!

SONETO

(5 dez. 1882)

Embeberam-me a pena em fel!  
Antônio (Mendes Leal)

Deixai que deste álbum na folha delicada  
Eu venha difundir meus rudes pensamentos  
Deixai que as pobres rimas, uns nadas poeirentos  
Eu possa transudar da mente entrenublada!...

Deixai que de minh'alma na fibra espedaçada  
Eu busque inda vibrar uns cantos tardos, lentos!...  
Bem cedo os vendavais, aspérrimos, cruentos  
Ai! Tudo arrojão à campa amargurada!

Porém qu'importa isso! dos mares desta vida  
Nos pávidos, estranhos, enormes escarcéus  
Se alguma coisa val, és tu, ó luz querida!...

Rasguemos do porvir os áditos, os véus!...  
Riamos sem cessar, embora em dor sentida!...  
Também as nuvens negras conglobam-se nos céus!

SONETO

(28 nov. 1882)

A mocidade é a alavanca do templo da ciência, no futuro; só ela tem o direito de ser a força motriz dos fenômenos intelectuais das grandes revoluções do pensamento.

*(Do Autor)*

Alçando o livro colossal ardente  
Traças no crânio um sulco luminoso,  
E vais seguindo o remontar garboso  
Do sol fagueiro lá no espaço ingente!

Ergues a fronte juvenil potente  
Já como herói ou lutador famoso  
E c'uma forma de pensar honroso  
Fazes-te esperança da brasílea gente!

Seis vezes astro de maior grandeza  
Enfim lá surges nos exames belos  
Enfim triunfas na brilhante empresa!

Seis vezes quebras da ignorância os elos,  
Seis vezes vives com mais sã firmeza,  
Gemem seis vezes a louvar-te os prelos!...

#### SONETO

Chegou enfim, e o desembarque dela  
Causou-me logo uma impressão divina!  
É meiga, pura como sã bonina,  
Nos olhos vivos doce luz revela!

É graciosa, sacudida e bela,  
Não tem os gestos de qualquer menina:  
Parece um gênio que seduz, fascina,  
Tão atraente, singular é ela!

Chegou, enfim! eu murmurei contente!  
Fez-se em minh'alma purpurina aurora,  
O entusiasmo me brotou fervente!

Vimos-lhe apenas a construção sonora,  
Vimos a larva, nada mais, somente  
Falta-nos ver a borboleta agora!

#### NA MAZURKA

Morava num palácio — estranha Babilônia  
De arcadas colossais, de impávidos zimbórios,  
Alcovas de damasco e torreões marmóreos,  
Volutas primorais de arquitetura jônia.

Assim, quando surgia em meio aos peristilos  
Descendo, qual mulher de Séfora, vaidosa,  
Envolta em ouropéis, em sedas, luxuosa,  
Cercam-na do belo os místicos sigilos!

E quando nos saraus, assim como um ranúnculo,  
O lábio lhe tremia e o olhar, vivo carbúnculo,  
Vibrava nos salões, como uma adaga turca,

Ou como o sol em cheio e rubro sobre o Bósforo,  
— nos crânios os Homens sentiam ter mais fósforo...  
Ao vê-la escultural no passo da Mazurka...

#### O FINAL DO GUARANI

(Santos, 15 jul. 1883)

Ceci — é a virgem loira das brancas harmonias,  
A doce-flor-azul dos sonhos cor de rosa,  
Peri — o índio ousado das bruscas fantasias,  
O tigre dos sertões — de alma luminosa.

Amam-se com o amor indômito e latente  
Que nunca foi traçado nem pode ser descrito.  
Com esse amor selvagem que anda no infinito.  
E brinca nos juncais, — ao lado da serpente.

Porém... No lance extremo, o lance pavoroso,  
Assim por entre a morte e os tons de um puro gozo,  
Dos leques da palmeira a note musical...

Vão ambos a sorrir, às águas arrojados,  
Mansos como a luz, tranqüilos, enlaçados  
E perdem-se na noite serena do ideal!...

#### IDÉIA-MÃE

*Laborare*

*Dignus est operarius mercede sua.*

(Af. Lat.)

Ergueis ousadamente o templo das idéias  
Assim como uns heróis, por sobre os vossos ombros  
E ides através de um negro mar d'escombros,  
Traçando pelo ar as loiras epopéias.

A luz tem para vós os filtros magnéticos  
Que andam pela flor e brincam pela estrela.  
E vós amais a luz, gostais sempre de vê-la  
Em amplo cintilar — nuns êxtases patéticos.  
É esse o aspirar do século que deslumbra,  
Que rasga da ciência a tétrica penumbra  
E gera Vítor Hugo, Haeckel e Littré.

É esse o grande — Fiat — que rola no infinito!...  
É esse o palpitar, homérico e bendito,  
De todo o ser que vive, estuda, pensa e lê!...

#### O SEU BONÉ

(Corte, out. 1883)

À atriz Adelina Castro

É um boné ideal, de feltros e de plumas,  
Que ela usa agora, assim como um turbante  
Turco, aveludado, doce como algumas  
Nuvens matinais que rolam no levante.

Lembro quando ao vê-lo a rubra marselhesa,  
Lembro sensações e cousas de prodígio  
E penso que ele tem a máscula grandeza  
Desse sedutor, vital barrete frígio!...

Às vezes meu olhar medindo-lhe o contorno

E a flácida plumagem que serve-lhe d'adorno,  
— satânico, voraz, esplêndido de fé!  
Exclama num idílio cândido e singelo,  
Por entre as convulsões artísticas do Belo; —  
Oh! tem coração e alma, esse boné!...

SONETO

(Desterro, 13 jan. 1883)  
A Moreira de Vasconcelos

Na luta dos impossíveis,  
do espirito e da matéria,  
tu és a águia sidérea  
dos pensamentos terríveis!  
(Do Autor)

É um pensar flamejador, dardânico  
Uma explosão de rápidas idéias,  
Que como um mar de estranhas odisséias  
Saem-lhe do crânio escultural, titânico!...

Parece haver um cataclismo enorme  
Lá dentro, em ânsia, a rebentar, frementel!...  
Parece haver a convulsão potente,  
Dos rubros astros num fragor disforme!...

Hão de ruir na transfusão dos mundos  
Os monumentos colossais profundos,  
As cousas vãs da brasileira história!

Mas o seu vulto, sobre a luz alçado,  
Oh! há de erguer-se de arrebóis c'roado,  
Como Atalaia nos umbrais da glória!...

OISEAUX DE PASSAGE

*Les rêves, les grands rêves que moi toujours adore,  
Les rêves couleur rose, les rêves éclatants;  
Ainsi que les colombes un autre ciel cherchants  
J'ai vu les ailes ouvertes, si belles que l'aurore.*

*Autour de la nature, autour de la profonde  
Et merveilleuse mère des fleurs, des harmonies,  
Les rêves éblouissants, remplis d'amour et vie,  
Trouvaient de l'espoir le plus doré des mondes.*

*Hélas!... — mais maintenant, par des chagrins, secrets,  
L'amour, les étoiles et tout ce qu'il nous est  
Chéri — le beau soleil, la lune et les nuages;*

*Tout fut plongé d'abord' plongé dans le mystère,*

*Avec de mon coeur la douce lumière,  
Les rêves de mon âme — uns\* oiseaux de passage!...  
\* sic.*

#### COLAR DE PÉROLAS

Ao feliz consórcio dos estimáveis colegas, D. Jesuína Leal e Francisco de Castro.

A F'licidade é um colar de pérolas,  
Pérolas caras, de valor pujante,  
Belas estrofes de Petrarca e Dante  
Mais cintilantes que as manhãs mais cérulas.

Para que enfim esse colar bendito,  
Perdure sempre, inteiramente egrégio,  
Como uma tela do pintor Correggio,  
Sem resvalar no lodaçal maldito:

Faz-se preciso umas paixões bem retas,  
Cheias de uns tons de muito sol — completas...  
Faz-se preciso que do amor na febre,

Nos grandes lances de vigor preclaro,  
Desse colar esplendoroso e raro,  
Nem uma pérola, uma só se quebre!...

#### SATANISMO

Não me olhes assim, branca Arethusa,  
Peregrina inspiração dos meus cantares;  
Não me deixes a razão vagar confusa  
Ao relâmpago ideal de teus olhares.

Não me olhes, oh! Não, porquanto eu penso  
Envolvido no luar das minhas cismas,  
Que o olhar que me dardejas — doido, imenso  
Tem a rápida explosão dos aneurismas.

Não me olhes. Oh! Não, que o próprio inferno  
Problemático, fatal, cálido, eterno,  
Nos teus olhos, mulher, se foi cravar!...

Não me olhes, oh! Não, que m'entolece  
Tanta luz, tanto sol — e até parece  
Que tens músicas cruéis dentro do olhar!...

#### METAMORFOSE

A Carlos Ferreira

O sol em fogo pelo ocaso explode  
Nesse estertor, que os crânios assoberba.  
Vivo, o clarão, nuns frosos exacerba

Dos ideais a original nevrose.

Da natureza os anafis mouriscos  
Ante o cariz da atmosfera muda,  
Soam queixosos, numa nota aguda,  
Da luz que esvai-se aos derradeiros discos.

O pensamento que flameja e luta  
Nos ares rasga aprofundado sulco...  
A sombra desce nos lisins da gruta;

E a lua nova — a peregrina Onfale,  
Como em um plaustro luminoso, hiulco,  
Surge através dos pinheirais do vale.

### AURÉOLA EQUATORIAL A Teodoreto Souto

Fundi em bronze a estrofe augusta dos prodígios,  
Poetas do Equador, artísticos Barnaves;  
Que o facho — Abolição — rasgando as nuvens graves  
De raios e bulções — triunfa nos litígios!

— O rei Mamoud, o Sol, vibrou p'raquelas bandas  
do Norte — a grande luz — elétrico, explodindo,  
Assim como quem vai, intrépido, subindo  
À luz da idade nova — em claras propagandas.

— Os pássaros titãs nos seus conciliábulos,  
— Chilreiam, vão cantando em místicos vocábulos,  
Alargam-se os pulmões nevrálgicos das zonas;

Abri alas, abri! — Que em túnica de assombros,  
Irá passar por vós, com a Liberdade aos ombros,  
Como um colosso enorme o impávido Amazonas!

### [ANDA-ME A ALMA]

Anda-me a alma inteira de tal sorte,  
Meus gozos, meu pesar, nos dela unidos  
Que os dela são também os meus sentidos,  
Que o meu é também dela o mesmo norte.  
Unidos corpo a corpo — um elo forte  
Nos prende eternamente — e nos ouvidos  
Sentimos sons iguais. Vemos floridos  
Os sons do porvir, em azul coorte...

O mesmo diapasão musicaliza  
Os seres de nos dois — um sol irisa  
Os nossos corações — dá luz, constela...

Anda esta vida, espiritualizada  
Por este amor — anda-me assim — ligada  
A minha sombra com a sombra dela.

[QUANDO EU PARTIR]

Quando eu partir, que eterna e que infinita  
Há de crescer-me a dor de tu ficares;  
Quanto pesar e mesmo que pesares,  
Que comoção dentro desta alma aflita.

Por nossa vida toda sol, bonita,  
Que sentimento, grande como os mares,  
Que sombra e luto pelos teus olhares  
Onde o carinho mais feliz palpita...

Nesse teu rosto da maior bondade  
Quanta saudade mais, que atroz saudade...  
Quanta tristeza por nós ambos, quanta,

Quando eu tiver já de uma vez partido,  
Ó meu amor, ó meu muito querido  
Amor, meu bem, meu tudo, ó minha santa!

SEMPRE E... SEMPRE

A M. B. Augusto Varela

Sempre se amando, sempre se querendo.  
(*Oliveira Paiva*)

De longe ou perto, juntas, separadas,  
Olhando sempre os mesmos horizontes,  
Presas, unidas nossas duas fontes  
Gêmeas, ardentes, novas, inspiradas;

Vendo cair as lágrimas prateadas,  
Sentindo o coro harmônico das fontes,  
Sempre fitando a cúspide dos montes  
E o rosicler das frescas alvoradas;

Sempre embebendo os límpidos olhares  
Na claridão dos humildes luares,  
No loiro sol das crenças se embebendo,

Vão nossas almas brancas e floridas  
Pelo futuro azul das nossas vidas,  
Sempre se amando, sempre se querendo.

NOIVA E TRISTE

Rola da luz do céu, solta e desfralda  
Sobre ti mesma o pavilhão das crenças,  
Constele o teu olhar essas imensas

Vagas do amor que no teu peito escalda.

A primorosa e límpida grinalda  
Há de enflorar-te as amplidões extensas  
Do teu pesar — há de rasgar-te as densas  
Sombras — o véu sobre a luzente espalda...

Inda não ri esse teu lábio rubro  
Hoje — inda n'alma, nesse azul delubro  
Não fulge o brilho que as paixões enastra;

Mas, amanhã, no sorridor noivado,  
A vida triste por que tens passado,  
De madressilvas e jasmins se alastra.

### MÃE E FILHO Às mães desamparadas

Jesus, meu filho, o encanto das crianças,  
Quando na cruz, de angustia espedaçado,  
Em sangue casto e límpido banhado,  
Manso, tão manso como as pombas mansas;  
Embora as duras e afiadas lanças  
Com que os judeus, tinham, de lado a lado,  
Seu coração puríssimo varado,  
Inda no olhar raiavam-lhe esperanças.

Por isso, ó filho, ó meu amor — se a esmola  
De algum conforto essencial não rola  
Por nós — é forca conduzir a cruz!...

Mas, volta ó filho, pesaroso e triste.  
Se a nossa vida só na dor consiste,  
Ah! minha mãe, por que morreu Jesus?...

### NATUREZA Aos Poetas

Tudo por ti resplende e se constela,  
Tudo por ti, suavíssimo, flameja;  
És o pulmão da racional peleja,  
Sempre viril, consoladora e bela.

Teu coração de pérolas se estrela,  
E o bom falerno dás a quem deseja  
Vigor, saúde a crença que floreja,  
Que as expansões do cérebro revela.

Toda essa luz que bebe-se de um hausto  
Nos livros são, todo esse enorme fausto

Vem das verduras brandas que reluzem!

Esse da idéia esplêndido eletrismo,  
O forte, o grande, audaz psicologismo,  
Os organismos naturais produzem...

### SURDINAS

Às raparigas tristes

Vais partir, vais partir que eu bem te vejo  
Na branca face os gélidos suores,  
Vais procurar as musicas melhores  
Do sol, da glória e do celeste beijo.

Dentro de ti harpas do desejo  
Não vibram mais — embora que tu chores —  
Nem pelas tuas aflições maiores  
Se escuta um vago e enfraquecido arpejo...

Bem! vais partir, vais demandar esferas  
Amplas de luz, feitas de primaveras,  
Paisagens novas e amplidão florida...  
Mas ao chegar-te a lágrima infinita,  
Lembra-te ainda, ó pálida bonita  
De que houve alguém que te adorou na vida.

### IRRADIAÇÕES

Às crianças

Qual da amplidão fantástica e serena  
À luz vermelha e rútila da aurora  
Cai, gota a gota, o orvalho que avigora  
A imaculada e cândida açucena.

Como na cruz, da triste Madalena  
Aos pés de Cristo, a lágrima sonora  
Caia, rolou, qual bálsamo que irrorra  
A negra mágoa, a indefinida pena...

Caia por vós, esplêndidas crianças  
Bando feliz de castas esperanças,  
Sonhos da estrela no infinito imersas;

Caia por vós, as músicas formosas,  
Como um dilúvio matinal de rosas,  
Todo o luar benéfico dos versos!

### AMBOS

Vão pela estrada, à margem dos caminhos  
Arenosos, compridos, salutareis,

Por onde, a noite, os límpidos luas  
Dão às verduras leves tons de arminhos.

Nuvens alegres como os alvos linhos  
Cortam a doce compridão dos ares,  
Dentre as canções e os tropos singulares  
Dos inefáveis, meigos passarinhos.

Do céu feliz na branda curvidade,  
A luz expande a inteira alacridade,  
O mais supremo e encantador afago.

E com o olhar vibrante de desejos  
Vão decifrando os trêmulos arpejos,  
E as reticências que produz o vago.

#### PLENILÚNIO

Vês este céu tão límpido e constelado  
E este luar que em fúlgida cascata,  
Cai, rola, cai, nuns borbotões de prata...  
Vês este céu de mármore azulado...

Vês este campo intérmino, encharcado  
Da luz que a lua aos páramos desata...  
Vês este véu que branco se dilata  
Pelo verdor do campo iluminado...

Vês estes rios, tão fosforescentes,  
Cheios duns tons, duns prismas reluzentes,  
Vês estes rios cheios de ardentias...

Vês esta mole e transparente gaze...  
Pois é, como isso me parecem quase  
Iguais, assim, às nossas alegrias!

#### OS DOIS

Aos pobres

— Minha mãe, minha mãe, quanta grandeza  
Nesses plácidos, quanta majestade;  
Como essa gente há de viver, como há de  
Ser grande sempre na feliz riqueza.

Nem uma lágrima sequer — e à mesa  
D'entre as baixelas, d'entre a imensidade  
Da prata e do ouro — a azul felicidade  
Dos bons manjares de ótima surpresa.

Nem um instante os olhos rasos d'água,  
Nem a ligeira oscilação da mágoa

Na vida farta de prazer, sonora.

— Como o teu louco pensamento expandes  
Filho — a ventura não é só dos grandes  
Porque, olha, o mar também é grande e... Chore!

#### TRISTE

Vai-se extinguindo a viva labareda  
Que te abrasava o coração ridente...  
Passas magoada pela rua e a gente  
Um converses funerais segreda.

Não tens no olhar o sangue q'embebeda,  
Foram-se as rosas do viver contente...  
Segues, agora, pobre flor — somente  
Da sepultura a essencial vereda.

E vem chegando o tenebroso inverno...  
Mas nesse mal devorador e eterno,  
Teu organismo já não mais resiste

Às punhaladas da estação de gelo...  
E acabará como eu nem sei dizê-lo,  
Triste, bem triste, pesarosa, triste!

#### CELESTE

Aos corações ideais

Lembra-me ainda — ao lado de um repuxo,  
Pela brancura de um luar de agosto,  
O teu maninho, um loiro pequerrucho  
Brincava, rindo, te afagando o rosto...

Lembra-me ainda — as sombras do sol posto,  
Numa saleta sem brasões de luxo,  
De alguns bordados de fineza e gosto  
Delineavas o gentil debuxo...

E o gás que forte e cintilante ardia,  
Te iluminava, te alagava... Ria...  
Da luz ficavas no imponente abrigo.

E agora... Deixa que ao cair da noite,  
Esta lembrança dentro de mim se acoite,  
Como a andorinha no telhado amigo!

#### [ ESTAS RISADAS ]

Estas risadas límpidas e frescas  
Que Pan trauteia em cálamos maviosos  
Nesta amplidão dos campos verdurosos,

Nestas paisagens flóreas, pitorescas;

Toda esta pompa e gala principescas  
Destas searas, destes altanosos  
Montes e várzeas, prados vigorosos,  
Louros — talvez como as visões tudescas;

Este luxuoso e rico paramento,  
Feito de luz e de deslumbramento  
— Do grande altar da natureza imensa.

Aguarda o poeta sacerdote augusto,  
Para cantar no seu missal robusto,  
A nova Missa da razão que pensa...

#### AOS MORTOS

Oh! não é bom rir-se de um morto — brusca  
Pois deve ser a sensação que aumenta  
Desoladora, vagarosa, lenta  
Da negra morte tétrica velhusca...

Tudo que em vida, como um sol, corusca,  
Que nos aquece, que nos acalenta,  
Tudo que a dor e a lágrima afugenta,  
O olhar da morte nos apaga e ofusca...

Nunca se deve desprezar os mortos...  
Nos regelados e sombrios portos,  
Onde a matéria se transforma e urge

Exuberar na planturosa leiva,  
Vivem os mortos no vigor da seiva,  
Porque dão vida ao que da vida surge!...

#### LUAR

Pelas esferas, nuvens peregrinas,  
Brandas de toques, encaracoladas,  
Passam de longe, tímidas, nevadas,  
Cruzando o azul sereno das colinas.

Sombras da tarde, sombras vespertinas  
Como escumilhas leves, delicadas,  
Caem da serra oblonga nas quebradas,  
Vão penumbrando as coisas cristalinas.

Rasga o silêncio a nota chã, plangente,  
Da Ave-Maria, — e então, nervosamente,  
Nuns inefáveis, espontâneos jorros

Esbate o luar, de forma admirável,

Claro, bondoso, elétrico, saudável,  
Na curvilínea compridão dos mortos.

#### MOCIDADE

Ah! Esta mocidade! — Quem é moço  
Sente vibrar a febre enlouquecida  
Das ilusões, da crença mais florida  
Na muscular artéria de Colosso...

Das incertezas nunca mede o poço...  
Asas abertas — na amplidão da vida,  
Páramo a dentro — de cabeça erguida,  
Vê do futuro o mais alegre esboço...

Chega a velhice, a neve das idades  
E quem foi moço, volve, com saudades,  
Do azul passado, o fulgido compêndio...

Ai! Esta mocidade palpitante,  
Lembra um inseto de ouro, rutilante,  
Em derredor das chamas de um incêndio!

#### SONETO

Vão-se de todo os pardacentos nimbos...  
Chovem da luz as nítidas faíscas  
E no esplendor de irradiações mouriscas,  
Abrem-se as flores em gentis corimbos.

Muito mais lestras do que amigos fimbros,  
Do Azul cortando as bordaduras priscas,  
Pombas do mato esvoaçando, ariscas,  
Do céu se perdem nos profundos limbos.

A natureza pulsa como a forja...  
Pássaros vibram no clarim da gorja,  
As retumbantes, fortes clarinadas.

A grande artéria dos assombros pula...  
E do oxigênio, a força que regula  
Enche os pulmões a largas baforadas.

#### NA FONTE

Bem ao lado da gruta a fonte corre  
Trepidamente, as águas encrespando,  
Em murmúrios crebos, levantando  
Uns chamalotes prateados — morre

No monte o sol que a luz no oceano escorre  
E ainda eu vejo, as sombras afrontando,  
Uma mulher que lava, mesmo quando  
O sol mais rubro, mais vermelho jorre.

— É num sítio afastado, um sítio ermo...  
Pássaros cortam vastidões sem termo,  
Borboletas azuis roçam nas águas.

— E a mulher lava, enrubescida a face;  
Lava, cantando, como se lavasse  
As suas tristes e profundas mágoas.

[SONETO]

A fonte de águas cristalinas corre  
Chamalotes de prata levantando,  
E através de arvoredos murmurando,  
Entre arvoredos murmurando morre...

No ocaso, o sol, a luz no oceano escorre  
E sempre vejo, as sombras afrontando,  
Uma mulher que canta e ri, lavando,  
Mesmo que o sol muito abrasado jorre.

É verde o campo, deleitável e ermo.  
Pássaros cortam vastidões sem termo,  
Borboletas azuis roçam nas águas.

E cantando, a mulher, a rir a face,  
Lava cantando como se lavasse  
As suas grandes e profundas mágoas.

CEGA

Parece-me que a luz imaculada  
Que vem do teu olhar, todo doçuras,  
Não verte no meu ser aquelas puras  
Delícias de outra era já passada.

Eu creio que essa pálpebra adorada  
Não mais um flóreo empíreo de venturas  
Descobre-me — na noite de amarguras,  
De dúvidas intérminas cortada.

Não olhas como olhavas, rindo, outrora,  
Não abres a pupila, como a aurora  
Nascendo, abre, feliz, radiosa e calma.

A sombra, nos teus olhos, funda, existe!...  
Tu'alma deve ser bem negra e triste  
Se os olhos são, decerto, o espelho d'alma.

ERMIDA

Lá onde a calma e a placidez existe,  
Sobre as colinas que o vergel encobre,  
Aquela ermida como está tão pobre,

Aquela ermida como está tão triste.

A minha musa, sem falar, assiste,  
Do meio-dia ante o aspecto nobre,  
O vago, estranho e murmurante dobre  
Daquela ermida que aos trovões resiste  
E as gargalhadas funéreas, sombrias,  
Dos crus invernos e das ventanias,  
Do temporal desolador e forte.

Daquela triste esbranquiçada ermida,  
Que me recorda, me parece a vida  
Jogada às magoas e ilusões da sorte.

### ÁGUA-FORTE

Do firmamento azul e curvilíneo  
Cai, fecundando as trêmulas raízes  
Dos laranjais, dos pâmpanos, das lizes,  
A luz do sol procriador, sangüíneo.

Pelo caminho agreste e retilíneo,  
Da tarde aos brandos, triunfais matizes,  
A criançada, a chusma dos felizes,  
Esse de auroras perfumado escrínio,

Volta da escola, rindo muito, aos saltos,  
Trepando, em bulha, aos árvoredos altos  
Enquanto o sol desce os outeiros longos...

Vai dentre alados madrigais risonhos,  
Do abecedário juvenil dos sonhos,  
A soletrar os principais ditongos.

### ALMA QUE CHORA

A João Saldanha

Em vão do Cristo aos olhos dulçurosos  
Onde há o sol do bem e da verdade,  
Cheios da luz eterna de saudade,  
Como dois mansos corações piedosos,

Em vão do Cristo os olhos lacrimosos  
E aquela doce e pura suavidade  
Do seu semblante, casto, de bondade,  
Cor do luar dos sonhos venturosos,

Servem de exemplo a dor escruciente  
Que te apunhala e fere a cada instante,  
A punhaladas ríspidas, austeras!

Viste partir a tua irmã, se, viste,  
Como num céu enevoadado e triste  
O bando azul das fúlgidas quimeras...

#### CHUVA DE OURO

A Rainha desceu do Capitólio  
Agora mesmo — vede-lhe o regaço...  
Como tem flores, como traz o braço  
Farto de jóias, como pisa o sólio

Triunfantemente, numa unção, num óleo  
Mais santo e doce que essa luz do espaço...  
E como desce com bravura de aço...  
Pois se a Rainha, como um rico espólio,

O seu brioso coração foi dando  
Aos pobrezinhos, que inda estão gozando  
Bênçãos mais puras qu'os clarões diurnos,

Por certo que há de vir descendo a escada  
Do Capitólio da virtude — olhada  
Pelos Albergues infantis, noturnos!

#### PRIMAVERA A FORA

Escute, excelentíssima: — Que aragens  
Traz do árvoredo a fresca romaria;  
Como este sol é rubro de alegria,  
Que tons de luz nas límpidas paisagens.

Pois beba este ar e goze estas viagens  
Das brancas aves, sinta esta harmonia  
Da natureza e deste alegre dia  
Que resplandece e ri-se nas ervagens.

Deixe lá fora estrangular-se o mundo...  
Encare o céu e veja este fecundo  
Chão que produz e que germina as flores.

Vamos, senhora, o braço à primavera,  
E numa doce música sincera,  
Cante a balada eterna dos amores...

#### 25 DE MARÇO

(Recife, 1885)

Em Pernambuco para o Ceará

Bem como uma cabeça inteiramente nua  
De sonhos e pensar, de arroubos e de luzes,  
O sol de surpresa esconde-se, recua,  
Na órbita traçada — de fogo dos obuses.

Da enérgica batalha estóica do Direito  
Desaba a escravatura — a lei cujos fossos  
Se ergue a consciência — e a onda em mil destroços  
Resvala e tomba e cai o branco preconceito.

E o Novo Continente, ao largo e grande esforço  
De gerações de heróis — presentes pelo dorso  
À rubra luz da glória — enquanto voa e zumbe.

O inseto do terror, a treva que amortalha,  
As lágrimas do Rei e os bravos da canalha,  
O velho escravagismo estéril que sucumbe.

#### NINHO ABANDONADO

À distinta família Simas, pela morte de seu chefe,  
o Ilmo. Sr. João da Silva Simas.

O vosso lar harmônico e tranqüilo  
Era um ninho de luz e de esperanças  
Que como abelhas iriadas, mansas,  
Nos vossos corações tinham asilo.

Havia lá por dentro tanta crença  
E tanto amor puríssimo, cantando,  
Que parecia um largo sol faiscando  
Por majestosa catedral imensa.

Agora o ninho está desamparado!  
Sumiu-se dele o pássaro adorado,  
O mais ideal dos pássaros do ninho.

Não se ouve mais a música sonora  
Da sua voz — dentro do ninho, agora,  
Paira a saudade como um bom carinho.

Índice

#### CRENÇA

Filha do céu, a pura crença é isto  
Que eu vejo em ti, na vastidão das cousas,  
Nessa mudez castíssima das lousas,  
No belo rosto sonhador do Cristo.

A crença é tudo quanto tenho visto  
Nos olhos teus, quando a cabeça pousas  
Sobre o meu colo e que dizer não ousas  
Todo esse amor que eu venço e que conquisto.

A crença é ter os peregrinos olhos  
Abertos sempre aos ríspidos escolhos;  
Tê-los à frente de qualquer farol

E conservá-los, simplesmente acesos  
Como dois fachos — engastados, presos  
Nas radiações prismáticas do sol!

### CRISTO E A ADÚLTERA

(Grupo de Bernardelli)

Sente-se a extrema comoção do artista  
No grupo ideal de plácida candura,  
Nesse esplendor tão fino da escultura  
Para onde a luz de todo o olhar enrista.

Que campo, ali, de rútila conquista  
Deve rasgar, do mármore na alvura,  
O estatuário — que amplidão segura  
Tem — de alma e braço, de razão e vista!

Vê-se a mulher que implora, ajoelhada,  
A mais serena compaixão sagrada  
De um Cristo feito a largos tons gloriosos.

De um Nazareno compassivo e terno,  
D'olhos que lembram, cheios de falerno,  
Dois inefáveis corações piedosos!

### ÊXTASE DE MÁRMORE

À grande atriz Apolônia.

O mármore profundo e cinzelado  
De uma estátua viril, deliciosa;  
Essa pedra que geme, anseia e goza  
Num misticismo altíssimo e calado;

Essa pedra imortal — campo rasgado  
A comoção mais íntima e nervosa  
Da alma do artista, de um frescor de rosa,  
Feita do azul de um céu muito azulado;

Se te visse o clarão que pelos ombros  
Teus, rola, cai, nos múltiplos assombros  
Da Arte sonora, plena de harmonia;

O mármore feliz que é muito artista  
Também — como tu és — à tua vista  
De humildade e ciúme, coraria!

### INVERNO

Amanheceu — no topo da colina  
Um céu de madrepérola se arqueia  
Limpo, lavado, reluzindo — ondeia  
O perfume da selva esmeraldina.

Uma luz virginal e cristalina,  
Como de um rio a transbordante cheia,  
Alaga as terras culturais e arreia  
De pingos d'ouro os verdes da campina.

Um sol pagão, de um louro gema d'ovo,  
Já tão antigo e quase sempre novo  
Surge na frígida estação do inverno.

— Chilreiam muito em árvores frondosas  
Pássaros — fulge o orvalho pelas rosas  
Como o vigor no espírito moderno.

#### FALANDO AO CÉU

Falas ao Céu, Amor! Em vão tu falas!  
Mas o céu, esse é velho, esse é velhinho,  
Todo ele é branco, faz lembrar o linho  
Dos leitos alvos onde tu te embalas.

A alma do céu é como velhas salas  
Sem ar, sem luz, como lares sem vinho  
Sem água e pão, sem fogo e sem carinho,  
Sem as mais toscas, as mais simples galas.

Sempre surdo, hoje o céu é mudo, é cego...  
Jamais o coração ao céu entrego,  
Eu que tão cego vou por entre abrolhos.

Mas se queres tornar jovem e louro  
Dá-lhe o bordão do teu amor um pouco  
Fala e vista, com a vida dos teus olhos...

#### GLORIOSA

A Araújo Figueredo

Pomba! dos céus me dizes que vieste,  
Toda c'roadada de astros e de rosas,  
Mas há regiões mais que essas luminosas.  
Não, tu não vens da região celeste

Há um outro esplendor em tua veste,  
Uma outra luz nas tranças primorosas,  
Outra harmonia em teu olhar — maviosas  
Cousas em ti que tu nunca tiveste.

Não, tu não vens das célicas planuras,  
Do Éden que ri e canta nas alturas  
Como essa voz que dos teus lábios tomba.

Vens de mais longe, vens doutras paragens,

Vens doutros céus de místicas celagens,  
Sim, vens de sóis e das auroras, pomba.

#### O CHALÉ

É um chalé luzido e aristocrático,  
De fulgurantes, ricos arabescos,  
Janelas livres para os ares frescos,  
Galante, raro, encantador, simpático.

O sol que vibra em rubro tom prismático,  
No resplendor dos luxos principescos,  
Dá-lhe uns alegres tiques romanescos,  
Um colorido ideal silforimático.

Há um jardim de rosas singulares,  
Lírios joviais e rosas não vulgares,  
Branças e azuis e roxas purpúreas.

E a luz do luar caindo em brilhos vagos,  
Na placidez de adormecidos lagos  
Abre esquisitas radiações sulfúreas.

#### DELÍRIO DO SOM

O Boabdil mais doce que um carinho,  
O teu piano ebúrneo soluçava,  
E cada nota, amor, que ele vibrava,  
Era-me n'alma um sol desfeito em vinho.

Me parecia a música do arminho,  
O perfume do lírio que cantava,  
A estrela-d'alva que nos céus entoava  
Uma canção dulcíssima baixinho.

Incomparável, teu piano — e eu cria  
Ver-te no espaço, em fluidos de harmonia,  
Bela, serena, vaporosa e nua;

Como as visões olímpicas do Reno,  
Cantando ao ar um delicioso treno  
Vago e dolente, com uns tons de lua.

#### ILUSÕES MORTAS

A Virgílio Várzea

Os meus amores vão-se mar em fora,  
E vão-se mar em fora os meus amores,  
A murchar, a murchar, como essas flores  
Sem mais orvalho e a doce luz da aurora.

E os meus amores não virão agora,

Não baterão as asas multicores,  
Como as aves mansas — dentre os esplendores  
Do meu prazer, do meu prazer de outrora.

Tudo emigrou, rasgando a esfera branca  
Das ilusões, — tudo em revoada franca  
Partiu — deixando um bem-estar saudoso

No fundo ideal de toda a minha vida,  
Qual numa taça a gota indefinida  
De um bom licor antigo e saboroso.

O SONHO DO ASTRÓLOGO  
As fulguosas, rútilas estrelas  
Como mundos de mundos seculares,  
Formando uns arquipélagos, uns mares  
De luz — como eu deslumbro o olhar ao vê-las.

Ah! se como eu sei compreendê-las,  
Sentir-lhes os seus filtros salutareis,  
Pudesse, da amplidão fria dos ares  
Arrancá-las, na mão sempre trazê-las;

Que vagalhões de assombros palpitantes  
Não me viriam perpassar, faiscantes,  
Dentro do ser, nuns d'outros murmúrios.

Eu saberia muito mais a causa  
Da evolução que nunca teve pausa,  
Que é uma audácia transbordando em rios.

CRISTO  
Cristo morreu, ó tristes criaturas,  
Era matéria como vós, morreu;  
E quando a noite sepulcral desceu  
Gelou com ele o oceano das ternuras.

Nunca outro sol de irradiações mais puras  
Subiu tão alto e tanto resplendeu,  
Nunca ninguém tão firme combateu  
Da humanidade todas as torturas.

Morreu, que se ele, o Deus, ressuscitasse,  
Limpa de sangue e lágrimas a face,  
Os seus olhos tranqüilos, virginais,

Dons inefáveis, corações piedosos,  
Tinham de abrir-se muito dolorosos,  
Também chorando quando vós chorais!

### FRUTAS DE MAIO

Maio chegou — alegre e transparente  
Cheio de brilho e música nos ares,  
De cristalinos risos salutares,  
Frio, porém, ó gota alvinigente.

Corre um fluido suave e odorescente  
Das laranjeiras, como dos altares  
O incenso — e, como a gaze azul dos mares,  
Leve — há por tudo um beijo, docemente.

Isto bem cedo, de manhã — adiante  
Pela tarde um sol calmo, agonizante,  
Põe no horizonte resplendentes franjas.

Há carinhos, da luz em cada raio,  
Filha — e eu que adoro este frescor de maio  
Muito, mas muito — trago-te laranjas.

### ETERNO SONHO

*Quelle est donc cette femme?  
Je ne comprendrai pas.  
Félix Arvers*

Talvez alguém estes meus versos lendo  
Não entenda que amor neles palpita,  
Nem que saudade trágica, infinita  
Por dentro dele sempre está vivendo.

Talvez que ela não fique percebendo  
A paixão que me enleva e que me agita,  
Como de uma alma dolorosa, aflita  
Que um sentimento vai desfalecendo.

E talvez que ela ao ler-me, com piedade,  
Diga, a sorrir, num pouco de amizade,  
Boa, gentil e carinhosa e franca:

— Ah! Bem conheço o teu afeto triste...  
E se em minha alma o mesmo não existe,  
É que tens essa cor e é que eu sou branca!

### RISADAS

Às criaturas alegres

Fantasia, ó fantasia, tropo ardente  
Da aurora alegre undiflavando as bandas  
Do adamascado e rúbido oriente,  
Ó fantasia, águia das asas pandas.

Tu que os clarins do sonho mais fulgente  
Das Julietas, feres, nas varandas,  
Ó fantasia dos Romeus, ó crente,  
Por que países meridionais tu andas?!

Vem das esferas, entre os sons que vibras.  
Vem, que desejo emocionar as fibras,  
Quero sentir como este sangue impulsas.

Noiva do sol que os sóis preclaros gozas  
Para rimar umas canções de rosas,  
Como risadas de cristal, avulsas...

#### AVE! MARIA...

Ave! Maria das Estrelas, Ave!  
Cheia de graça do luar, Maria!  
Harmonia de cântico suave,  
Das harpas celestiais branda harmonia...

Nuvem d'incensos através da nave  
Quando o templo de pompas irradia  
E em prantos o órgão vai plangendo grave  
A profunda e gemente litania...

Seja bendito o fruto do teu ventre,  
Jesus, mais belo dentre os astros e entre  
As mulheres judaicas mais amado...

Ó Luz! Eucaristia da beleza,  
Chama sagrada no Evangelho acesa,  
Maravilha do Amor e do Pecado!

#### IMPASSÍVEL

Teu coração de mármore não ama  
Nem um dia sequer, nem um só dia.  
Essa inclemente natureza fria  
Jamais na luz dos astros se derrama.

Mares e céus, a imensidade clama  
Por esse olhar d'estrelas e harmonia,  
Sem uma névoa de melancolia,  
Do amor nas pompas e na vida chama.

A Imensidade nunca mais quer vê-lo,  
Indiferente às comoções, de gelo  
Ao mar, ao sol, aos roseirais de aromas.

Ama com o teu olhar, que a tudo encantas,  
Ou se antes de pedra, como as santas,  
Mudas e tristes dentro das redomas.

### VERÔNICA

Não a face do Cristo, a macilenta  
Face do Cristo, a dolorosa face...  
O martírio da Cruz passou fugace  
E este Martírio, esta Paixão é lenta.

Um vivo sangue a face te ensangüenta,  
Mais vivo que se o Deus o derramasse;  
Porque esta vã paixão, para que passe,  
É mister dos Titãs a luta incruenta.

Se tu, Visão da Luz, Visão sagrada  
Queres ser a Verônica sonhada,  
Consoladora dessa dor sombria

Impressa ficara no teu sudário  
Não a face do Cristo do Calvário  
Mas a face convulsa da Agonia!

### SÍMILES (Desterro)

Pedro traiu a fé do Apostolado.  
Madalena chorou de arrependida;  
E nessa mágoa triste e indefinida  
Havia ainda uns laivos de pecado.

Tudo que a Bíblia tinha decretado,  
Tudo o que a lenda humilde e dolorida  
De Jesus Cristo apregoou na vida,  
Cumriu-se à risca, foi executado.

O filho-Deus da cândida Maria,  
Da flor de Jericó, na cruz sombria  
Os seus dias amáveis terminou.

Pedro traiu a fé dos companheiros.  
Madalena chorou sob os olmeiros  
Jesus Cristo sofreu e... Perdoou.

### EXILADA

Bela viajante dos países frios  
Não te seduzam nunca estes aspectos  
Destas paisagens tropicais — secretos,  
— Os teus receios devem ser sombrios.

És branca e és loura e tens os amavios  
Os incógnitos filtros prediletos  
Que podem produzir ondas de afetos  
Nos mais sensíveis corações doentios.

Loura Visão, Ofélia desmaiada,  
Deixa esta febre de ouro, a febre ansiada  
Que nos venenos deste sol consiste.

Emigra destes cálidos países,  
Foge de amargas, fundas cicatrizes,  
Das alucinações de um vinho triste...

#### SONETOS

Do som, da luz entre os joviais duetos,  
Como uma chusma alada de gaivotas,  
Vindos das largas amplidões remotas,  
Batem as asas todos os sonetos.

Vão — por estradas, por difíceis rotas,  
Quatorze versos — entre dois quartetos  
E duas belas e luzidas frotas  
Rijas, seguras, de mais dois tercetos.

Com a brunida lâmina da lima,  
Vão céus radiosos, horizontes acima,  
Pelas paragens límpidas, gentis,

Atravessando o campo das quimeras,  
Aberto ao sol das flóreas primaveras,  
Todo estrelado de áureos colibris.

#### DECADENTES

Richepin, Rollinat! Gritos sangrentos  
Da carne alvoroçada de desejos,  
Mosto de risos, lágrimas e beijos,  
Estertores de abutres famulentos.

Desesperado frêmito dos ventos,  
De harpas, sutis, fantásticos harpejos,  
Clarins de guerra, e cânticos e adejos  
De aves — todos os vivos elementos.

Tudo flameja e nas estrofes canta,  
Estruge, zune, em borbotões levanta  
Noites, luares, fulgurantes dias.

Mas nessa ideal temperatura forte  
Tudo isso é triste como a flor da morte  
Que brota dentro das caveiras frias...

#### OLAVO BILAC

Vim afinal para o solar dos astros,  
De irradiações puríssimas e belas,  
Numa viagem de alterosos mastros,

Numa viagem de saudosas velas...

Das alegrias nos febris enastros  
Que as almas prendem para percebê-las,  
Vim cantando e feliz, fugindo aos rastros  
Da terra de onde vi e ouvi estrelas.

E por aqui, nas lúcidas paisagens,  
Vestido das mais fluídicas roupagens  
Tecido de ouro, nos clarões imersos...  
Ando a gozar, entre lauréis e palmas,  
O que cantei na terra, junto às almas,  
Na eterna florescência dos meus versos.

#### DOENTE

As unhas perigosas da bronquite  
Nas tuas carnes sensuais e moles  
Não deixarão que o teu amor palpite  
Nem que os olhares pelos astros roles.

É fatal a moléstia. Só permite  
Que te acabes por fim e que te estioles.  
Sem que em teu peito o coração se agite,  
Sem que te animes, sem que te consoles.

Vai se extinguindo a polpa dessas faces...  
Mas se ainda hoje em mim acreditasses,  
Como no tempo virginal de outrora,  
Tu curar-te-ias com pequeno esforço  
Das serranias através do dorso,  
Pela saúde dos vergéis afora.

#### DOENTE [variação]

As unhas perigosas da bronquite  
Nas tuas carnes flácidas e moles,  
Não deixarão que o teu amor palpite,  
Nem que os olhares pela esfera roles...

É fatal a moléstia — só permite  
Que te acabes por fim, e que te estioles,  
Sem que em teu peito um coração se agite,  
Sem que te animes, sem que te consoles.

Vai-se extinguindo a polpa dessas faces!  
Mas se ainda hoje em mim acreditasses,  
Como no tempo musical de outrora,

Me seguirias com pequeno esforço,  
Das serranias através do dorso,  
Pela saúde dos vergéis afora!

### LIRIAL

Vens com uns tons de searas,  
De prados enflorescidos  
E trazes os coloridos  
Das frescas auroras claras.

E tens as nuances raras  
Dos bons prazeres servidos  
Nos rostos enlourecidos  
Das parisienses preclaras.

Chapéu das finas elites,  
De roses e clematites,  
Chapéu Pierrette — entre o sol

Passando, esbelta e rosada,  
Pareces uma encantada  
Canção azul do Tirol.

### TO SLEEP, TO DREAM

Dormir, sonhar — o poeta inglês o disse...  
Ah! Mas se a gente nunca mais sonhasse  
Ah! Mas se a gente nunca mais dormisse  
E a ilusões não mais acalentasse?  
E o que importava que o futuro risse  
De um visionário que tal coisa ideasse;  
Se não seria o único que abrisse  
Uma exceção da vida humana à face?...

Se os imortais filósofos modernos  
Que derrubaram todos os infernos,  
Que destruíram toda a teogonia.

Orientando a triste humanidade,  
Deixaram, mais e mais, a piedade  
Inteira e desolada e fria?

### NO CAMPO

Acordo de manhã cedo  
Da luz aos doces carinhos:  
Que rosas pelos caminhos!  
Que rumor pelo árvoredo!

Para o azul radioso e ledado  
Sobe, de dentro dos ninhos,  
O canto dos passarinhos  
Cheio de amor e segredo.

Dentre moitas de verdura  
Voam as pombas nevadas,

Imaculadas de alvura.

Pelas margens das estradas  
Que penetrante frescura  
Que femininas risadas!

#### FRUTAS E FLORES

Laranjas e morangos — quanto às frutas,  
Quanto às flores, porém, ah! Quanto às flores,  
Trago-te dalias rubras, d'essas cores  
Das brilhantes auroras impolutas.

Venho de ouvir as misteriosas lutas  
Do mar chorando lágrimas de amores;  
Isto é, venho de estar entre os verdores  
De um sítio cheio de asperezas brutas,

Mas onde as almas — pássaros que voam —  
Vivem sorrindo às músicas que ecoam  
Dos campos livres na rural pobreza.

Trago-te frutas, flores, só apenas,  
Porque não pude, irmã das açucenas,  
Trazer-te o mar e toda a natureza!

#### VISÃO MEDIEVAL

Quando em outras remotas primaveras,  
Na idade-média, sob fuscas tetos,  
Dois amantes passavam, mil aspectos  
Tinham aquelas medievais quimeras.

Nas armaduras rígidas e austeras,  
Na aérea perspectiva dos objetos  
Andavam sonhos e visões, diletos  
Segredos mortos nas extintas eras.

O fantasma do amor pelos castelos  
Mudo vagava entre os luazes belos,  
Dos corredores nas paredes frias.

Não raro se escutava um som de passos,  
Rumor de beijos, frêmito de abraços  
Pelas caladas, fundas galerias.

#### RECORDAÇÃO

Foi por aqui, sob estes arvoredos,  
Sob este doce e plácido horizonte,  
Perto da clara e pequenina fonte  
Que murmura lá baixo os seus segredos...

Recordo bem todos os cantos ledos  
Da passada — e lembro-me da ponte  
Por sobre a qual via-se além, de frente,  
O mar azul batendo nos penedos.

Sinto a impressão ainda da paisagem,  
Do trêmolo (...) \* da folhagem,  
Das culturas rurais, do sítio agreste.

A luz do dia vinha então morrendo...  
Foi por aqui que eu pude ficar crendo  
O quanto pode o teu olhar celeste.

\* Rasurado

#### ROMA PAGÃ

Na antiga Roma, quando a saturnal fremente  
Exerceu sobre tudo o báquico domínio,  
Não era raro ver nos gozos do triclínio  
A nudez feminina imperiosa e quente.  
O corpo de alabastro, olímpico e fulgente,  
Lascivamente nu, correto e retilínio,  
Num doce tom de cor, esplêndido e sangüíneo,  
Tinha o assombro da carne e a forma da serpente.

A luz atravessava em frocos d'oiro e rosa  
Pela fresca epiderme, ebúrnea e setinosa,  
Macia, da maciez dulcíssima de arminhos.

Menos raro, porém, do que a nudez romana  
Era ver borbulhar, em férvida espadana  
A púrpura do sangue e a púrpura dos vinhos.

#### ESPIRITUALISMO

Ontem, à tarde, alguns trabalhadores,  
Habitantes de além, de sobre a serra,  
Cavavam, revolviam toda a terra,  
Do sol entre os metálicos fulgores.

Cada um deles ali tinha os ardores  
De febre de lutar, a luz que encerra  
Toda a nobreza do trabalho e — que erra  
Só na cabeça dos conspiradores,

Desses obscuros revolucionários  
Do bem fecundo e cultural das leivas  
Que são da Vida os maternais sacrários.

E pareceu-me que do chão estuante  
Vi porejar um bálsamo de seivas  
Geradoras de um mundo mais pensante.

### PLANGÊNCIA DA TARDE

Quando do campo as prófugas ovelhas  
Voltam a tarde, lépidas, balando  
Com elas o pastor volta cantando  
E fulge o ocaso em convulsões vermelhas.

Nos beirados das casas, sobre as telhas  
Das andorinhas esvoaça o bando...  
E o mar, tranqüilo, fica cintilando  
Do sol que morre as últimas centelhas.

O azul dos montes vago na distância...  
No bosque, no ar, a cândida fragrância  
Dos aromas vitais que a tarde exala.

Às vezes, longe, solta, na esplanada,  
A ovelha errante, tonta e desgarrada,  
Perdida e triste pelos ermos bala ...

### ALMA ANTIGA

Põe a tua alma francamente aberta  
Ao sol que pelos páramos faísca,  
Que o sol para a tua alma velha e prisca  
Deve de ser como um clarim de alerta.

Desperta, pois, por entre o sol, desperta  
Como de um ninho a pomba quente e arisca  
À luz da aurora que dos altos risca  
De listrões d'ouro a vastidão deserta.

Vai por abril em flores gorjeando  
Como pássaro exul as canções leves  
Que os ventos vão nas árvores deixando.

E tira da tua alma, ó doce amiga,  
Almas serenas, puras como a neve,  
Almas mais novas que a tua alma antiga!

### VANDA

Vanda! Vanda do amor, formosa Vanda,  
Makuâma gentil, de aspecto triste,  
Deixe que o coração que tu poluíste  
Um dia, se abra e revivesça e expanda.

Nesse teu lábio sem calor onde anda  
A sombra vã de amores que sentiste  
Outrora, acende risos que não viste  
Nunca e as tristezas para longe manda.

Esquece a dor, a lúbrica serpente

Que, embora esmaguem-lhe a cabeça ardente,  
Agita sempre a cauda venenosa.

Deixa pousar na seara dos teus dias  
A caravana irial das alegrias  
Como as abelhas pousam numa rosa.

#### ÊXTASE

Quando vens para mim, abrindo os braços  
Numa carícia lânguida e quebrada,  
Sinto o esplendor de cantos de alvorada  
Na amorosa fremência dos teus passos.

Partindo os duros e terrestres laços,  
A alma tonta, em delírio, alvoroçada,  
Sobe dos astros a radiosa escada  
Atravessando a curva dos espaços.

Vens, enquanto que eu, perplexo d'espanto,  
Mal te posso abraçar, gozar-te o encanto  
Dos seios, dentre esses rendados folhos.

Nem um beijo te dou! abstrato e mudo  
Diante de ti, sinto-te, absorto em tudo,  
Uns rumores de pássaros nos olhos.

#### LUAR

Ao longo das louríssimas searas  
Caiu a noite taciturna e fria...  
Cessou no espaço a límpida harmonia  
Das infinitas perspectivas claras.

As estrelas no céu, puras e raras,  
Como um cristal que nítido radia,  
Abrem da noite na mudez sombria  
O cofre ideal de pedrarias caras.

Mas uma luz aos poucos vai subindo  
Como do largo mar ao firmamento — abrindo  
Largo clarão em flocos d'escomilha.

Vai subindo, subindo o firmamento!  
E branca e doce e nívea, lento e lento,  
A lua cheia pelos campos brilha...

#### CELESTE

Vi-te crescer! tu eras a criança  
Mais linda, mais gentil, mais delicada:  
Tinhas no rosto as cores da alvorada  
E o sol disperso pela loira trança.

Asas tinhas também, as da esperança...  
E de tal sorte eras sutil e alada  
Que parecias ave arrebatada  
Na luz do Espaço onde a razão descansa!

Depois, então, fizeste-te menina,  
Visão de amor, puríssima, divina,  
Perante a qual ainda hoje me ajoelho.

Cresceste mais! És bela e moça agora...  
Mas eu, que acompanhei toda essa aurora,  
Sinto bem quanto estou ficando velho.

#### A PARTIDA

Partimos muito cedo — A madrugada  
Clara, serena, vaporosa e fresca,  
Tinha as nuances de mulher tudesca  
De fina carne esplêndida e rosada.

Seguimos sempre afora pela estrada  
Franca, poeirenta, alegre e pitoresca,  
Dentre o frescor e a luz madrigalesca  
Da natureza aos poucos acordada.

Depois, no fim, lá de algum tempo — quando  
Chegamos nós ao termo da viagem,  
Ambos joviais, a rir, cantarolando,

Da mesma parte do levante, de onde  
Saímos, pois, faiscava na paisagem  
O sol, radioso e altivo como um conde.

#### CANÇÃO DE ABRIL

Vejo-te, enfim, alegre e satisfeita.  
Ora bem, ora bem! — Vamos embora  
Por estes campos e rosais afora  
De onde a tribo das aves nos espreita.

Deixa que eu faça a matinal colheita  
Dos teus sonhos azuis em cada aurora,  
Agora que este abril nos canta, agora,  
A florida canção que nos deleita.

Solta essa fulva cabeleira de ouro  
E vem, subjuga com teu busto louro  
O sol que os mundos vai radiando e abrindo.

E verás, ao raiar dessa beleza,  
Nesse esplendor da virgem natureza,

Astros e flores palpitando e rindo.

#### O MAR

Que nostalgia vem das tuas vagas,  
Ó velho mar, ó lutador Oceano!  
Tu de saudades íntimas alagas  
O mais profundo coração humano.

Sim! Do teu choro enorme e soberano,  
Do teu gemer nas desoladas plagas  
Sai o quer que é, rude sultão ufano,  
Que abre nos peitos verdadeiras chagas.

Ó mar! Ó mar! Embora esse eletrismo,  
Tu tens em ti o gérmen do lirismo,  
És um poeta lírico demais.

E eu para rir com humor das tuas  
Nevroses colossais, bastam-me as luas  
Quando fazem luzir os seus metais...

#### MANHÃ

Alta alvorada. — Os últimos nevoeiros  
A luz que nasce levemente espalha;  
Move-se o bosque, a selva que farfalha  
Cheia da vida dos clarões primeiros.

Da passarada os vôos condoreiros,  
Os cantos e o ar que as árvores ramalha  
Lembram combate, estrídula batalha  
De elementos contrários e altaneiros.

Vozes, trinados, vibrações, rumores  
Crescem, vão se fundindo aos esplendores  
Da luz que jorra de invisível taça.

E como um rei num galeão do Oriente  
O sol põe-se a tocar bizarramente  
Fanfarras marciais, trompas de caça.

#### RIR!

Rir! Não parece ao século presente  
Que o rir traduza, sempre, uma alegria...  
Rir! Mas não rir como essa pobre gente  
Que ri sem arte e sem filosofia.

Rir! Mas com o rir atroz, o rir tremente,  
Com que André Gil eternamente ria.  
Rir! Mas com o rir demolidor e quente  
Duma profunda e trágica ironia.

Antes chorar! Mais fácil nos parece.  
Porque o chorar nos ilumina e nos aquece  
Nesta noite gelada do existir.

Antes chorar que rir de modo triste...  
Pois que o difícil do rir bem consiste  
Só em saber como Henri Heine rir!...

#### IDEAL COMUM

(Soneto escrito em colaboração com Oscar Rosas).

Dos cheirosos, silvestres ananases  
De casca rubra e polpa acidulosa,  
Tens na carne fremente, volutuosa,  
Os aromas recônditos, vivazes.

Lembras lírios, papoulas e lilazes;  
A tua boca exala a trevo e a rosa,  
Resplande essa cabeça primorosa  
E o dia e a noite nos teus olhos trazes.

Astros, jardins, relâmpagos e luas  
Inundam-te os fantásticos cismares,  
Cheios de amor e estranhos calafrios;

E teus seios, olímpicos, morenos,  
Propinando-me trágicos venenos,  
São como em brumas, solitários rios.

#### ASPIRAÇÃO

Quisera ser a serpe astuciosa  
Que te dá medo e faz-te pesadelos  
Para esconder-me, ó flor luxuriosa,  
Na floresta ideal dos teus cabelos.

Quisera ser a serpe venenosa  
Para enroscar-me em múltiplos romances,  
Para saltar-te aos seios cor-de-rosa.  
E bajulá-los e depois mordê-los.

Talvez que o sangue impuro e rutilante  
Do teu divino corpo de bacante,  
Sangue febril como um licor do Reno

Completamente se purificasse  
Pois que um veneno orgânico e vorace  
Para ser morto é bom outro veneno.

#### SENSIBILIDADE

Como os audazes, ruivos argonautas,

Intrépidos, viris e corajosos  
Que voltam dos orientes fantasiosos,  
Dos países de Núbios e Aranautas.  
Como esses bravos, que por naus incautas,  
Regressam dos oceanos borrascosos,  
Indo encontrar nos lares harmoniosos  
De luz, vinho e alegria as mesas lautas.

Tal o meu coração, quando aparece  
A tua imagem, canta e resplandece,  
Sem lutas, sem paixões, livre de abrolhos.

A meu pesar, louco de ver-te, louco,  
As lágrimas me correm pouco a pouco,  
Como o champanhe virginal dos olhos...

#### GLÓRIAS ANTIGAS

Rubras como gauleses arruivados,  
Voltam da guerra as hostes triunfantes,  
Trazem nas lanças d' aço lampejantes,  
Os louros das batalhas pendurados.

Os escudos e arneses dos soldados  
Rutilam como lascas de diamantes  
E na armadura os músculos vibrantes,  
Rijos, palpitam, batem nervurados.

Dentre estandartes, flâmulas de cores,  
Trazem dos olhos rufos de tambores,  
Ruídos de alegria estranha e louca.

Chegam por fim, à pátria vitoriosa...  
E então, da ardente glória belicosa,  
Há um grito vermelho em cada boca!

#### PÁSSARO MARINHO

Manhã de maio, rosas pelo prado,  
Gorjeios, pelas matas verdurosas  
E a luz cantando o idílio de um noivado  
Por entre as matas e por entre as rosas.

Uma toilette matinal que o alado  
Corpo te enflora em graças vaporosas,  
Mergulhas, como um pássaro rosado,  
Nas cristalinas águas murmurossas.

Dás o bom dia ao Mar nesse mergulho  
E das águas salgadas ao marulho  
Sais, no esplendor dos límpidos espaços.

Trazes na carne um reflorir de vinhas,  
Auroras, virgens músicas marinhas,  
Acres aromas de algas e sargaços!

A FREIRA MORTA  
(Desterro)

Muda, espectral, entrando as arcarias  
Da cripta onde ela jaz eternamente  
No austero claustro silencioso — a gente  
Desce com as impressões das cinzas frias...

Pelas negras abóbadas sombrias  
Donde pende uma lâmpada fulgente,  
Por entre a frouxa luz triste e dormente  
Sobem do claustro as sacras sinfonias.

Uma paz de sepulcro após se estende...  
E no luar da lâmpada que pende  
Brilham clarões de amores condenados...

Como que vem do túmulo da morta  
Um gemido de dor que os ares corta,  
Atravessando os mármore sagrados!

CLARO E ESCURO

Dentro — os cristais dos tempos fulgurantes,  
Músicas, pompas, fartos esplendores,  
Luzes, radiando em prismas multicores,  
Jarras formosas, lustres coruscantes,

Púrpuras ricas, galas flamejantes,  
Cintilações e cânticos e flores;  
Promiscuamente férvidos odores,  
Mórbidos, quentes, finos, penetrantes.

Por entre o incenso, em límpida cascata,  
Dos siderais turíbulos de prata,  
Das sedas raras das mulheres nobres;

Clara explosão fantástica de aurora,  
Deslumbramentos, nos altares! — Fora,  
Uma falange intérmina de pobres.

MAGNÓLIA DOS TRÓPICOS  
A Araújo Figueiredo

Com as rosas e o luar, os sonhos e as neblinas,  
Ó magnólia de luz, cotovia dos mares,  
Formaram-te talvez os brancos nenúfares

Da tua carne ideal, de correções felinas.

O teu colo pagão de virgens curvas finas  
É o mais imaculado e flóreo dos altares,  
Donde eu vejo elevar-se eternamente aos ares  
Viáticos de amor e preces diamantinas.

Abre, pois, para mim os teus braços de seda  
E do verso através a límpida alameda  
Onde há frescura e sombra e sol e murmurejo;

Vem! com a asa de um beijo a boca palpitando,  
No alvoroço febril de um pássaro cantando,  
Vem dar-me a extrema-unção do teu amor num beijo.

### HÓSTIAS A Emílio de Menezes

Nos arminhos das nuvens do infinito  
Vamos noivar por entre os esplendores,  
Como aves soltas em vergéis de flores,  
Ou penitentes de um estranho rito.

Que seja nosso amor — sidério mito! —  
O límpido turíbulo das dores,  
Derramando o incenso dos amores  
Por sobre o humano coração aflito.

Como num templo, numa clara igreja,  
Que o sonho nupcial gozado seja,  
Que eu durma e sonhe nos teus níveis flancos.

Contigo aos astros fúlgidos alado,  
Que sejam hóstias para o meu noivado  
As flores virgens dos teus seios brancos!

### BOCA IMORTAL

Abre a boca mordaz num riso convulsivo  
Ó fera sensual, luxuriosa fera!  
Que essa boca nervosa, em riso de pantera,  
Quando ri para mim lembra um capro lascivo.

Teu olhar dá-me febre e dá-me um brusco e vivo  
Tremor as carnes, que eu, se ele em mim reverbera,  
Fico aceso no horror da paixão que ele gera,  
Inflamada, fatal, dum sangue rubro e ativo.

Mas a boca produz tais sensações de morte,  
O teu riso, afinal, é tão profundo e forte  
E tem de tanta dor tantas negras raízes;

Rigolboche do tom, ó flor pompadouresca!  
Que és, para mim, no mundo, a trágica e dantesca  
Imperatriz da Dor, entre as imperatrizes!

PSICOLOGIA HUMANA  
A Santos Lostada

Por trás de uns vidros d'óculos opacos  
Muita vez um leão e um tigre rugem,  
E como um surdo temporal estrugem  
Os ódios dos covardes e dos fracos.

Partir pudesses, ó poeta, em cacos,  
Vidros que ocultam almas de ferrugem,  
Que espumam de ira, tenebrosas magem,  
Magem como de dentro de uns buracos.

Que essas sombrias, dúbias almas foscas  
Que parecem, no entanto, como moscas,  
Inofensivas, babam como as lesmas.

Mas tu, em vão, tais vidros partiras,  
Pois que no mundo, eternamente, as frias  
Almas humanas serão sempre as mesmas!

OS MORTOS

Ao menos junto dos mortos pode a gente  
Crer e esperar n'alguma suavidade:  
Crer no doce consolo da saudade  
E esperar do descanso eternamente.

Junto aos mortos, por certo, a fé ardente  
Não perde a sua viva claridade;  
Cantam as aves do céu na intimidade  
Do coração o mais indiferente.

Os mortos dão-nos paz imensa à vida,  
Dão a lembrança vaga, indefinida  
Dos seus feitos gentis, nobres, altivos.

Nas lutas vãs do tenebroso mundo  
Os mortos são ainda o bem profundo  
Que nos faz esquecer o horror dos vivos.

FLORIPES

Fazes lembrar as mouras dos castelos,  
As errantes visões abandonadas  
Que pelo alto das torres encantadas  
Suspiravam de trêmulos anelos.

Traços ligeiros, tímidos, singelos  
Acordam-te nas formas delicadas  
Saudades mortas de regiões sagradas,  
Carinhos, beijos, lágrimas, desvelos.

Um requinte de graça e fantasia  
Dá-te segredos de melancolia,  
Da Lua todo o lânguido abandono...

Desejos vagos, olvidadas queixas  
Vão morrer no calor dessas madeixas,  
Nas virgens florescências do teu sono.

#### O CEGO DO HARMONIUM

Esse cego do harmonium me atormenta  
E atormentando me seduz, fascina.  
A minh'alma para ele vai sedenta  
Por falar com a sua alma peregrina.

O seu cantar nostálgico adormenta  
Como um luar de mórbida neblina.  
O harmonium geme certa queixa lenta,  
Certa esquisita e lânguida surdina.

Os seus olhos parecem dois desejos  
Mortos em flor, dois luminosos beijos  
Fanados, apagados, esquecidos...  
Ah! eu não sei o sentimento vário  
Que prende-me a esse cego solitário,  
De olhos aflitos como vãos gemidos!

#### HORAS DE SOMBRA

Horas de sombra, de silêncio amigo  
Quando há em tudo o encanto da humildade  
E que o anjo branco e belo da saudade  
Roga por nós o seu perfil antigo.

Horas que o coração não vê perigo  
De gozar, de sentir com liberdade...  
Horas da asa imortal da Eternidade  
Aberta sobre tumular jazigo.  
Horas da compaixão e da clemência,  
Dos segredos sagrados da existência,  
De sombras de perdão sempre benditas.

Horas fecundas, de mistério casto,  
Quando dos céus desce, profundo e vasto,  
O repouso das almas infinitas.

ALELUIA! ALELUIA!

Dentre um cortejo de harpas e alaúdes  
Ó Arcanjo sereno, Arcanjo níveo,  
Baixas-te à terra, ao mundanal convívio...  
Pois que a terra te ajude, e tu me ajudes.

Que tu me alentes nas batalhas rudes,  
Que me tragas a flor de um doce alívio  
Aos báratros, às brenhas, ao declívio  
Deste caminho de ânsias e ataúdes...

Já que desceste das regiões celestes,  
Nesse clarão flamívomo das vestes,  
Através dos troféus da Eternidade

Traz-me a Luz, traz-me a Paz, traz-me a Esperança  
Para a minh'alma que de angústias cansa,  
Errando pelos claustros da Saudade!

ROSA NEGRA

Nervosa Flor, carnívora, suprema,  
Flor dos sonhos da Morte, Flor sombria,  
Nos labirintos da tu'alma fria  
Deixa que eu sofra, me debata e gema.

Do Dante o atroz, o tenebroso lema  
Do Inferno a porta em trágica ironia,  
Eu vejo, com terrível agonia,  
Sobre o teu coração, torvo problema.

Flor do delírio, flor do sangue estuoso  
Que explode, porejando, caudaloso,  
Das volúpias da carne nos gemidos.

Rosa negra da treva, Flor do nada,  
Dá-me essa boca acídula, rasgada,  
Que vale mais que os corações proibidos!

VOZINHA

Velha, velhinha, da doçura boa  
De uma pomba nevada, etérea, mansa.  
Alma que se ilumina e se balança  
Dentre as redes da Fé que nos perdoa.

Cabeça branca de serena leoa,  
Carinho, amor, meiguice que não cansa,  
Coração nobre sempre como a lança  
Que não vergue, não fira e que não doa.

Olhos e voz de castidades vivas,

Pão ázimo das Páscoas afetivas,  
Simples, tranqüila, dadivosa, franca.

Morreu tal qual vivera, mansamente,  
Na alvura doce de uma luz algente,  
Como que morta de uma morte branca.

#### NO EGITO

Sob os ardentes sóis do fulvo Egito  
De areia estuosa, de candente argila,  
Dos sonhos da alma o turbilhão desfila,  
Abre as asas no páramo infinito.

O Egito é sempre o amigo, o velho rito  
Onde um mistério singular se asila  
E onde, talvez mais calma, mais tranqüila  
A alma descansa do sofrer prescrito.

Sobre as ruínas d'ouro do passado,  
No céu cavo, remoto, ermo e sagrado,  
Torva morte espectral pairou ufana...

E no aspecto de tudo em torno, em tudo,  
Árido, pétreo, silencioso, mudo,  
Parece morta a própria dor humana!

#### OCASOS

Morrem no Azul saudades infinitas  
Mistérios e segredos inefáveis...  
Ah! Vagas ilusões imponderáveis,  
Esperanças acerbas e benditas.

Ânsias das horas místicas e aflitas,  
De horas amargas das intermináveis  
Cogitações e agruras insondáveis  
De febres tredas, trágicas, malditas.

Cogitações de horas de assombro e espanto  
Quando das almas num relevo santo  
Fulgem de outrora os sonhos apagados.

E os bracos brancos e tentaculosos  
Da Morte, frios, álgidos, nervosos,  
Abrem-se pare mim torporizados.

#### REPOUSO

A cabeça pendida docemente  
Em sonhos, sonha o sonhador inquieto,  
Repousa e nesse repousar discreto  
É sempre o sonho o seu bordão clemente.

Cego desta Prisão impenitente  
Da Terra e cego do profundo Afeto,  
O sonho é sempre o seu bordão secreto  
O seu guia divino e refulgente.

Nem no repouso encontra a paz que espera,  
Para lhe adormecer toda a quimera,  
Os círculos fatais do seu Inferno.

Entre a calma aparente, a estranha calma,  
O seu repouso é sempre a febre d'alma,  
O seu repouso é sonho, e sonho eterno.

#### REQUIESCAT...

Grande, grande Ilusão morta no espaço,  
Perdida nos abismos da memória,  
Dorme tranqüila no esplendor da glória,  
Longe das amarguras do cansaço...

Ilusão, Flor do sol, do morno e lasso  
Sonho da noite tropical e flórea,  
Quando as visões da névoa transitória  
Penetram na alma, num lascivo abraço...

Ó Ilusão! Estranha caravana  
de águias, soberbas, de cabeça ufana,  
De asas abertas no clarão do Oriente.

Não me persiga o teu mistério enorme!  
Pelas saudades que me aterram, dorme,  
Dorme nos astros infinitamente...

#### DOCE ABISMO

Coração, coração! a suavidade,  
Toda a doçura do teu nome santo  
É como um cálix de falerno e pranto,  
De sangue, de luar e de saudade.

Como um beijo de mágoa e de ansiedade,  
Como um terno crepúsculo d'encanto,  
Como uma sombra de celeste manto,  
Um soluço subindo a Eternidade.

Como um sudário de Jesus magoado,  
Lividamente morto, desolado,  
Nas auréolas das flores da amargura.

Coração, coração! onda chorosa,  
Sinfonia gemente, dolorosa,

Acerba e melancólica doçura.

#### HARPAS ETERNAS

Hordas de Anjos titânicos e altivos,  
Serenos, colossais, flamipotentes,  
De grandes asas vívidas, frementes,  
De formas e de aspectos expressivos.

Passam, nos sóis da Glória redivivos,  
Vibrando as de ouro e de Marfim dolentes,  
Finas harpas celestes, refulgentes,  
Da luz nos altos resplendores vivos

E as harpas enchem todo o imenso espaço  
De um cântico pagão, lascivo, lasso,  
Original, pecaminoso e brando...

E fica no ar, eterna, perpetuada  
A lânguida harmonia delicada  
Das harpas, todo o espaço avassalando.

#### DUPLA VIA-LÁCTEA

Sonhei! Sempre sonhar! No ar ondulavam  
Os vultos vagos, vaporosos, lentos,  
As formas alvas, os perfis nevoentos  
Dos Anjos que no Espaço desfilavam.

E alas voavam de Anjos brancos, voavam  
Por entre hosanas e chamejamentos...  
Claros sussurros de celestes ventos  
Dos Anjos longas vestes agitavam.

E tu, já livre dos terrestres lodos,  
Vestida do esplendor dos astros todos,  
Nas auréolas dos céus engrinaldada

Dentre as zonas de luz flamo-radiante,  
Na cruz da Via-Láctea palpitante  
Apareceste então crucificada!

#### TITÃS NEGROS

Hirtas de Dor, nos áridos desertos  
Formidáveis fantasmas das Legendas,  
Marcham além, sinistras e tremendas,  
As caravanas, dentre os céus abertos...

Negros e nus, negros Titãs, cobertos  
Das bocas vis das chagas vis e horrendas,  
Marcham, caminham por estranhas sendas,  
Passos vagos, sonâmbulos, incertos...

Passos incertos e os olhares tredos,  
Na convulsão de trágicos segredos,  
De agonias mortais, febres vorazes...

Têm o aspecto fatal das feras bravas  
E o rir pungente das legiões escravas,  
De dantescos e torvos Satanases!...

#### ENTRE CHAMAS...

Sonhei que de astros no Infinito presa  
Vagavas, brandamente adormecida,  
Nas chamas siderais resplandecida,  
A carne, em chamas, no Infinito, acesa...

E eu pasmava de encanto e de surpresa  
Vendo a constelação indefinida  
Da tua carne flamejando vida,  
Dentre os íris radiantes da beleza...

E o teu corpo, nas chamas palpitando,  
Os astros em redor maravilhando,  
Por entre a auréola dos clarões cantava...

Então, de sonho em sonho, absorto, mudo,  
Eu senti alastrar, vibrar por tudo  
Toda a infinita sensação da lava!...

#### O ANJO DA REDENÇÃO

Soberbo, branco, etereamente puro,  
Na mão de neve um grande facho aceso,  
Nas nevroses astrais dos sóis surpreso,  
Das trevas deslumbrando o caos escuro.

Portas de bronze e pedra, o horrendo muro  
Da masmorra mortal onde estás preso  
Desce, penetra o Arcanjo branco, ileso  
Do ódio bifronte, torso, torvo e duro.

Maravilhas nos olhos e prodígios  
Nos olhos, chega dos azuis litígios  
Desce à tua caverna de bandido.

E sereno, agitando o estranho facho,  
Põe-te aos pés e a cabeça, de alto a baixo,  
Auréolas imortais de Redimido!

#### SALVE! RAINHA!...

Ó sempre virgem Maria, concebida  
sem pecado original, desde o  
primeiro instante do teu ser...

Mãe de Misericórdia, sem pecado  
Original, desde o primeiro instante!  
Salve! Rainha da Mansão radiante,  
Virgem do Firmamento constelado...

Teu coração de espadas lacerado,  
Sangrando sangue e fel martirizante,  
Escute a minha Dor, a torturante,  
A Dor do meu soluço eternizado.

A minha Dor, a minha Dor suprema,  
A Dor estranha que me prende, algema  
Neste Vale de lágrimas profundo...

Salve! Rainha! por quem brado e clamo  
E brado e brado e com angústia chamo,  
Chamo, através das convulsões do mundo!...

[SONETO]

Branças Aparições, Visões renanas,  
Imagens dos Ascetas peregrinos,  
Hinos nevoentos, neblinosos hinos  
Das brumosas igrejas luteranas.  
Vago mistério das regiões indianas,  
Sonhos do Azul dos astros cristalinos,  
Coros de Arcanjos, claros sons divinos  
Dos Arcanjos, nas tiorbas soberanas.

Tudo ressurge na minh'alma e vaga  
Num fluido ideal que me arrebatava e alaga,  
No abandono mais lânguido mais lasso...

Quando lá nos sacrários do Cruzeiro  
A lua rasga o trêmulo nevoeiro,  
Magoada de vigílias e cansaço...

VIOLINOS

Pelas bizarras, góticas janelas  
De um tempo medieval o sol ondula:  
Nunca os vitrais viram visões mais belas  
Quando, no ocaso, o sol os doura e oscula...

Doces, multicores aquarelas  
Sobre um saudoso céu que além se azula...  
Calma, serena, divinal, entre eras,  
A pomba ideal dos Ângelus arrula...

Rezam de joelhos anjos de mãos postas  
Através dos vitrais, e nas encostas  
Dos montes sobe a claridade ondeando...

É a lua de Deus, que as curvas meigas  
Foi ondular pelos vergéis e veigas  
Magnólias e lírios desfolhando...

#### GUERRA JUNQUEIRO

Quando ele do Universo o largo supedâneo  
Galgou como os clarões — quebrando o que não serve,  
Fazendo que explodissem os astros de seu crânio,  
As gemas da razão e os músculos da verve;

Quando ele esfuziou nos páramos as trompas,  
As trompas marciais — as líras do estupendo,  
Pejadas de prodígios, assombros e de pompas,  
Crescendo em proporções, crescendo e recrescendo;

Quando ele retesou os nervos e as artérias  
Do verso orbicular — rasgando das misérias  
O ventre do Ideal na forte hematemesa.

Clamando — é minha a luz, que o século propague-a,  
Quando ele avassalou os píncaros da água  
E o sol do Equador vibrou-lhe aquelas teses!

#### CAMPESINAS AO AR LIVRE A Virgílio Várzea

Tu trazes agora o peito  
Como essas urnas sagradas,  
Repleto de gargalhadas,  
Sonoro, bom, satisfeito.

Por dentro cantam assombros  
E causas esplendorosas  
Como latadas de rosas  
Dos muros entre os escombros.

Quando o ideal nos alaga,  
Embora as lutas do mundo,  
Levanta-se um sol fecundo  
Do peito em cada uma chaga.

Voltou-se a seiva de outrora,  
De outro, mais forte e destro,  
Iluminado maestro,  
Das harmonias da aurora.

Fulgurem por isso as musas,  
As belas musas, por isso...  
Voltou-te o passado viço,  
Foram-se as mágoas, confusas.

Agora, quando eu dirijo  
Meus passos, à tua porta,  
Sinto-te um bem que conforta,  
Vejo-te alegre e mais rijo.

Porque afinal pela vida  
Nem tudo se desmorona  
Quando se vaga na zona  
Da mocidade florida.

Gostas de ver pelos ramos  
Das verdes árvores novas,  
A chocalhar umas trovas,  
Coleiros e gaturamos.

Já podes bem comer frutas,  
Os teus simpáticos jambos,  
E ouvir alguns ditirambos  
Da natureza nas grutas.  
Podes olhar as esferas,  
Com ar direito e seguro,  
De frente para o futuro,  
De lado para as quimeras.

Não tenhas cofres avaros  
De santos — na luz te afoga,  
E a alma arremessa e joga  
Por esses páramos claros.

Reúne os sonhos dispersos  
Como andorinhas vivaces  
E o colorido das faces  
Ao coberto dos versos.

Como uns lábaros vermelhos,  
Contente como os lilazes,  
As crenças dos bons rapazes  
Tem prismas como os espelhos.

#### NOS CAMPOS

Por entre campos de seara loura  
De alegre sol puríssimo batidos,  
Passam carros chiantes de lavoura  
E raparigas sãs, de coloridos  
Que a luz solar que as ilumina e doura  
Lembram pomares e jardins floridos,  
Por entre campos de seara loura.

A Natureza inteira reverdece  
Pelos montes e vales e colinas;

E o luar que freme, anseia e resplandece,  
Movido por aragens vespertinas,  
Parece a alma dos tempos que floresce...  
Enquanto que por prados e campinas  
A Natureza inteira reverdece.

A paz das coisas desce sobre tudo!  
E no verde sereno d'espessuras,  
No doce e meigo e cândido veludo,  
Tremem cintilações como armaduras  
Ou como o aço brunido dum escudo;  
Enquanto que das límpidas alturas  
A paz das coisas desce sobre tudo!

A casa, a rude tenda construída,  
Onde habitam as mães e as crianças  
Promiscuamente, nessa mesma vida  
De perfume lírial das esperanças,  
Como é feliz, dos astros aquecida!  
Aquecida do Amor nas asas mansas  
A casa, a rude tenda construída.

As bocas impolutas e cheirosas  
Das raparigas, pródigas belezas  
De finos lábios púrpuros de rosas,  
Abrem, cheias de angélicas purezas,  
As cristalinas fontes murmurosas  
De risos, refrescando em correntezas  
As bocas impolutas e cheirosas.

Da vida aurora rica do seu sangue  
Flameja a carne em báquicas vertigens!  
E quem tiver uma epiderme exangue  
Para ficar com essas faces virgens,  
Para não ser mais pálida nem languê,  
Tem de beber das cálidas origens  
Da viva aurora rica do seu sangue.

Lindas ceifeiras percorrendo searas  
Nos campos, ó bizarras raparigas,  
Pelas manhãs e pelas tardes claras  
Vós desfolhais sorrisos e cantigas  
Que deixam ver as pérolas mais raras  
Dos dentes brancos, frescos como estrigas...  
Lindas ceifeiras percorrendo searas!

A BORBOLETA AZUL  
No alegre sol de então  
De uma manhã de amor,  
A borboleta solta no fulgor

Da luz, lembrava um leve coração.

la e vinha e a voar  
Gentil e trêfega, azul,  
Sonoramente a percorrer pelo ar,  
Como um silfo tenuíssimo e taful.

Sobre os frescos rosais  
Pousava débil, sutil,  
Doirando tudo de um risonho abril  
Feito de beijos e de madrigais.

Que doce embriaguez  
O vôo assim seguir  
Da borboleta azul, correndo, a vir  
Do espaço pela Etérea candidez!

Fazendo, tal e qual,  
O mesmo giro assim,  
O mesmo vôo límpido, sem fim,  
Nos mundos virgens de qualquer ideal.

Ir como ela também  
Em busca das loucas  
E tropicais e fulgidas manhãs  
Cheias de colibris e sol, além...

Ir com ela na luz  
De mundos através,  
Sem abrolhos nas mãos, cardos nos pés,  
Ó alma, minha, que alegria a flux!...

No alegre sol de então  
De uma manhã de amor  
A borboleta solta no fulgor  
Da luz, lembrava um leve coração.

#### RENASCIMENTO

Canta ao sol, como as cigarras  
A tua nova alegria.  
No Azul ressoam fanfarra  
Da grande vida sadia.

Alerta, um clarim de alerta  
Àquela antiga saúde:  
— À clara janela aberta  
Para o mar salgado e rude.

Que volte, ruidosa, agora,  
Como um pássaro marinho,

A tua saúde, a aurora  
Do teu sangue, estranho vinho.

E como espiga madura  
Floresce outra vez a vida,  
Resplandece à formosura,  
Ó torre de ouro florida!

Quero-te em rosas festivas  
A polpa das carnes brancas.  
E rindo-te às forças vivas  
Com rubras risadas francas.

Formosa, soberba e nua,  
Nesse olhar que tudo abrange,  
Na fronte um diadema, em lua  
Num talhe curvo de alfanje;

Vem! o sol é teu amante!  
Ah! vem mergulhar nos braços  
Do flavo sultão radiante  
Do harém azul dos espaços.

#### ABELHAS

Gotas de luz e perfume,  
Leves, tênues, delicadas,  
Acesas no doce lume  
De purpúreas alvoradas.

Pingos de ouro cristalinos  
Alados na esfera, ondeando,  
Dispersos por entre os hinos,  
Da natureza vibrando.

Sorrisos aéreos, soltos,  
Flavas asas radiantes,  
Que levam consigo envoltos  
Da aurora os sóis fecundantes.

Da aurora que a primavera  
Faz cantar, brota no peito  
E floresce em folhas de hera  
O coração satisfeito.

Essa aurora produtiva  
Do amor soberano e eterno,  
Que é nas almas força viva  
E nas abelhas falerno.

Nas doudejantes abelhas

Que dentre flores volitam  
E do sol entre as centelhas  
Resplendem, fulgem, palpitam.

Zumbem, fervem nas colméias  
E rumorejam no enxame  
Pelas flóridas aléias  
Onde um prado se derrame.

Assim mesmo pequeninas  
E quase invisíveis, quase,  
Com as suas asitas finas,  
De etérea de fluida gaze.

Ah! quanto são adoráveis  
Os favos que elas fabricam!  
Com que graças inefáveis  
Se geram, se multiplicam.

Nos afãs industriosos  
Que enlevo, que encanto vê-las  
Com seus corpos luminosos  
D'irriante brilho d'estrelas.

E nas ondas murmurasas  
Dos peregrinos adejos  
Vão dar ao lábio das rosas  
O mel doirado dos beijos.

#### BESOUROS...

Marche, marche, marche a verve!  
Bandeiras, clarins, tambores,  
Marchar!

A poncheira ideal, que ferve,  
Sons, aromas, chamas, cores!  
Cantar!

Que este diabo vem, saudoso,  
Das profundezas do arcano,  
Viver!

O vinho maravilhoso  
Da forma raro e renano,  
Beber!

Vem beber o vinho iriado,  
O Falerno, claro e quente,  
Haurir!

Num paladar requintado,  
Todo inflamado e fremente  
Sentir!

Que o sangue da verve vibre  
Raja, raja, raja, raja,  
Taful!

E a alma do sol se equilibre  
Para que mais sonhos haja  
No azul!...

Mas este diabo tão fino,  
Que de tudo dá o acorde  
Genial!

Este capróide genuíno,  
Verde, verde, morde, morde,  
Fatal.

PAPOULA  
A Oscar Rosas

Assim loura és mais formosa  
Do que se fosses trigueira:  
Corpo de eflúvios de rosa  
Com esbeltez de palmeira.

Vestida de cor da aurora  
Leve dos fluidos da graça,  
És uma estrela sonora  
Que, em sonhos, pelo éter passe.

Resplandece em teu cabelo  
Um fulgor de sol dourado,  
Que só de senti-lo e vê-lo  
Fica tudo iluminado.

Do teu branco leque aberto  
Que lembra uma asa de garça,  
Aspiro um perfume incerto,  
Talvez a tua alma esparsa.

Num resplendor de madona  
E altivez de corça arisca  
Surges da luz entre a zona  
Com quebrantos de odalisca.

Que venha o duque normando  
De castelos escoceses

Com seu ar bizarro e brando  
Amar-te os olhos ingleses.

E entre aromas e frescores  
E revoadas de abelhas,  
Como num campo de flores  
Que esse olhar vibre centelhas.

Que cantem na tua boca  
As alegrias radiadas,  
Numa ideal rajada louca  
De vôos de passaradas.

Que como os astros no espaço,  
Teu encanto resplandeça...  
Com pelúcias no regaço  
E asas de ave na cabeça.

E que os teus dois seios puros  
Que o amor fecundando beija  
Fiquem cheios e maduros  
Com dois bicos de cereja.

## CAMPESINAS

### I

Camponesa, camponesa,  
Ah! quem contigo vivesse  
Dia e noite e amanhecesse  
Ao sol da tua beleza.

Quem livre, na natureza,  
Pelos campos se perdesse  
E apenas em ti só cresse  
E em nada mais, camponesa.

Quem contigo andasse à toa  
Nas margens duma lagoa,  
Por vergéis e por desertos,

Beijando-te o corpo airoso,  
Tão fresco e tão perfumoso,  
Cheirando a figos abertos.

### II

De cabelos desmanchados,  
Tu, teus olhos luminosos  
Recordam-me uns saborosos

E raros frutos de prados.

Assim negros e quebrados,  
Profundos, grandes, formosos,  
Contêm fluidos vaporosos  
São como campos mondados.

Quando soltas os cabelos  
Repletos de pesadelos  
E de perfumes de ervagens;

Teus olhos, flor das violetas,  
Lembram certas uvas pretas  
Metidas entre folhagens.

### III

As papoulas da saúde  
Trouxeram-te um ar mais novo,  
Ó bela filha do povo,  
Rosa aberta de virtude.

Do campo viçoso e rude  
Regressas, como um renovo,  
E eu ao ver-te, os olhos movo  
De um modo que nunca pude.

Bravo ao campo e bravo a seara  
Que deram-te a pele clara  
São rubores de alvorada.

Que esses teus beijos agora  
Tenham sabores de amora  
E de romã estalada.

### IV

Através das romãzeiras  
E dos pomares floridos  
Ouvem-se as vezes ruídos  
E bater d'asas ligeiras.

São as aves forasteiras  
Que dos seus ninhos queridos  
Vêm dar ali os gemidos  
Das ilusões passageiras.

Vêm sonhar leves quimeras,  
Idílios de primaveras,  
Contar os risos e os males.

Vêm chorar um seio de ave  
Perdida pela suave  
Carícia verde dos vales.

V

De manhã tu vais ao gado  
A cantar entre as giestas,  
Com tuas graças modestas,  
Correndo e saltando o Prado.

E a veiga e o rio e o valado  
Que todos dormem as sestas  
Acordam-se ante as honestas  
Canções desse peito amado.

As aves nos ares gozam,  
Entre abraços se desposam,  
No mais amoroso enlace.  
E as abelhas matutinas  
Que regressam das boninas  
Voam, te em torno da face.

VI

As uvas pretas em- cachos  
Dão agora nas latadas...  
Que lindo tom de alvoradas  
Na vinha, junto aos riachos.

Este ano arados e sachos  
Deixaram terras lavradas,  
À espera das inflamadas  
Ondas do sol, como fachos.

Veio o sol e fecundou-as,  
Deu-lhes vigor, enseivou-as,  
Tornou-as férteis de amor.

Eis que as vinhas rebentaram  
E as uvas amaduraram,  
Sangüíneas, com sol na cor.

VII

Engrinaldada de rosas,  
Surge a manhã pitoresca...  
Que linda aquarela fresca  
Nas veigas deliciosas!

Que bom gosto e perfumosas  
Frutas traz, madrigalesca  
A rapariga tudesca  
Que vem das searas cheirosas!

Como os rios vão cantando,  
Em sons de prata, ondulando,  
Abaixo pelos marnéis!

Que carícia nas verduras,  
Que vigor pelas culturas,  
Que de ouro pelos vergéis!

### VIII

Orgulho das raparigas,  
Encanto ideal dos rapazes,  
Acendes crenças vivazes  
Com tuas belas cantigas.  
No louro ondear das espigas,  
Boca cheirosa a lilazes,  
Carne em polpa de ananases  
Lembras baladas antigas.

Tens uns tons enevoados  
De castelos apagados  
Nas eras medievais.

Falta-te o pajem na ameia  
Dedilhando, a lua cheia,  
O bandolim dos seus ais!

### IX

#### NO CAMPO SANTO

Morreste no campo um dia,  
Como uma flor desprezada.  
Clareava a madrugada  
Azul, vaporosa e fria.

Sobre a agreste serrania,  
Numa ermida branqueada  
Por uma manhã doirada  
Um sino repercutia.

Teu caixão, de camponesas  
E camponeses seguido,  
Desceu abaixo às devesas.

Ganhou o atalho comprido  
De casas em correntezas  
E entrou num campo florido.

#### NA VILA

Nos ervaçais vibrou o sol agora,  
Nas fitas verdes dos canaviais...  
Como rompesse loura e fresca a aurora  
Agora o sol vibrou nos ervaçais.

Murmurejam de alegres os caminhos  
Que até parecem, límpidos, cantar  
Na música melódica dos ninhos  
Que vai nos ares se cristalizar.

Floresce tudo, em toda parte flores  
Neste maio feliz, e tão feliz  
Que as plantas exuberam de vigores  
Desde a profunda, pródiga raiz.

Noivam as aves junto dos riachos  
No seu alado alvorecer de amor;  
E o coqueiral, com os amarelos cachos,  
Pompeia de riquíssimo verdor.

Fluem na sombra meigas fontes claras  
Sob o frondente e vasto laranjal  
E para além magníficas searas  
Se estendem como um leito virginal.

Na serena paz vegetativa  
Faz docemente tudo adormecer  
Mas num sono de luz doirada e viva,  
Quase a dormência de quem vai morrer...

Ah! que o silêncio, a solidão dos ermos,  
Das agrestes paragens do sertão  
Se dão saúdes a espíritos enfermos  
Também supremas nostalgias dão!

A volúpia letal do meio-dia,  
Nas horas encalmadas, sob a luz,  
Dá duma campa a atroz melancolia  
Assinalada numa simples cruz.

Depois o campo na mudez da vila,  
Aquela eterna e soberana paz  
Da imensa vastidão sempre tranqüila  
Como que punge e que entristece mais!

## OS RISONHOS

Pastores e camponesas  
De rudes almas esquivas  
Passam entre as candidezas  
Das estrelas fugitivas.

Parece que nada os punge,  
Nada os punge e sobressalta.  
A lua que os campos unge  
No firmamento vai alta.

E eles passam sob a lua,  
De queixas desafogados,  
A cabeça livre e nua,  
Na florescência dos prados.  
Seres meigos e singelos,  
Mulheres de lindo rosto,  
Lábios cálidos e belos,  
Do quente sabor do mosto.

Pastores de tez morena,  
Queimados ao sol adusto:  
Clareza bem serena  
No fundo do olhar bem justo.

Neles tudo é riso e festa,  
Neles tudo é festa e riso,  
Frescuras brandas de giesta  
E graças de Paraíso.

Simple, toscas e felizes,  
Sem ter um laivo de mágoa:  
Almas das verdes raízes,  
Limpidez de gota d'água.

Neles tudo é paz de aldeia  
E ri com os risos mais frescos...  
O céu inteiro gorjeia  
Idílios madrigalescos.

Seduzido por miragens  
Caminha o bando risonho  
Dessas virentes paragens,  
Levado na asa de um sonho.

Nele tudo ri sem ânsia  
E com doçura secreta;  
E como uma nova infância  
Cantantemente irrequieta.

Encantos de mocidade,  
Saúde, fulgor, vigores,  
Dão-lhe a doce suavidade  
Maravilhosa das flores.

Os corações, fluorescentes,  
Vão nesses peitos cantando  
E rindo em festins ardentes  
E dentre os risos sonhando.

Ri na boca, ri nos olhos,  
Nas faces o bando, rindo  
O bom riso sem abrolhos,  
Que lembra um campo florindo.

Rindo em sonoras risadas,  
Rindo em frêmitos vivazes,  
Rindo em risos de alvoradas,  
Rindo em risos de lilazes.

Os campos entontecidos  
Nos vinhos da lua clara  
Ficam bizarros, garridos,  
De vitalidade rara.

As águas claras das fontes  
Vibram lânguidas sonatas  
E as nuvens vestem os montes  
Das visões mais timoratas.

Na copa dos árvoredos,  
Nas orvalhadas verduras  
Há sonâmbulos segredos  
E murmuradas ternuras.

E o bando festivo passa  
Rindo, alegre, casto e suave,  
Iluminado de graça,  
Mais leve que um vôo de ave.

Podeis rir, almas ditosas,  
Almas novas como frutos  
De vinhas miraculosas  
De pomares impolutos.

Podeis rir, almas eleitas  
Que os anjos percebem tanto  
Lá das esferas perfeitas  
Nas harmonias do Encanto.

Almas brancas, Páscoas leves,  
Alvos pães de áureos altares,  
De mais candidez que as neves  
E a madrugada nos mares.

Almas sem sombras ferozes  
Nem espasmos delirantes.  
Eco das bíblicas vozes,  
Caminhos reverdejantes.

O vosso riso é bendito,  
Os vossos sonhos são castos,  
O estrelamento infinito  
De mundos claros e vastos.

Podeis rir, peitos ufanos,  
Belas almas feiticeiras,  
Vós tendes nos risos lhanos  
O trigo das vossas eiras.

A vossa vida é planície,  
Não tem declives funestos:  
Sois torres que a superfície  
Assenta nos dons modestos.

A nossa vida é bem rasa,  
Preso à terra o vosso esforço;  
Nem mesmo um frêmito de asa  
Vos faz agitar o dorso...

Sois como plantas vencidas  
Conquistadas pela terra,  
Dando à terra muitas vidas  
E tudo que a Vida encerra.

É do vosso sangue moço  
Que na terra se derrama,  
Que sobe o rubro alvoroço  
De ocasos de sóis em chama.

Manchas, ao certo, não tendes  
E nem trágico flagício,  
Almas isentas de duendes,  
Lavadas no Sacrifício.

Das pedras, nos vossos ombros,  
A rigidez não carrega.  
Em jardins tornam-se escombros  
E em luz a crença que é cega.

Desses perfis adoráveis,  
Na curva casta dos flancos  
Brotam viços inefáveis  
Dos florescimentos brancos.

Podeis rir! Ó benfazeja  
Bondade de nobre essência,  
Deus vos chama e vos deseja  
Na estrelada florescência.

Um anjo vos acompanha  
Nessa estrada matutina  
E convosco a ideal montanha  
Sobe da graça divina.

O flagelo deste mundo,  
Nesses corações não pesa.  
Enquanto o Horror vai profundo  
Vossa alma tranqüila reza.

Contritos e de mãos postas,  
Humildemente de joelhos,  
O Demônio, pelas costas,  
Não vem vos dar maus conselhos.

Vós sois as sagradas reses  
Votadas ao azul Sacrário.  
Deus vos olha muitas vezes  
Com o seu olhar visionário.

Mas quando, como as estrelas,  
Adormecerdes um dia,  
Voando mais perto a vê-las  
Na Paragem fugidia.

Quando na excelsa Bonança  
Afinal adormecerdes,  
Nos olhos toda a esperança  
Levando dos prados verdes.

Quando lá fordes, subindo  
Para as límpidas Alturas,  
Profundamente dormindo,  
Em busca das almas puras.

Praza aos céus que nos caminhos  
Da eterna Glória, das palmas,  
Mais brancas que os claros linhos  
Possais encontrar as almas!

DISPERSAS AVANTE

(17 set. 1880)

Ao distinto e talentoso jovem  
José Arthur Boiteux

Avante, sempre nessa luz serena,  
Empunha a pena, sem temor, com fé!...  
Eleva as turbas as idéias d'ouro,  
Que um tesouro tua frente é!...

Eia, caminha nessa senda nobre  
Na pátria pobre, no teu berço aqui!...  
Prossegue altivo, sem parar, constante,  
Faz-te gigante, diz depois: Venci!...

Imita os grandes, incansáveis vultos  
Que lá sepultos no pó negro estão!...  
Anda, romeiro dos vergéis divinos,  
Mergulha em hinos a gentil razão!...

Eia, que sempre na brasílea história  
De alta glória colherás o jus!...  
O livro augusto do Porvir descerra,  
Sê desta terra o precursor da luz!...

AWAY!

A meu distinto amigo e talentoso jovem José Arthur Boiteux

O livro, esse audaz guerreiro,  
Que conquista o mundo inteiro,  
Sem nunca ter Waterloo!...

*(Castro Alves)*

Avante, sempre, nessa luz serena,  
Empunha a pena, sem temor, com fé!...  
Eleva as turbas as idéias d'ouro,  
Que um tesouro tua frente é!...

Eia, caminha nessa senda nobre,  
Na pátria pobre, no teu berço aqui!...  
Prossegue altivo, sem parar, constante,  
Faz-te gigante, diz depois — Venci!...

Ala-te à glória num voar titâneo,  
Burila o crânio de fulgor sem fim!...  
E entre o livro d'imortais perfumes  
Calca os ciúmes d'imbecil Caim!

Imita os grandes, incansáveis vultos  
Que lá sepultos no pó negro estão!...  
Anda, romeiro dos vergéis divinos,

Mergulha em hinos a gentil razão!

Estás na quadra radiante e linda,  
É cedo ainda para enfim descrel!  
És jovem... Pensas... És portanto um bravo  
Ser ignavo... É sucumbir... Morrer!

Vamos, caminha, mesmo embora exangue  
Da frente o sangue vá rolar-te aos pés!  
Agita a alma qual febris as vagas,  
Que dessas chagas brotarão lauréis!  
Além do livro, colossal, enorme,  
Que nunca dorme perscrutando os céus!  
Acima dele supernal, potente  
Está somente, tão-somente Deus!

Vai! ... Vai rasgando, percorrendo os ares,  
Novos palmares, meu gentil condor!  
Depois de teres pedestal seguro  
Lá do futuro te erguerás senhor!...

Qual Ney ousado que, ao vibrar da lança,  
Nutre esperança de ganhar, vencer,  
Assim co'a idéia vai lutar, trabalha,  
Vence a batalha do dinal saber.

Eia que sempre na brasílea história  
De alta glória colherás o jus!...  
O livro augusto do porvir descerra,  
Sê desta terra precursor da luz!!!

#### POESIA

*C'est la musique la poesie de l'âme;  
et la gloire est Dieu, ce sont les  
deux choses les plus charmantes, les  
plus belles, les plus grandes de la vie!*

(Do Autor)

Da música escutando preclaras harmonias  
Vendo em cada lábio brilhar ledos sorrisos  
Vendo luz e flores e tanto entusiasmo  
Julguei-me transportado ao célico Paraíso!

Foi sonho na verdade — mas hoje realizado  
Vos dá, distintos sócios, venturas mais de mil,  
A vós que à frente tendo Penedo, grande, forte,  
Subis, alistridente, qual ave mais gasil!

E quando executais as vossas belas peças  
As notas quais gemidos vagam n'amplidão

Parece que o infinito derrama sobre vós  
Centelhas sublimadas só d'inspiração!

Da arte de Mozart vós sois grandes romeiros  
Lutais como nas vagas o triste palinuro,  
Os olhos tendes fitos na glória que dá brilho  
No livro tricolor e ovante do futuro!

Hoje que os sorrisos assomam em vossos lábios  
Que da "Guarani" alçais áureo pendão,  
Eu humilde e fraco — com flores inodoras  
Somente aqui vos venho fazer uma ovação!

Quando há só coragem, força, intrepidez  
Quando se alimenta no peito divo ardor,  
O homem não recua, caminha p'ro progresso  
Co'a frente sempre erguida, sem ter menor temor,

Sem ter algum trabalho jamais s'alcança trono  
Sem ter valor e força jamais se tem lauréis  
P'ra vossa grande glória, além do grã futuro  
Deus já tem erectos milhares de docéis!

Mas dentre vós vulto sereno se destaca  
Qual Rodes portentoso, imenso, verdadeiro  
Que nunca recuou sequer um só momento  
Que sempre em trabalhar foi pronto companheiro!

E este vosso sócio, digno diretor  
Que forte não pensou jamais em recuar!  
É José Gonçalves — águia valorosa  
A quem, altivamente, eu ousou aqui louvar!

Vencendo mil tropeços, altiva os derribando  
A bela "Guarani" se mostra triunfante  
Foi como esses heróis — na mão sustenta o gládio  
— O gládio da vitória serena e radiante!

Portanto erguei ridente a frente ao infinito!  
Erguei ó grandes bravos a frente toda luz!  
Eis, a senda é bela, sublime, é grandiosa  
Avante pois ness'arte, avante, avante, sus!

E agora concluindo palavras pobrezinhas  
Que eu pronunciar humilde vim aqui,  
Saúdo fervoroso — do imo de minh'alma  
A essa tão gentil, simpática "Guarani"!

SAUDAÇÃO

(Desterro, 14 nov. 1880)

Qual o que não exulta ao ler uma epopéia!  
Qual o que a ver dor não lhe estremece o crânio,  
Em confusões cruéis?! Qual o que tem fresca, sublime, pronta a idéia,  
E do altar da caridade no supedâneo,  
Não deixa alguns lauréis?!  
(Do Autor)

Ontem, grande desgraça  
Que o povo se abraça  
D'Itajaí em geral!  
Ontem, o cetro divino  
Que se tornando ferino  
Tudo esmaga afinal!

Ontem, prantos e dor. . .  
Grandes gritos d'horror...  
A fatal confusão!  
Ontem, lampas perdidas  
De centenas de vidas,  
Que nas águas lá vão!

Ontem, negras as vagas,  
Os belos céus, essas plagas,  
— Onde existe o Senhor!  
Ontem, — fatalidade!  
A pobrezinha cidade  
Toda envolta em negror!

Hoje, oh! Deus sempiterno!  
— O teu gládio superno  
De bonança a irradiar,  
Veio ao povo esmagado  
Ao tredo peso do fado  
Fazer do caos ressurgir!

Hoje, o íris brilhante  
Lá nos céus, radiante,  
Já se faz divulgar!  
E todo o povo prostrado  
Te agradece arroubado  
Mas ainda a chorar!

E corações caridosos  
Farão a dar pressurosos  
Os seus globos gentis!  
Dai! é doce a esmola!  
Ela aos pobres consola,  
Torna-os ledos, gasis!

A miséria chorava

Em delírio bradava  
Por um pouco de pão!  
E eles foram dizendo  
— Ide, pois vos mantendo,  
Aqui tendes a mão!

E vós — lá no tablado,  
O mor rasgo, elevado,  
De fazer acabais!  
E um rasgo de glória  
De brilhante memória  
Pros vindouros anais!

Vós fazeis do cenário  
Um dinal santuário  
Trabalhando p'ra pobres!  
Mostrais bem que nas almas  
Possuís celsas palmas  
De ações muito nobres!

P'ra louvar amadores,  
Tantas lutas, labores,  
Tanta excelsa virtude!  
Ah! me falta uma lira  
Que um poema desfira...  
Ai! me falta alaúde!

Só Deus pode dar louros  
De mil glórias, tesouros,  
Como vós mereceis!  
Pois que feitos são divos,  
Tão imensos, altivos  
Só d'heróis ou de reis!

Amadores briosos!  
Vós sois tão valorosos  
Qual os bravos na guerra!  
Sois os nautas valentes  
Socorrendo ridentes  
Quem cá gema na terra!

Amor, Deus, Caridade  
— E a sublime trindade  
Radiante de Luz!  
Donde vós, amadores,  
Lá colheis os fulgores,  
De mil graças a flux!

A IMPRENSA  
(Desterro, 21 nov. 1880)

A Imprensa e brilhante como o meteoro,  
sublime como os arrebóis do cerúleo  
infinito!  
(Do Autor)

A lâmpada gigantesca  
Das glórias do porvir,  
Turíbulo majestoso  
No mundo a irradiar,  
É a imprensa tesouro  
E c'roa de verde louro  
A frente do escritor!  
E centelha sublimada  
Que vem do céu arrojada  
A treva dando fulgor!

— O homem nasceu pequeno  
Mas com as letras cresceu  
Foi como o vulto de Rodes  
Que lá tão alto s'ergueu!  
Foi preciso — estudando  
Co'a própria idéia lutando  
Mergulhar-se na luz!  
Foi preciso ter glória,  
Brilhante, leda memória,  
Colher renomes a flux!

Foi preciso mil lutas  
Mil labores insanos  
P'ra descobrir nesses mundos  
Da diva luz os arcanos!  
Foi preciso que um bravo  
Não mostrando-se ignavo  
Mas inspirado por Deus!  
A pedra bruta talhasse  
E a luz então derramasse  
Qual seiva santa dos Céus!

Foi preciso os séculos  
Ainda um pouco nas trevas  
Erguessem as frentes bem alto  
E devastassem mil selvas!  
Foi preciso que o mundo  
Sentisse abalo profundo  
Ao desvendar- se o saber!  
Foi preciso que os entes  
Ou se erguessem potentes  
Ou tombassem a morrer!

Mas não! — o homem ergueu-se,

Quase, quase com Deus  
Tirou a fronte da treva  
E só pregou-a nos Céus!  
Viu o futuro de louros  
E quis colher os tesouros  
Que dão renome sem fim!  
Sonhou, sonhou co'a vitória  
E o gládio teve da glória  
Qual o grão Bernardim!  
O homem, gênio sublime,  
Caminha, com seu bordão  
Até achar o brilhante  
A luz, a luz da razão!  
Tropeça um pouco, se tomba  
Ergue-se, voa qual pomba  
E indo a luz descobrir,  
Busca ouvir no infinito  
Do eco ao longe este grito:  
Trabalha para o porvir!

Quando os povos modernos,  
Sentirem no coração  
Uma ardente centelha  
Que caia lá d'amplidão!  
Deixarão esses vícios,  
Insanos, negros, fictícios  
Que dão só noite ao viver!  
E irão curvados a ela  
Depor-lhe verde capela  
Farão então por crescer!

Camões, Milton, Abreu,  
Já da vida sem lampas,  
Erguei-vos crânios altivos  
Espedai essas campas!  
Dizei — se o homem caminha  
Se na treva definha  
A quem se deve louvar?!...  
S'as letras seguem ovantes  
Dizei ó nobres gigantes  
A quem se ergue alcançar?!...

E Guttemberg esse herói,  
Essa vergôntea dinal,  
Que co'escopro na destra!  
Foi das letras fanal!  
Ao descobrir a imprensa  
Essa epopéia imensa  
Para toda a nação,  
Com glória ingente sonhava

Na luz por certo nadava  
Já tinha os louros na mão!

VERSOS  
(Desterro, 9 abr. 1881)

Admirai Carrara, Canova, Rafael,  
Murillo, Mozart e Verdi e tereis  
as sublimes, mais que sublimes,  
as divinas encarnações da arte!  
*(Do Autor)*

Bravo, prole bendita  
Pois à glória infinita  
O lutar vos conduz!  
É assim — trabalhando  
Sempre e sempre estudando  
Que se alcança mais luz!

Contemplai estas flores  
Estes tantos labores  
Contemplai o painel!  
Repetindo orgulhosos  
Estes feitos briosos  
São dum belo pincel!

Eia, jovens, avante!  
Ser artista é brilhante,  
Trabalhar é uma lei!  
Não são só os c'roados  
Que merecem em brados  
Ter as honras de rei!

O artista qu'è pobre  
É tão rico, é tão nobre  
Qual potente César!  
E a glória bem cedo  
Lhe murmura o segredo  
— És artista — és sem par!

Não temais os pampeiros  
Sois gentis brasileiros  
Deveis pois progredir!  
Quem vos traça na história  
Vossa augusta memória  
É um deus — O Porvir!

Levantai-vos potentes  
Altanados, ingentes  
E fazei-vos Criseus!

Só quem pode vergar-vos  
E pensar obumbrar-vos  
Mais ninguém — é só Deus!  
Não fiqueis ignavos  
Que o futuro dá bravos  
Vos dizendo — estudaí!  
Sois humanos — portanto  
Se há de trevas um manto  
Apressai-vos, rasgai!  
Nossa pátria querida  
Necessita mais vida,  
Necessita crescer!  
É preciso contudo  
Que tenhais como escudo  
Quem vos mostra o saber!

E de obreiros altivos,  
Que sereis redivivos  
Que sereis imortais,  
Achareis vossos nomes  
Vossos grandes renomes  
Nas mansões divinais!

Perdoai-me estas flores  
Que tão murchas, sem cores  
Nada podem valer!  
São ofertas sinceras  
Arrancadas deveras  
Para vir vos trazer!

Palinuros — à frente  
Esse trilho é ridente  
Dás-vos honra, louvor!  
Quem o braço vos guia  
Nunca, nunca entibia —  
— É artista... E pintor!

É a vós a quem falo  
E se hoje eu não calo  
Estas vãs expressões!  
É que a louca alegria  
Em minh'alma irradia  
Com fulgentes clarões!

O trabalho enobrece  
Glorifica, engrandece  
Aos artistas quais vós!  
Que zombando da sorte  
Têm a tela por norte  
Os pincéis por faróis!

Eia! Nessa carreira  
Qual a nau sobranceira  
Indo o mar a fender!  
Quando há negros abrolhos,  
Mil cachopos, escolhos  
É mais belo o vencer!

Se o lutar é dos grandes  
Que são gêmeos dos Andes  
Que não sabem tombar!  
Colhereis uma glória  
Mais suprema memória,  
Trabalhando, a lutar!

Deus, o Deus sublimado  
Disse ao homem num brado,  
Da sidérea mansão!  
— Vai depressa arrimar-te  
Aos arcanos da arte,  
Que terás um bordão!

Onde há braços d'artista  
E seu ponto de vista  
Decepar escarcéus!  
E seu gládio seguro  
Vai cavar o futuro  
Vai rasgar negros véus!

E lá quando os vindouros  
Vos c'roarem de louros  
Vos erguerem do céu!  
Bradarão altaneiros:  
— Exultai brasileiros,  
Ressurgiu Rafael!

Não temais os insanos,  
Insensatos humanos  
Bajulantes e maus!  
Trabalhai muito embora!  
Há de vir uma aurora  
P'ra arrancá-los do caos!

Away, estudantes  
Sois vergôntees pujantes  
A lauréis tendes jus!  
Caminhai com coragem,  
Qu'esta é a romagem  
Dos apóstolos da luz!!!...

AO DECÊNIO DE CASTRO ALVES  
Quem sempre vence e o porvir!

No espadanar das espumas  
Que vão à praia saltar!  
Nos ecos das tempestades  
Da bela aurora ao raiar,  
Um brado enorme, profundo,  
Que faz tremer todo o mundo  
Se deixa logo sentir!  
E como o brado solene,  
Ingente, celso, perene,  
É como o brado: — Porvir!

Pergunta a onda: — Quem é?...  
Responde o brado: — Sou eu!  
Eu sou a Fama, que venho  
C'roar o vate, o Criseu!  
Dormi, meu Deus, por dez anos  
E da natura os arcanos  
Não posso todos saber!  
Mas como ouvisse louvores  
De glória, gritos, clamores,  
Também vim louros trazer.

Fatalidade! — Desgraça!  
Fatalidade, meu Deus!  
Passou-se um gênio tão cedo,  
Sumiu-se um astro nos céus!  
As catadupas d'idéias,  
De pensamento epopéias  
Rolaram todas no chão!  
Saindo a alma pra glória  
Bradou pra pátria — vitória!  
Já sou de vultos irmão!

Foi Deus que disse: — Poeta,  
Vem decantar a meus pés.  
Na eternidade há mais luz,  
Dão mais valor ao que és.  
Se lá na terra tens louros,  
Receberás cá tesouros  
De muitas glórias até!  
Terás a lira adorada  
C'o divo plectro afinado  
De Dante, Tasso e Garret!

Então na terra sentiu-se  
Um grande acorde final!  
O belo vate brasileiro

Pendeu a fronte imortal!  
O negro espaço rasgou-se  
E aquele gênio internou-se  
Na sempiterna mansão.  
A sua fronte brilhava  
E o áureo livro apertava  
Serenos e ledos na mão...

E o mundo então sobre os eixos  
Ouviu-se logo rodar!  
É que ele mesmo estremece  
A ver um vulto tombar.  
É que na queda dos entes  
Que são na vida potentes,  
Que têm nas veias ardor,  
Há cataclismos medonhos  
Que só sentimos em sonhos  
Mas que nos causam terror!...

E o coração s'estortega  
E s'entibia a razão!  
No peito o sangue enregela  
E logo a história diz: — Não!  
Não chore a pátria esse filho,  
Se procurou outro trilho  
Também mais glórias me deu!  
E quando os séculos passarem  
Se hão de tristes curvarem  
Enquanto alegre só eu?...

Oh! Basta! Basta! Silêncio!  
Repousa, vate, nos Céus!  
Que muito além dos espaços  
Os cantos subam dos teus!  
Se nesta vida d'enganos  
Não são bastante os humanos  
Pra te render ovações!  
Perdoa os fracos, ó gênio,  
Que pra cantar teu decênio  
Somente Elmano ou Camões!

ENTRE LUZ E SOMBRA  
Ao dia 7 de Setembro  
Libertas Lux Dei!...

Surge enfim o grande astro  
Que se chama Liberdade!...  
Dos sec'los na imensidade  
Eterno perdurará!...  
Como as dulcias matutinas

Que reboam nas colinas,  
Nas selvas esmeraldinas  
Em honra ao celso Tupá!...

Eram só cinéreas nuvens  
Os brasíleos horizontes!  
Curvadas todas as frentes  
Caminhavam no descrer! —  
As brisas nem murmuravam...  
Os bosques nem soluçavam...  
Os peitos nem se arroubavam...  
— Estava tudo a morrer!...

De repente, o sol formoso  
Vai as nuvens esgarçando.  
As almas vão palpitando,  
Cintilam magos clarões!...  
E o Índio fraco, indolente  
Fazendo esforço potente  
Dos pulsos quebra a corrente,  
Biparte os acres grilhões!...

Por terra tomba gemendo  
O vão, atroz servilismo...  
Rui a dobrez no abismo...  
Eis a verdade de pé!...  
Enfim!... Exclama o silvedo  
Enfim!... Lá diz quase a medo  
Selvagem, nu Aimoré!...

Assim, brasílea coorte,  
Falange excelsa de obreiros,  
Soberbos, almos luzeiros  
De nossa gleba gentil,  
Quebrai os elos d'escravos  
Que vivem tristes, ignavos,  
Formando delas uns bravos  
— P'ra glória mais do Brasil!...

Lançai a luz nesses crânios  
Que vão nas trevas tombando  
E ide assim preparando  
Uns homens mais p'ro porvir!  
Fazei dos pobres aflitos  
Sem crenças, lares, proscritos,  
Uns entes puros, benditos  
Que saibam ver e sentir!...

Do carro azul do progresso  
Fazei girar essa mola!

Prendei-os sim, — mas à escola  
Matai-os sim, — mas na luz!  
E então tereis trabalhado  
O negro abismo sondado  
E em nossos ombros levado  
Ao seu destino essa cruz!!...

Fazei do gládio alavanca  
E tudo ireis derribando;  
Dormi, co'a pátria sonhando  
E tudo a flux se erguerá!  
E a funda treva cobarde  
Sentindo homérico alarde,  
Embora mesmo que tarde  
Curvada assim fugirá!...

Enfim!... Os vales soluçam  
Enfim!... Os mares rebramam  
Enfim!... Os prados exclamam  
Já somos livre nação!!...  
Quebrou-se a estátua de gesso...  
Enfim!... — mas não... Estremeço,  
Vacilo... Caio, emudeço...  
Enfim de tudo inda não!!...

SETE DE SETEMBRO  
Liberdade! Independência!...  
Eis os brados grandiosos  
Que quais raios luminosos  
Fulguraram lá nos céus!...  
Eis a mágica — Odisséia  
Que duns lábios rebentando,  
Foi o povo transformando,  
Foi rompendo os negros véus!...

As colinas, prados, montes,  
As florestas seculares  
— Os sertões, os próprios mares  
Exultaram com fervor!  
E os brados retumbaram  
Pela lúcida devesa,  
Pela virgem natureza  
Com homérico clangor!...

Qual artista consumado,  
Qual um velho estatuário  
Do Brasil no azul sacrário,  
Essa data vos traçou,  
— O triunfo mais pujante,  
A eleita das idéias,

A major das epopéias  
— Q'inda igual não se gerou!...

Mas embora, meus senhores  
Se festeje a Liberdade,  
A gentil Fraternidade  
Não raiou de todo, não!...  
E a pátria dos Andradas  
Dos — Abreu, Gonçalves Dias  
Inda vê nuvens sombrias,  
Vê no céu fatal bulcão!...

Muito embora Rio Branco,  
Esse cérebro profundo  
Que passou por entre o mundo,  
Do Brasil como um Tupã!...  
Muito embora em catadupas  
Derramasse o verbo augusto,  
Da nação no enorme busto  
Inda a mancha existe, há!...

É preciso com esforço,  
Colossal, estranho, ingente,  
Ir o cancro, de repente  
Esmagar que nos corrói!...  
É preciso que essa Deusa,  
A excelsa Liberdade,  
Raie enfim na Imensidade  
Mais altiva como sói!...

Sai da larva a borboleta  
Com as asas auriazuis  
E um disco vai — de luz  
A deixar onde passou!  
No entanto o grande berço  
Das façanhas de Cabrito  
Inda espera um novo grito  
Como o — Basta — de Waterloo!...

Eu bem sei que Guttemberg  
Que esse Fulton primoroso  
Faust, Kepler grandioso  
Trabalharam té vencer!  
Mas embora tropeçassem  
Acurando os seus eventos,  
Tinham sempre tais portentos  
A vontade por poder!...  
Eia! sim! — p'ra Liberdade  
Irrrompei qual verbo eterno,  
Como o — Fiat — superno

Pelos ares a rolar!  
Eia! sim! — que nossa pátria  
Só precisa — mas de bravos...  
E em prol desses escravos  
Seu dever é trabalhar!!...

Somos filhos dessa gleba  
Majestosa aonde o gênio  
Como o astro do proscênio  
Solta as asas, mui febril!  
Dos selvagens Tiaraiús  
E dos brônzeos Guaicurus...  
Somos filhos do Brasil!...

Esperemos, tudo embora!...  
Pois que a sã locomotiva,  
Do progresso imagem viva  
Não se fez a um sopro vão!  
Aguardemos o momento  
Das mais altas epopéias,  
Quando o gládio das idéias  
Empunhar toda a nação!...

Esperemos mais um pouco  
Q'inda há almas brasileiras  
Que se lembrarão, sobranceiras,  
Que é preciso progredir!...  
Inda há peitos valerosos  
Que combatem descobertos  
Por florestas, por desertos,  
Mas c'os olhos no porvir!...

Inda há lúcidas falanges  
Lutadores denodados  
Que se erguem transportados  
Burilando a sã razão!...  
Inda há quem se recorde  
Do Egrégio Tiradentes  
Que do sangue as gotas quentes  
Derramou pela nação!!...

Já nas margens do Ipiranga  
Patrióticos acentos  
Vão alados como os ventos  
Pelos páramos azuis!!...  
Vamos! Vamos! — Eia! Exulta,  
Jovem pátria dos renomes...  
— Vibra a lira, Carlos Gomes!  
Bocaiúva, espalha luz!!...

### TRÊS PENSAMENTOS

Nasceste no Brasil — filha d'América,  
Tu sabes conservar nas débeis veias  
    No lúcido pulmão  
O sangue efervescente e purpurino  
A força de subir ao céu da história.  
    As lutas da razão!...  
Nasceste no Brasil — em meio às plagas  
    Da grande natureza mais pujante  
    E cheia de arrebol!...  
E sabes obumbrar os astros fulvos  
E lanças raios mil por toda a parte,  
    Soberba como o sol!...

Nasceste no Brasil e o eco ovante  
Das glórias sublimadas que tu colhes  
    Por este céu azul,  
    Vem férvido, viril e acentuado  
Assaz repercutir com mais verdade  
    Aqui... Aqui no sul!...

### PARANAGUADAS

Que importa que tu fales  
Que importa que tu files  
Que importa que não cales,  
Que importa que tu fales  
Que importa que te rales,  
Que importa-me essa bília  
Que importa que tu fales  
Que importa que tu files.

### QUESTÃO BROCARDO

— Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe —  
A cacholeta no chefe —  
— Pife, pufe, pafe, pefe  
Estoure como um tabefe  
E o ventre de raiva entufe —  
— Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe!

### SEMPRE

Se é certo que o amor é um bem profundo  
Se é certo que o amor é um sol ardente,  
Eu hei de amar-te sempre neste mundo  
E sempre, sempre, sempre — eternamente.

### BEIJOS

Nesta Tebaida infinita  
Da vida, na sombra oculto,

Eu gosto de olhar o vulto  
De uma criança bonita.

Porque afinal as crianças,  
Como eu deslumbro-me ao vê-las,  
Cintilam como as estrelas,  
Florescem como esperanças.

Dentro de mim se projeta  
A luz cambiante dos prismas  
E batem asas as cismas  
Qual passarada irrequieta.

E batem asas e rufam,  
Pelas artísticas plagas,  
As auras que as grandes vagas  
Dos fundos mares insuflam.

E digo, ó mães, se uma aurora  
Fosse a minh'alma sincera,  
Os clarões todos eu dera  
A uma criança que chora.

Porque se a luz fortalece  
Arbustos e as andorinhas,  
Também por certo às criancinhas  
Conforta, avigora, aquece.

E eu que aplaudo e que rimo  
Tudo isso que a luz se regre,  
Na vibração mais alegre  
As criancinhas estimo.

Portanto, assim, sem refolhos  
Beijando a Olga, beijando  
Meus sonhos vão, irradiando,  
Se derramar em seus olhos!

QUESTÃO BROCARDO  
Triolé fura essa pança  
Do Delegado — es um russo,  
Revolução n'esta dança...  
Triolé fura essa pança,  
Fura, fura como a lança  
Ou como no boi um chuço;  
Triolé fura essa panca  
Do Delegado — és um russo.

Pinto, pinta — ponta à ponta  
Tanta ponta, Pinto pinta

Que pinta se pinta a pinta  
Pinto — pinta — ponta à ponta.  
Pinto é ponto mas não ponta  
Mas se pinta por um pinto  
E já que o Pinto se pinta  
Eu pinto-lhe a pinta ao Pinto.

#### PIRUETAS

Finou-se um tal inglês  
Gastrônomo e patife  
Que tanto — de uma vez  
Comeu, comeu e esparramou-se em bife;  
Que um dia de jejum,  
Pela pança rotunda e quixotesca,  
Teve um parto... Comum,  
Um feto original... De carne fresca.

#### AS DEVOTAS

##### I

Enquanto o sino bimbalha,  
Bimbalha, bimbalha e tine,  
Lançai do olhar a migalha  
— Enquanto o sino bimbalha —  
À raça que se amortalha  
No horror que não se define...  
Enquanto o sino bimbalha  
Bimbalha, bimbalha e tine.

##### II

Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos  
E, pois, deveis visitá-la,  
Perto da Igreja, a senzala  
E procurar transformá-la  
Da luz às palmas, aos bravos!...  
Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos.

##### III

E tão-somente por isto  
Enquanto o sino bimbalha,  
Bem antes de terdes visto  
— E tão-somente por isto —  
Todo o martírio do Cristo,  
O vosso amor que lhes valha,  
E tão-somente por isto,

Enquanto o sino bimbalha.

De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque  
Ao rendezvous da viúva,  
De claque, casaca e luva,  
Tu vais — arrostas a chuva  
No macadam — plaque, plaque...  
De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque.

[MEUS ESPLÊNDIDOS...]  
Meus esplêndidos desejos  
Emigram, como beijos,  
Pelo azul espaço, em curvas,  
Rasgando essas brumas turvas;  
Pelo sol das primaveras,  
Batendo as asas brancas,  
Como, batem, quimeras...  
Voai, andorinhas francas!

Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala  
Callado que não se cala,  
Nunca se cala o Callado,  
Callado sem ser calado,  
Callado que é tão falado...  
Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala.

Estoure como o champagne  
O triolé — pule e salte  
E como os gatos arranhe,  
Estoure como o champagne  
E a cara dos erros lanhe  
E como o sol nunca falte...  
Estoure como o champagne  
O triolé — pule e salte.

Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois  
Depois d'aquele passado...  
Parece um céu estrelado  
Largo, puro, undiflavado  
Depois do pesar, depois,  
Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois.

Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo;

Da terra azul brasileira  
Levantem esta bandeira  
Que sente o horror da esterqueira  
Da escravidão — negro sapo.  
Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo.

#### OLHARES

Teus traquiantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem;  
Zigzagam sempre, tontinhos  
Teus traquiantes olhinhos;  
Tão pretos, tão redondinhos  
Olhinhos que me embevecem,  
Teus traquiantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem.

Nas explosões de bons risos  
Os triolés petulantes  
Chocalhem, tinam, precisos  
Nas explosões de bons risos,  
Tilintem como mil guisos  
Sonoros, raros, vibrantes  
Nas explosões de bons risos,  
Os triolés petulantes.  
Triolé — pega estes zotes  
E dá-lhes de baixo acima  
Preso ao trapézio da rima  
Na mais artística esgrima  
D'estouros e piparotes,  
Preso, ao trapézio da rima  
Triolé — pega estes zotes.

#### GRITO DE GUERRA

Aos senhores que libertam escravos

Bem! A palavra dentro em vós escrita  
Em colossais e rubros caracteres,  
É valorosa, pródiga, infinita,  
Tem proporções de claros rosicleres.

Como uma chuva olímpica de estrelas  
Todas as vidas livres, fulguosas,  
Resplandecendo, — vós tereis de vê-las  
Rolar, rolar nas vastidões gloriosas.

Basta do escravo, ao suplicante rogo,  
Subindo acima das etéreas gazas,  
Do sol da idéia no escaldante fogo,  
Queimar, queimar as rutilantes asas.

Queimar nas chamas luminosas, francas  
Embora o grito da matéria apague-as;  
Porque afinal as consciências brancas  
São imponentes como as grandes águias.

Basta na forja, no arsenal da idéia,  
Fundir a idéia que mais bela achardes,  
Como uma enorme e fulgida Odisséia  
Da humanidade aos imortais alardes.

Quem como vós principiou na festa  
Da liberdade vitoriosa e grande,  
Há de sentir no coração a orquestra  
Do amor que como um bom luar se expande.

Vamos! São horas de rasgar das fronteiras  
Os véus sangrentos das fatais desgraças  
E encher da luz dos vastos horizontes  
Todos os tristes corações das raças...

A mocidade é uma falena de ouro,  
Dela é que irrompe o sol do bem mais puro:  
Vamos! Erguei vosso ideal tão louro  
Para remir o universal futuro...

O pensamento é como o mar — rebenta,  
Ferve, combate — herculeamente enorme  
E como o mar na maior febre aumenta,  
Trabalha, luta com furor — não dorme.

Abri portanto a agigantada leiva,  
Quebrando a fundo os espectrais embargos,  
Pois que entrareis, numa explosão de seiva,  
Muito melhor nos panteões mais largos.

Vão desfilando como azuis coortes  
De aves alegres nas esferas calmas,  
Na atmosfera espiritual dos fortes,  
Os aguerridos batalhões das almas.

Quem vai da sombra para a luz partindo  
Quanta amargura foi talvez deixando  
Pelas estradas da existência — rindo  
Fora — mas dentro, que ilusões chorando.

Da treva o escuro e aprofundado abismo  
Enchei, fartai de essenciais auroras,  
E o americano e fértil organismo  
De retumbantes vibrações sonoras.

Fecundos germens racionais produzam  
Nessas cabeças, clarões de maios...  
Cruzem-se em vós — como também se cruzam  
Raios e raios na amplidão dos raios.

Os britadores sociais e rudes  
Da luz vital às bélicas trombetas,  
Hão de formar de todas as virtudes  
As seculares, brônzeas picaretas.

Para que o mal nos antros se contorça  
Ante o pensar que o sangue vos abala,  
Para subir — é necessário — é força  
Descer primeiro a noite da senzala.

Da Lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem,  
Como fulguram os prados  
Da lua aos raios prateados,  
Há vagos silfos alados  
Do rio azul pela margem  
Da lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem.

Teus olhos belos por dentro  
De grandes colorações,  
Parecem ter pelo centro  
Teus olhos belos por dentro  
A luz vital onde eu entro  
E saio imerso em clarões...  
Teus olhos belos, por dentro  
De grandes colorações.

#### ADALZIZA

Tens um olhar cintilante,  
Tens uma voz dulçurosa,  
Tens um pisar fascinante,  
Tens um olhar cintilante  
Cheio de raios, faiscante  
Ó criatura formosa,  
Tens um olhar cintilante,  
Tens uma voz dulçurosa!...

#### [TEUS OLHOS]

Teus olhos — esses carinhos,  
Esse casal de ilusões  
Tão doces como os arminhos,  
Teus olhos — esses carinhos  
Parecem ser os dois ninhos  
Das minhas consolações,

Teus olhos — esses carinhos  
Esse casal de ilusões!...

### SER PÁSSARO

Ah! Ser pássaro! ter toda a amplidão dos ares  
Para as asas abrir, ruflantes e nervosas,  
Dos parques através e dos moitais de rosas,  
Nos floridos jardins, nas hortas e pomares.

Ser pássaro, cantar, subir, voar na altura,  
Pelos bosques sem fim, perder-se nas florestas,  
Das folhagens do campo em meio da espessura,  
Das auroras de abril nas cristalinas festas.

Tecer no tronco seco ou no tronco viçoso  
O quente lar do amor, o carinhoso ninho,  
De onde sairá mais tarde o pipilar mavioso  
De um outro mais gentil e meigo passarinho.

Não temer o verão e não temer o inverno  
Para tudo alcançar na leve subsistência,  
No contínuo lidar, no labutar eterno,  
Que é talvez da alegria a mais feliz essência.

Viver, enfim, de luz e aromas delicados  
Nascido dentre a luz, gerado dentre aromas,  
Sonorizando o azul, sonorizando os prados  
E dormindo da flor sob as cheirosas comas.

Voar, voar, voar, voar eternamente,  
Extinguir-se a voar, no matinal gorjeio,  
E ser pássaro, é ter em cada asa fremente  
Um sol para aquecer o frio de algum seio.

### O BOTÃO DE ROSA

A uma atriz

O campo abraça o seio às expansões frementes  
Das árvores senis, dos galhos viridentes.

Caía a tarde fresca  
Loira, gentil, vivaz como a canção tudesca.  
A iluminada esfera  
Calma, profunda, azul como um sonhar de virgem,  
Dava um brilho-cetim às verdes folhas d'hera.  
No ar uma harmonia avigorada e casta,  
No crânio uma vertigem  
Duma idéia viril, duma eloquência vasta.

Tardes formosíssimas,

Ó grande livro aberto aos geniais artistas,  
Como tanto alargais as crenças panteístas,  
Como tanto esplendeis e como sois riquíssimas.

Quanta vitalidade indefinida, quanta,  
Na pequenina planta,  
No doce verde-mar dos trêmulos arbustos,  
Que misticismo, justos,  
Bebia a alma inteira ao devassar o arcano  
Das árvores titãs, das árvores fecundas  
Que tinham, como o oceano,  
Febris palpitações intérminas, profundas.

Esplêndidas paisagens  
Opunhas o largo campo às vistas deslumbradas.  
As múrmuras ramagens,  
À luz serena e terna, à luz do sol — que espadas  
De fogo arremessava, em frêmitos nervosos,  
Pelo côncavo azul dos céus esplendorosos,  
Tinham falas de amor, segredos vacilantes  
Finos como os brilhantes.

A música das aves  
Cortava o éter calmo, em notas multiformes,  
Límpidas e graves  
Que estouravam no ar em convulsões enormes.  
Aqui e além um rio  
Serpejava na sombra, em meio de um rochedo  
Áspero e sombrio.  
O olhar perscrutador, o grande olhar, sem medo  
E o espírito mudo,  
Como um herói gigante avassalavam tudo...

Nuns madrigais risonhos  
Abria-se o país fantástico dos sonhos.  
Alavam-se os aromas  
Leais, inexauríveis  
Das largas e invisíveis  
Selváticas redomas.

A seiva rebentava  
Em ondas — irrompia  
Na doce e maviosa e plácida alegria  
De uma ave que cantava,  
Dos belos roseirais  
Que ostentavam a flux as rosas virginais.  
E as jubilosas franças  
Dos árvoredos altos,  
Rígidos, atléticos,  
Derramavam no campo uns fluidos magnéticos

Dumas vontades mansas.

A doce alacridade ia explodindo aos saltos.  
E toda a natureza  
Robusta de saúde e estrênuo de grandeza  
Libérrima e vital,  
Erguia-se pujante, audaz e redentora,  
No gérmen material da força criadora,  
Dentre a vida selvagem mística, animal...

Dos roseirais preciosos  
Nos renques primorosos,  
Numa linda roseira abria castamente,  
Como um sonho de luz numa cabeça ardente,  
O mais belo, o mais puro entre os botões de rosa.  
Tinha essa cor formosa,  
Tinha essa cor da aurora,  
Quando ensangüentada em rubro a vastidão sonora

Era um botão feliz  
Sorrindo para o Azul, zombando da matéria.  
Tinha o leve quebranto e a maciez etérea  
Que uma estrofe não diz.  
Das pétalas macias,  
Das pétalas sangüíneas,  
Doces como harmonias  
Brandas e velutíneas  
Uns perfumes sutis se espiralavam, raros,  
Pela mansão do Bem, pelos espaços claros.  
Perfumes excelentes,  
Perfumes dos melhores,  
Perfumes bons de incógnitos Orientes.

Matéria, não deploras  
O viver natural dos vegetais alegres;  
Eles são mais ditosos  
Que os nababos e reis nos seus coxins pomposos;  
E por mais que tu regres  
Ó matéria fatal, a tua vida inteira,  
No rigor da higiene;  
E por mais que a maneira  
Do teu grande existir, desse existir — perene  
De ironias e pasmos,  
Explosões de sarcasmos  
Tu completes, matéria — ó humanidade ousada —  
Com a ciência altanada;  
E por mais que no século,  
Tu mergulhes a idéia, o prodigioso espéculo,  
Será sempre maior e exuberante e forte,  
Ó matéria fatal,

Essa vida tão rica  
Que se corporifica  
Na valente coorte  
Do poder vegetal.

Era um botão feliz,  
Cuja roseira, impávida,  
Ébria de aromas bons, ébria de orgulhos — ávida  
De completa fragrância,  
Palpitava com ânsia  
Desde a própria raiz.

E entanto o sol tombara e triunfantemente  
Como um supremo Rubens,  
Jorrando à curvidade etérea do poente,  
O ouro e o escarlate, aprimorando as nuvens,  
Numa distribuição simpática de cores,  
De tintas e de luzes  
De galas e fulgores  
Rubros como o estourar dos fervidos obuses.

O cérebro em nevrose,  
No pasmo que precede a augusta apoteose  
De uma excelsa visão perfeitamente bela,  
De uma excelsa visão em límpidos dóceis,  
Exaltava o acabado artístico da Tela  
E o gosto dos pincéis.

Caíam da amplidão em névoas singulares  
Os pálidos crepúsculos.  
Os fúlgidos altares  
Do homem primitivo — a relva, o prado, o campo  
Onde ele ia buscar a força de uma crença  
Que então lhe iluminasse a alma escura e densa  
Morriam de clarões — os poderosos músculos  
Da fértil mãe de tudo — a natureza ingente —  
Deixavam de bater. — O olhar do pirilampo  
Oscilava, tremia — azul, fosforescente.

As sombras vinham, vinham  
Lembrando um batalhão d'espectros que caminham  
E a casta nitidez sintética das cousas  
Tomava a proporção das funerárias lousas.

Completara-se então o mais extraordinário,  
O mais extravagante  
Dos fenômenos todos:  
A noite. — Enfim descera a treva do Calvário,  
A treva que envolveu o Cristo agonizante.

Coaxavam negras rãs nos charcos e nos lodos.  
A abóbada espaçosa, a física amplitude,  
Mostrava a profundez da angústia de ataúde  
De um operário pobre,  
Quando se escuta o dobre  
Amplíssimo e funéreo,  
Sinistro e compassado,  
Rolar pela mansão gloriosa do mistério,  
Assim com um soluço aflito, estrangulado.

Devia ser, devia  
Por uma noite assim,  
Como esta noite igual,  
Que derramou Maria  
A lágrima da dor, — que o célebre Caim  
Sentiu do crânio as convulsões do Mal.

Mas o botão de rosa,  
Traído pelo estranho zéfiro da sorte,  
Rolou como uma cisma  
Intensa e luminosa  
Ardente e jovial em que a razão se abisma  
E foi cair, cair no pélagos da morte,  
Em um dos mais raivosos,  
Em um dos mais atrozes  
Rios impetuosos,  
Cheios de surdas vozes,  
Sozinho, em desamparo, assim como um proscrito,  
Em meio à placidez  
Dos astros no infinito  
E a mesma irracional e fúnebre mudez.

Depois e além de tudo,  
Além do grave aspecto inteiramente mudo,  
Ao tempo que morria  
O cândido botão — em um dos tantos galhos  
Virentes da roseira — alegre no ar se abria  
Um outro que ostentava as pétalas sedosas,  
As pétalas gracis de cores deliciosas,  
De cores ideais.

As auras musicais  
Passavam-lhe de leve,  
Nos tímidos rumores,  
De um ósculo mais breve

E dentre a exposição das delicadas flores,  
Das rosas — o botão  
Aberto ultimamente as cúpulas austeras,  
As plagas da esperança, a irmã das primaveras,

Pendido um quase nada, esbelto na roseira,  
Mostrava aquela unção,  
A ínclita maneira  
De quem se glorifica  
Subindo ao céu azul da majestade pura,  
Da eterna exuberância,  
Da fonte sempre rica,  
Da esplêndida fartura  
Da luz imaculada — a egrégia substância  
Que faz das almas claras  
Pela fecundidade olímpica do amor,  
Magníficas searas,  
De onde se difunde a vida sempiterna,  
A vida essencial, a lei que nos governa,  
A idéia varonil do poeta sonhador.

A arte especialmente, esse prodígio, atriz,  
Como o botão de rosa  
Tão meigo e tão feliz,  
Pode ser arrojada e brutalmente, ao pego,  
Na treva silenciosa,  
Onde o espírito vai, atordoado e cego,  
Cair, entre soluços,  
Como um colosso ideal tombado ao chão de braços,  
Ou pode equilibrar-se em admirável base  
Estética e profunda,  
Assim, bem como o outro, a mais radiosa altura.

Deves sondá-la bem nesta segunda fase.  
Precisas para isso uma alma mais fecunda.  
Precisas de sentir a artística loucura.

Ó Adalziza dos sonhos;  
Estrela dos firmamentos  
Dos meus cantares risonhos  
Ó Adalziza dos sonhos  
Rasga esses véus enfadonhos  
Dos teus louros pensamentos,  
Ó Adalziza dos sonhos,  
Estrela dos firmamentos.

Enquanto este sangue ferve  
Com força, com toda a força,  
Palpite a fibra da verve  
Enquanto este sangue ferve  
Esmague-se o que não serve  
Na treva o Mal se contorça,  
Enquanto este sangue ferve,  
Com força, com toda a força.

Como um cisne, est'alma frisa  
O mar de luz de teus olhos,  
Ó simpática Adalziza  
Como um cisne, est'alma frisa,  
Vagueia, paira, desliza  
Sem naufragar nos escolhos  
Como um cisne, est'alma frisa  
O mar de luz de teus olhos.

Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz,  
Ter também com o seu Fiscal,  
Merece o bom do Vidal  
Um banquete bambual,  
De cem milhões de bambus  
Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz!

Zulmira dos meus amores,  
Zulmira das minhas cismas,  
Resplandece como as flores,  
Zulmira dos meus amores  
Abre os olhos sedutores  
Nos quais a minh'alma abismas,  
Zulmira dos meus amores,  
Zulmira das minhas cismas.

Deixai que a minh'alma escassa  
De luz — aos astros emigre  
Como gaivota que passa  
Deixai que a minh'alma escassa  
De amor — na plúmbea desgraça  
De atrozes garras de tigre,  
Deixai que a minh'alma escassa  
De luz — aos astros emigre.

Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante  
Vestida de azul-ferrete  
Quando ela está de colete  
Em mim cruzando o florete  
Do seu olhar — que elegante  
Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante.

Ó cintilante Quiquia,  
Menina dos meus olhares,  
Flor azul da simpatia,  
Ó cintilante Quiquia,  
Rasga este céu da alegria

Dos meus risonhos cantares,  
Ó cintilante Quiquia,  
Menina dos meus olhares.

Olhos pretos, sonhadores  
Ó celeste Carolina,  
Como são esmagadores  
Olhos pretos sonhadores,  
Como vibram dos amores  
A noss'alma cristalina,  
Olhos pretos, sonhadores,  
Ó celeste Carolina.

Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem,  
Como o verbo demagogo  
Se estala a estrofe de fogo,  
Não ceda o espírito ao rogo  
Do Mal que os erros contêm,  
Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem!

AMOR!!...

Oferecido à Ilma. Sra. D. Pedra  
como prova de imensa amizade e profundo amor  
que lhe consagra.

*O Autor.*

Amor, meu anjo, é sagrada chama  
Que o peito inflama na voraz paixão,  
Amo-te muito eu t'ó juro ainda  
Deidade linda que não tem senão!

Virgem formosa, d'encantos bela,  
Gentil donzela, meu amor é teu.  
Vou consagrar-te mil afetos tantos  
Puros e santos qual também Romeu!

Flor entre as flores, a mais linda, altiva  
Qual sensitiva, só tu és, ó sim.  
Esses teus olhos sedutores, belos  
De mil anelos, me pedirão a mim.

Anjo, meu anjo, eu te adoro e amo.  
Por ti eu chamo nas horas de dor.  
Sem ti eu sofro; um sequer instante  
De ti perante só me dás valor.

Meu peito em ânsias só por ti suspira  
Como da lira a vibrante voz!

Te vendo eu rio e senão gemendo  
Vou padecendo saudade atroz!  
Amor ardente de meu coração  
Santa paixão em todo peito forte  
Eu hei de amar-te até mesmo a vida  
Deixar, querida, e abraçar a morte!

Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Ó frescura dos morangos,  
Abre as pupilas radiosas,  
Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Dá-me as estrelas formosas  
Do olhar repleto de tangos,  
Ó Flora, ó ninfa das rosas,  
Ó frescura dos morangos.

Morena dos olhos pretos  
Dos olhos pretos, morena,  
Escuta os vagos duetos  
Morena dos olhos pretos,  
Faremos ambos, tercetos,  
Com esta esfera serena,  
Morena dos olhos pretos,  
Dos olhos pretos, morena.

Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis  
E nem da idéia os tesouros,  
Embora eu não tenha louros,  
Talvez nos tempos vindouros  
Traduza o poema dos sóis,  
Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis.

Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Estrela resplandecente,  
Resplandecente safira,  
Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
As vibrações desta lira,  
Acorda do sono ardente,  
Ó Alzira, Alzira, Alzira,  
Estrela resplandecente.

Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando  
Como esses pobres tugúrios,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Se douram, brilham purpúreos  
Fulguram de quando em quando,  
Aos relâmpagos sulfúreos

Na esfera zigue-zagando.

À sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão,  
Crescendo aos beijos do tálamo  
À sombra espessa de um álamo  
Que de harpas senti, que cálamo  
Por dentro do coração  
A sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão.

### ROSA

a A. Moreira de Vasconcelos  
*Et, rose, elle a vécu ce que vivent les roses,  
l'espace d'un matin.*  
(Malherbe)

Rosa — chamava-se a estrela  
Daquelas flóreas paragens;  
Era escutá-la e era vê-la  
Metida em brancas roupagens

Todas de pregas e tufos,  
De laçarotes e rendas,  
Ou mesmo ouvir-lhe os arrufos  
Ou surpreender-lhe as contendias

Nas lindas tardes radiadas  
Por cores de silforamas  
E sentir logo, inspiradas  
Do amor, as férvidas chamas.

Ela era um beijo fundido  
Ao cintilar de uma aurora,  
Um sonho eterno espargido  
Nos belos sonhos de Flora.

E tinha uns longes sublimes  
De grande força lasciva,  
A transudar, como uns crimes  
Do sangue, da carne altiva.

Contava tudo... Mas tanto,  
Em turbilhões, em cascata,  
Que recordava esse canto  
Uma garganta de prata.

E quando os poetas, rapazes,  
A viam passar, vibrante,  
Mostrando as curvas audazes,

Do corpo todo radiante,

Diziam de entre os primores  
De estrofes mais dulçurosas:  
— Tu és a gêmea das flores,  
Das rosas, perfeitas rosas.

Convulsionado e sem regra  
O coração nos palpita;  
Andas alegre e se alegra  
A gente quando te fita.

Tens umas coisas estranhas  
Nas refrações da pureza...  
Umas finuras tamanhas...  
Uma sutil gentileza...

Ficas rosada se um tico  
Alguém te diz, de mais franco...  
Mas como fica tão rico,  
Tão belo o rubro no branco,

Nesse grácil e tão claro,  
Serenos e cândido rosto  
Que é mesmo um céu puro e raro  
Das alvoradas de agosto.

Depressa cobre-te o pejo  
A face nova e adorada,  
De sorte que sem desejo  
És — Rosa e ficas rosada.

Dos risos colhes a messe  
E és doce como o conforto,  
És casta como uma prece  
Gemida ao lado de um morto.

Para que a dor não te obumbre  
A glória de flores junca  
Tua vida e, por isso, nunca  
Nas mágoas terás vislumbre.

Permita o bom sol que inunda  
De luz os bosques — permita  
Que sejas sempre fecunda  
De gozo e sempre bonita.

Agora, quando alguém passa  
Por onde a estrela morava,  
Olhando pela vidraça

Bem junto da qual bordava,

Repara um silêncio triste  
Na sala — em crepes envolta,  
Onde parece que existe  
Profunda lágrima solta.

E sente por dentro d'alma  
Aquela angústia que esmaga  
Bem como em noites sem calma  
A vaga esmaga outra vaga.

Apenas as flores lindas  
Que vendo Rosa morriam  
Com brejeirices infindas  
De invejas que renasciam,

Sem mais inúteis ciúmes,  
Abrem os frescos pistilos,  
Jogando aos céus, em perfumes,  
Os seus melhores sigilos.

No entanto a luz soberana  
Do amor desfilam as rimas  
Dos poetas — como um hosana  
A quem já goza outros climas.

Rosa — chama-se a estrela  
Daquelas flóreas paragens;  
Era escutá-la e era vê-la  
Metida em brancas roupagens,

Para exclamar: — Dentro dela  
Existe a fibra gloriosa...  
Ninguém viu coisa mais bela  
Nem Rosa... Tão bela rosa!...

Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus,  
De rendas e de decotes,  
Quando estás de laçarotes,  
Toilette de chamalotes,  
Quanto esplendor, quanta luz,  
Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus.  
Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas  
Soprada por bons favônios  
Da idéia nos mares jônios,  
Vai livre dos maus demônios,

Batida da luz dos prismas,  
Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas.

— Como um assombro de assombros  
A rapariga — um ranúnculo,  
Da serra pelos escombros  
Como um assombro de assombros,  
Quando vê de enxada aos ombros  
O noivo — lembra um carbúnculo,  
Como um assombro de assombros  
A rapariga — um ranúnculo.

— Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal,  
Sonoramente vibradas,  
Como fortes gargalhadas,  
Sinto idéias baralhadas  
N'um frágil descomunal  
Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal.

Da bruma pelos países  
Pelos países da bruma,  
Longe dos astros felizes,  
Da bruma pelos países,  
Tu vais perdendo os matizes  
Da luz e da glória em suma,  
Da bruma pelos países,  
Pelos países da bruma.

#### SAUDAÇÃO

Ao Liceu de Artes e Ofícios

Como esta luz é serena,  
Como esta luz é sincera;  
Como eu vejo a primavera  
Num lápis e numa pena.  
Que prismas de luz ardente,  
Que prismas de luz suave;  
Como eu sinto um canto de ave  
Em cada boca inocente.

Sim! Que o estudo é como a aurora  
Que nos entra pela casa,  
Num vivo fulgor de brasa,  
Vibrante, alegre, sonora.

Ele rasga a treva espessa,  
Num só momento — cantando;

Vai estrelas semeando  
Em cada tenra cabeça.

Tira os crânios do letargo  
Da ignorância — pois entra  
Como um sol e se concentra  
Num esplendor muito largo.

Quem, ó Arte imaculada,  
Medisse o ser da criança,  
Pela alma de uma esperança  
Pela alma de uma alvorada.

Quem aos páramos subindo,  
Eternamente pudesse,  
Dos astros a loura messe  
Arrancar — depois abrindo

Os peitos das criancinhas  
Jogá-los dentro e beijá-las  
Cheias de pompa e das galas  
Que a luz concede às rainhas!...

Pois que a treva entre fulgores,  
É como, dentre ataúdes,  
Rebentar como virtudes,  
As mais simpáticas flores.

Ah! Ninguém sabe, por certo,  
Quanto é bom, quanto é saudável,  
Sentir a crença adorável  
Como um clarão sempre aberto.

Ver os germens do futuro  
No campo eterno da escola  
Brilhando como a corola  
De um lírio cândido e puro.

Ver morrer — como uns invernos  
Da vida, os velhos colossos  
E ver erguerem-se os moços  
Como verões sempiternos.

Mães, ó mães tão extremosas,  
Dos vossos ventres fecundos  
Saem todos esses mundos  
Das idéias fulgurosas.

Tudo isso quanto há escrito  
De pensamento e crenças

Saiu das fontes imensas  
De um grande amor infinito.

E desde a escrita a leitura  
E desde um livro a uma carta,  
A bondade sempre farta  
Das mães — esplende e fulgura.

Bom dia ao mestre que é guia  
Das belas crianças louras!  
Bom dia às mães porvindouras,  
À mocidade — Bom dia!

### FRÊMITOS

#### I

Ó pombas luminosas  
Que passais neste mundo eternamente  
Só a cantar os madrigais de rosas,  
Atravessados de um luar veemente,  
Inundados de estrelas e esplendores,  
De carinhos, de bênçãos e de amores.

#### II

Ó virgens peregrinas,  
De meigo olhar banhado de esperanças,  
Que perfumais com lírios e boninas  
A aurora de cristal das louras tranças,  
Que atravessais constantemente a vida  
Do sol eterno, da visão florida.

#### III

Amadas e felizes  
Gêmeas da luz das frescas alvoradas,  
Vós que trazeis nas almas as raízes  
Do que é são, do que é puro — ó vós amadas  
Prendas gentis do paternal tesouro,  
Iriados corações de fluidos de ouro.

#### IV

É para vós que eu quero  
Engrinaldar de tropos e de rimas,  
Num doce verso artístico e sincero,  
Esgrimir com belíssimas esgrimas  
A estrofe e dar-lhe os golpes mais seguros  
Para que brilhe como uns astros puros.

V

É só a vós, apenas,  
Que eu me dirijo, límpidas auroras,  
Que pelas tardes plácidas, serenas,  
Passais, galantes como ingênuas Floras,  
Coroadas de flor de laranjeira,  
Noivas, sorrindo à mocidade inteira.

VI

Porque é de vós que deve,  
De vós que o sonho eterno dulcifica,  
Partir o lume quando cai a neve,  
Surgir a crença poderosa e rica.  
Porque afinal, o que se chama crença,  
Senão o amor e a caridade imensa?

VII

Os tristes e os pequenos  
Em quem descansam brandamente os olhos,  
Esses humildes, rotos Nazarenos  
Que vivem, morrem suportando abrolhos,  
Senão nos grandes entes piedosos  
Que dão-lhes força aos transe dolorosos?

VIII

Oh, sim que a força eterna  
Parte dos corpos rijos da saúde,  
Perante a lei da vida que governa,  
O nobre, o rei, o proletário rude;  
Parte dos seres fartos de carinhos  
Como de paz e de alegria os ninhos.

IX

Eu peço para todos  
E peço a vós que sois as fortalezas  
Da esperança, da fé — a vós que os lodos  
Da miséria, do vício, das baixezas,  
Não denegriram essas consciências  
Castas e brancas como as inocências.

X

Nem se esperar devia  
Que eu tentasse bater a outras portas,  
Quando vós sois o exemplo de Maria;

Não andais mudas, regeladas, mortas  
Pela noite voraz da sepultura  
E escutareis os dramas da amargura.

XI

Não julgueis que eu vos peça,  
Uma alvorada feita de um sorriso;  
A minh'alma garante e vos confessa  
Que se crê nas mansões do Paraíso,  
É porque vós reinais por sobre a terra  
E o Paraíso dentro em vós se encerra.

XII

A vós, a vós compete  
A glória do dever — porque assim como  
A luz do sol na lua se reflete,  
Também das aflições no duro assomo,  
Da pobreza refletem-se nas almas,  
Vossas imagens, como auroras calmas.

XIII

Portanto, a mocidade  
Vossa, terá de ser de hoje em diante,  
Enquanto a esmagadora atrocidade  
Da peste — nos vorar d'istante a instante,  
Quem se há-de encarregar desta manobra  
Do galeão da vida que soçobra.

XIV

E para isso, ó rainhas  
Da juventude — tendes as quermesses  
Que dão bons frutos assim como as vinhas;  
As matinées de cânticos e preces,  
Os cintilantes, pródigos bazares  
Onde a luz salta extravasando em mares.

XV

Enquanto a mim, na arena  
Da heroicidade humana que consola,  
Oh, faz-me bem a vibração da pena,  
Pelo amor, pelo afago, pela esmola,  
Como um radiante e fulgido estilhaço  
De sol febril no mármore do Espaço!

GUSLA DA SAUDADE  
A Santos Lostada  
pela morte do seu velho pai.

Nunca mais, nunca mais esses teus olhos  
Palpitarão nos olhos seus honestos  
Nem hão de vê-lo em ânsias por escolhos.

Ele morreu, morreu — e os mais funestos  
Lutos da dor feriram como abrolhos  
Teu lar e os teus — serenos e modestos.

Que incalculável explosão de prantos  
Não inundou as almas preciosas  
Dos teus irmãos, da tua mãe — uns santos

Que peregrinam nestas lacrimosas  
Sendas da vida, em mágoas, sem encantos  
Como sem luz e sem orvalho as rosas.

Ah! formidável lei cruel da vida,  
Lei da matéria, da mudez das lousas,  
Da eterna noite atroz, indefinida;

Tens o segredo intérmino das cousas,  
E nessa dura e tenebrosa lida,  
Oh! nem sequer um dia só repousas.

Quem sabe, ó morte, ó lúgubre, quem sabe  
O teu poder fatal, desapiedado  
Onde se oculta e se resume e cabe.

Pois nem que o céu puríssimo, azulado  
Cair aos pedaços, tombe e se desabe  
Na profundes do abismo ilimitado

E a crença humana espavorida, em gritos,  
Palpando o nada, esqualida, gemendo  
Rasgue a amplidão de estranhos infinitos,

Nunca da morte saberão o horrendo  
Mistério rijo e surdo dos granitos  
Os corações que vivem combatendo?!...

Não! A Ciência penetrou, o estudo  
Do pensador, abriu mais horizontes  
Nesse problema silencioso e mudo.

O pensamento constelou as fronteiras,  
Deu a razão o mais brunido escudo

E construiu as luminosas pontes  
De onde se vai, com grande olhar, seguro,  
Atravessar as regiões sonoras  
Dos Ideais que irrompem do Futuro;  
  
E sem contar dos séculos as horas,  
E sem temer as mil visões do Escuro,  
Alegremente ao fresco das auroras.  
  
Mas entretanto, ó meu amigo, escuta,  
Toda a saudade, a grande nostalgia  
Nos deixa frios, mortos para a luta.  
Porque, olha, a morte é sempre uma agonia!

SMORZANDO

O véu da tarde cai pelas quebradas  
Das serras altaneiras;  
As aves condoreiras  
Rompem da mata em místicas risadas  
O largo espaço intérmino cindindo.

A livre natureza,  
Humildemente, pura, vai caindo,  
Caindo de joelhos  
Como esse denso véu  
Cai na viril e rútila grandeza  
Do sol que desce em borbotões vermelhos  
Como uma mancha tropical no céu.

E vibra a Ave-Maria  
Como um soluço, estranho, indefinido;  
Talvez como um gemido  
Dentre a escavada e agreste serra.

E desce e desce e desce  
De toda a imensidade  
A salutar carícia de uma prece,  
O eflúvio da saudade  
Que alaga o nosso peito heroicamente  
Como o luar de um treno  
Mavioso e emoliente,  
Mais doce que o sorrir do Nazareno.

GIULIETTA DIONESI

(Desterro)

Ao seu violino

Ah! Giulietta! Os sons do teu violino  
Choram, suspiram, rugem como o leão

Lembram sonoro rio cristalino  
E tem soluços como um coração.

Ó da harmonia divinal sereia!  
Rosas e estrelas e canções de ninhos  
Nas cordas do violino que gorjeia  
Passam cantando como os passarinhos.

Não sei que estranho espírito sereno  
Para a harmonia essa alma te inspirou  
Que dentro dum violino tão pequeno  
A música do espaço concentrou!

Ah! peregrina do país do sonho  
Flor luminosa de região sonora,  
No teu suave coração risonho  
Vibram triunfantes os clarins da aurora.

Tudo dentro de ti gorjeia e trina,  
Como trina e gorjeia o rouxinol  
Nas paisagens silvestres da campina,  
Aos esplendores siderais do sol.

Quem não há de chorar e rir não há de  
De amor, de saudade e de esperança,  
De assombro, vendo que na tenra idade  
Já és tão grande, sendo uma criança?!

Os astros do cerúleo firmamento,  
As meigas flores, o infinito mar  
Que digam como tu nesse instrumento  
Sabes sorrir e sabes soluçar...

Domadora feliz do som profundo,  
Deusa imortal de ignotas harmonias,  
Vai triunfar nas vastidões do mundo,  
Da glória nas eternas sinfonias.

#### FILETES (Desterro)

I

Ó pérola nitente,  
Ó pérola do amor,  
Ó imã redolente  
Das pétalas da flor;

Ó lágrima sutil,  
Ó lágrima ideal,

Do côncavo de anil  
Caída no cristal

Do lago transparente,  
Harmoniosamente,  
Aos flocos do luar...

Tu és como as essências,  
Conheces as ciências  
Ocultas... De matar!

II

Cintila a estrela-d'alva  
Bem como o olhar do crente!  
Perpassa no ambiente  
O fresco olor da malva.

Um tic de lirismo,  
Simpático e harmônico,  
Derrama no sinfônico  
Riacho — um misticismo.

Há músicas supremas,  
Um mundo de problemas  
Nos montes seculares.

E como um lírio roxo,  
A alma em canto frouxo  
Emigra para os ares.

VERSOS À INFÂNCIA  
(Desterro)

Nos roseirais, ao vir da madrugada,  
Desabrocham no val todas as rosas,  
Nos galhos cheios de uma luz doirada,  
Meigas e frescas, rubras, perfumosas,  
Nos roseirais, ao vir da madrugada.

Como em bocas cheirosas e vermelhas  
Pousam beijos de amor e de ventura,  
O mel lhe sugam todas as abelhas  
Pousando em cima da corola pura  
Como em bocas cheirosas e vermelhas.

Desde os campos, o bosque, até aos montes  
Tudo renasce num jardim de flores;  
E pelo azul do céu, nos horizontes,  
Há os mais vivos, raros esplendores,

Desde os campos, o bosque, até aos montes.

Pelos ninhos sonoros, delicados,  
Cantam e trinam muitos passarinhos  
Nos altos arvoredos enflorados,  
A margem verdejante dos calminhos,  
Pelos ninhos sonoros, delicados.

As borboletas brancas e amarelas,  
Azuis, cor de ouro, cor de prata e brasa,  
Leves, ligeiras, tênues e singelas,  
Abrem a fine talagarça da asa,  
As borboletas brancas e amarelas.

Tudo no val acorda de desejos  
À musica dos cantos mais risonhos;  
E as aves soltas, peregrinos beijos,  
Dizem, cantando, que através de sonhos  
Tudo no val acorda de desejos.

## II

Na alma da infância, tal e qual roseiras,  
Abrem festões de límpida fragrância  
Os sonhos e as quimeras passageiras  
Que são mais próprias do vergel da infância,  
Na alma da infância, tal e qual roseiras.

O pequenino coração ditoso  
Canta canções de uma ave pequenina;  
E é um encanto ver assim radioso  
No peito de uma cândida menina  
O pequenino coração ditoso.

A existência de sol das criancinhas  
Lembra um pomar de frutas bem serenas,  
Por onde os colibris e as andorinhas  
Gozam amores sacudindo as penas,  
A existência de sol das criancinhas.

Não sei dizer se adore mais crianças  
Ou mais também as flores de um arbusto;  
Nessas tão puras, castas semelhanças  
Eu, para ser bem carinhoso e justo,  
Não sei dizer se adore mais crianças.

## TRISTE (Desterro)

Em junho, que é mês do frio,

Perdes todo o colorido,  
Tens um tom vago e sombrio  
De dor, de mágoa e gemido.

Não sei que tristeza é essa  
De tão doloroso cunho  
Que perdes a cor depressa  
Assim que vem vindo junho.

Ficas branca e desmaiada,  
Lembrando a lua serena,  
Fraca, pálida e gelada,  
Como frágil açucena.

Vão-se-te as rosas da face  
Emurchecendo e sumindo  
Num crepúsculo vivace  
De tudo o que estas sentindo.

Ai! no entanto pelos prados  
Onde os dias resplandecem  
Risonhas como noivados  
Em junho as rosas florescem...

FONTE DE AMOR  
Trago-a à tua presença  
Para que vejas a imensa  
Mágoa atroz que a devorou.  
E saibas, ó flor das flores,  
Que a fonte dos seus amores  
Eternamente secou.

Foste à fonte buscar água  
E tinha secado a fonte.  
Aí, flor azul do monte,  
Tiveste a primeira mágoa.

Porém se uma alma na frágua  
Das dores sem horizonte  
Queres ver, sentir defronte  
Dos olhos, manda que eu trago-a.

NAUFRÁGIOS  
(Desterro)

I

O Mar! O mar! Quem nunca viajasse...  
Quem nunca dentre dúvidas sentisse  
O coração e aí, nunca embarcasse...

Oh! Quem do mar as cóleras punisse!

Ora o mar e sereno, e calmo, e manso,  
As vagas são melódicos arpejos  
Dando à embarcação leve balanço,  
Como um afago maternal de beijos.

Ora o mar franco, livre e transparente,  
Tão tranqüilo que está, tão brando, rindo,  
Que até parece, que até cuida a gente  
Que os corações podem boiar, dormindo.

Ora ferve, rebenta, estoura, estala,  
Rude, feroz, em convulsões; profundo,  
Abrindo a corpos pavorosa vala  
E mundos de agonia num só mundo!

## II

Filho! Filho! Adeus, querido,  
Vou viajar para além,  
Sejas de Deus protegido...  
Que sempre me queiras bem.

Vou deixar-te nesta terra,  
Entregue aos destinos teus;  
Filho, o que este adeus encerra  
Só o pode saber Deus.

Levo as crenças em pedaços,  
Como pedaços de céus.  
Vou ver mar, vou ver espaços  
Ver temporais, escarcéus.

Filho amado, vou deixar-te  
Cá na terra, pelo mar;  
Porem, crê, de qualquer parte,  
Crê, meu filho, hei de voltar.

## III

Adeus, noiva, vou-me embora,  
Vou-me com Deus, é preciso.  
Que colhas em cada aurora  
Muita messe de sorriso.

Sou soldado, o meu destino  
É viver bem longe, é certo,  
Longe do canto divino  
Da tua voz, sol aberto.

Custa bem esta partida  
A mim que entanto sou forte.  
Ninguém sabe o que é a vida  
Para quem vive da morte.

Da morte, sim, pomba amada;  
Que as minhas crenças já mortas  
Tu, com essa alma estrelada  
Sem tu sequer me confortas.

Perdi pai, perdi carinhos  
De mãe, de irmãos e de todos.  
Eu sou como a flor de espinhos  
Nascida por entre lodos.

Tu vieste, ó noiva, apenas,  
Como um íris de esperanças,  
Dar-me alvoradas serenas,  
Encher-me de confianças.

Só em ti confio, espero  
Com ardor, com fé veemente,  
Pomba de luz que eu venero,  
Doce vésper do oriente.

Adeus, pois chegou a hora,  
Vou-me com Deus, minha filha;  
Não chores, que o mar não chora:  
— Olha, vê que canta e brilha.

#### IV

Adeus, esposa extremosa,  
Vou-me, não sei para quando  
Voltar — minh'alma saudosa  
Por meus filhos vai chorando.

Ficam-te eles no entretanto  
Pra tirarem-te os pesares,  
Para enxugarem-te o pranto  
Que há de ser maior que os mares.  
Maior que os mares, não minto,  
Não exagero tão pouco,  
Porque ai, só tu e só eu sinto  
O nosso amor como é louco.

Vou-me às viagens, aos dias  
Passados entre horizontes  
E mares e ventanias  
Sem arvoredos, sem montes.

Os dias de céus eternos  
E de mar ilimitado,  
Com tempo de atroz infernos  
Com tempo de sol doirado.

Adeus! Cá dentro do peito  
Há dois corações unidos;  
Sobre um o mar tem direito,  
Sobre outro — os filhos queridos.

V

Eis as canções e adeuses de saudade  
Que as desgraçadas almas palpitantes  
Soluçam na sombria imensidade  
Desta vida de angústias lacerantes.

Ao mar! Ao mar! Frescas aragens puras  
Aflam nas ondas maviosamente.  
Que balada de plácidas venturas,  
Que sinfonias, que gemer dolente!

Os céus abertos, claros, luminosos  
Lembram a candidez branda das virgens.  
Vítreatos ares, magníficos, radiosos  
Onde o sol arde em férvidas vertigens.  
Lindíssimos painéis, bela paisagem  
Abre na vista do viajante o ouro  
Da luz que salta como uma homenagem  
De oriental, esplêndido tesouro.

Vai bem, vai muito bem, mesmo, o navio.  
As vagas desenrolam-se de leve.  
Parece um berço por de sobre um rio  
Manso, prateado, espúmeo, cor de neve.

Vive-se a bordo como em terra. — As vagas  
Nunca foram tão doces e tão meigas,  
Como em desertas, viridentes plagas  
É doce e meigo o mole chão das veigas.

Viver assim, na realidade, é gozo  
Que até parece não haver na terra!  
Tão belo é o mar, tão calmo e bonançoso,  
Tal confiança nos semblantes erra!

Vogando assim a embarcação, quem pensa  
Ir acordado afora pela Vida?!  
Tudo é um sonho de esperança imensa  
Um bom sonho de aurora indefinida.

VI

Súbito os ares enchem-se de noite  
E grita e zune, zargunchando o vento  
Que esbraveja, morde com rijo acoite  
O mar que espuma e empola num momento.

Não estrugem os raios pela treva  
Não ha trovões bravios rebentando  
Como canhões que estouram, — mas se eleva  
Do oceano um vendaval que vai urrando

Com fúrias e com cóleras enormes  
Como potros sanhudos relinchando  
Em pinotes e berros desconformes.

Caiu talvez no mar o etéreo espaço,  
Toda a cúpula azul tombou, quem sabe?  
Céus! Há lutas ali, de braço a braço.  
Horror! Crível será que o mundo acabe?

Ninguém calcula o que será tudo isso...  
Mas os ventos elétricos, largados  
Nas amplidões do mar antes submisso,  
Rugindo vão como desesperados.  
Deus, ó meu Deus, todas as bocas gritam,  
E se afervora mais e mais a crença.  
Mas, onde os astros muita vez palpitam  
No céu, há noite cada vez mais densa.

Ah! Que mudez de túmulo nos ares.  
Nada responde, oh! Nada então responde;  
Mas onde está o grande Deus dos mares  
E da terra, onde está, aonde, aonde?

Tudo está mudo — a natureza inteira,  
Tudo emudece e não responde nada;  
E só os vendavais têm a maneira  
De responder dando uma gargalhada.  
Gargalhada de lágrimas atrozes,  
De lágrimas de morte e de agonia  
Que abafa e extingue na garganta as vozes,  
Gera a coragem que e a luz do dia.

O valentes e rudes marinheiros  
Vindos da pátria para pátria nova,  
Que sepultais amores verdadeiros  
Do tão profundo coração na cova;

Ó viajantes de longe, de países

Onde a vida cintila e canta alerta  
Como um turbilhão de aves felizes  
Numa campina de rosais, deserta;

Ó vós todos que vindes lá do oceano,  
Entre as mais bruscas e hórridas tormentas.  
Lá do mar, alto, a vela, a todo o pano,  
Com as almas ansiosas e sedentas,

De chegar cedo ao porto desejado,  
Calculai, calculai o quanto é triste  
Ver dar à praia um pobre desgraçado  
Em cuja carne a podridão existe!

À praia! À praia! Dai à praia, morto,  
Rejeitado por ondas convulsivas,  
Indo encontrar na sepultura o porto,  
Deixando ao mundo as ilusões mais vivas.

O eterno amor de mãe, de filho, esposa,  
Tanta fé, tanto riso de alegria,  
Tanta coisa dourada, ai tanta coisa  
Que ao recordar toda a nossa alma esfria.

Morrer no mar, os nervos contraídos,  
Numa asfixia atroz, cerrando os dentes,  
Num abismo de cores e gemidos,  
De maldições e de uivos de descrentes;

Morrer no mar, sem o farol amigo,  
Esse farol que os náufragos anima,  
Fora de proteção, fora de abrigo,  
Sem sequer uma luz no espaço, em cima;

Morrer no mar, sem astros no infinito,  
Na solidão das águas, fria, imensa,  
Enquanto a treva aura de granito,  
Ri-se de tudo, com indiferença;

Morrer no mar, só e desamparado  
E num terror que não acaba nunca,  
Vendo rasgar o corpo enregelado  
O desespero como garra adunca.

É horrível! Bem sei! Mas ai daqueles  
Que morrem mesmo assim lá no mar fundo  
Sem ter alguém que ao menos neste mundo  
Derrame uma só lágrima por eles!

### CASTELÃ

Bela e mais encantadora  
Do que todas as belezas,  
Graça leve de pastora  
Que canta pelas devesas.

Enleios de passarinho  
E brilhos de primavera,  
Com magnetismos de vinho  
No olhar azul de quimera.

Feita de um jorro sadio  
De auroras purpureadas  
Carne mais fresca que um rio  
De frescas águas prateadas.

Tudo é frio e tudo é raso  
Para dizer-te a capricho  
Que és magnólia para um vaso,  
Que és arcanjo para um nicho.

És um mito da Alemanha  
Vivendo em montanha alpestre,  
No castelo da montanha,  
Como ardente flor silvestre.

E tens as pomas à farta  
Polposas, cheias de aromas.  
És assim a loura Marta  
Com abundância de pomas.

Esse príncipe que te ama,  
Cismando, trágico e grave,  
quando o luar se derrama  
Cuida ouvir-te os vãos de ave.

Ele vive, airoso e belo,  
Como se vive num sonho,  
No seu nevoento castelo  
Junto de um lago tristonho.

E através do pó flutuante  
Do luar saudoso e vago  
Julga que és a garça errante  
Das águas verdes do lago.

### ARTE

Como eu vibro este verso, esgrimo e torço,  
Tu, Artista sereno, esgrime e torce;  
Emprega apenas um pequeno esforço

Mas sem que a Estrofe a pura idéia force.

Para que surja claramente o verso,  
Livre organismo que palpita e vibra,  
É mister um sistema altivo e terso  
De nervos, sangue e músculos, e fibra.

Que o verso parta e gire — como a flecha  
Que d'alto do ar, aves, além, derruba;  
E como os leões, ruja feroz na brecha  
Da Estrofe, alvoroçando a cauda e a juba.

Para que tenhas toda a envergadura  
De asa e o teu verso, de ampla cimitarra  
Turca, apresente a lâmina segura,  
Poeta, é mister, como os leões, ter garra.

Essa bravura atlética e leonina  
Só podem ter artistas deslumbrado:  
Que souberam sorver pela retina  
A luz eterna dos glorificados.  
Busca palavras límpidas e castas,  
Novas e raras, de clarões radiosos,  
Dentre as ondas mais pródigas, mais vastas  
Dos sentimentos mais maravilhosos.

Busca também palavras velhas, busca,  
Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário  
E então verás que cada qual corusca  
Com dobrado fulgor extraordinário nódoa

Que as frases velhas são como as espadas  
Cheias de nódoa, de ferrugem, velhas  
Mas que assim mesmo estando enferrujadas  
Tu, grande Artista, as brunes e as espelhas.

Faz dos teus pensamentos argonautas  
Rasgando as largas amplidões marinhas,  
Soprando, à lua, peregrinas flautas,  
Louros pagãos sob o dossel das vinhas.

Assim, pois, saberás tudo o que sabe  
Quem anda por alturas mais serenas  
E aprenderás então como é que cabe  
A Natureza numa estrofe apenas.

Assim terás o culto pela Forma,  
Culto que prende os belos gregos da Arte  
E levará no teu ginete, a norma  
Dessa transformação, por toda a parte.

Enche de estranhas vibrações sonoras  
A tua Estrofe, majestosamente...  
Põe nela todo o incêndio das auroras  
Para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas  
No verso e torna-o musical e doce  
Como se o coração, nessas supremas  
Estrofes, puro e diluído fosse.

Que as águias nobres do teu verve esvoacem  
Alto, no Azul, por entre os sóis e as galas,  
Cantem sonoras e cantando passem  
Dos Anjos brancos através das alas...

E canta o amor, o sol, o mar e as rosas,  
E da mulher a graça diamantina  
E das altas colheitas luminosas  
A lua, Juno branca e peregrine.

Vibra toda essa luz que do ar transborda  
Toda essa luz nos versos vai vibrando  
E na harpa do teu Sonho, corda a corda,  
Deixa que as Ilusões passem cantando.

Na alma do artista, alma que trina e arrulha  
Que adora e anseia, que deseja e que ama  
Gera-se muita vez uma fagulha  
Que se transforma numa grande chama.

Faz estrofes assim! E após na chama  
Do amor, de fecundá-las e acendê-las,  
Derrama em cima lágrimas, derrama,  
Como as eflorescências das Estrelas...

#### ARTE [variação]

Como eu vibro este verso, esgrimo e torço,  
Tu, o poeta moderno, esgrime e torce;  
Emprega apenas um pequeno esforço,  
Mas sem que nada a pura idéia force.

Para que saia vigoroso o verso,  
Como organismo que palpita e vibra,  
É mister um sistema altivo e terso  
De nervos, sangue e músculos e fibra.

Que o verso parta e gire como a flecha  
Que do alto do ar, aves, além, derruba  
E como um leão ruja feroz na brecha  
Da estrofe, alvoroçando a cauda e a juba.

Para que tenhas toda a envergadura  
De asa, o teu verso, como a cimitarra  
Turca apresente a lâmina segura,  
Poeta, é mister como um leão, ter garra.

Essa bravura atlética e leonina  
Só podem ter artistas deslumbrados  
Que sorveram com lábios e retina  
A luz do amor que os fez iluminados.

Nem é preciso, poeta, que te esbofes  
Para ferir um verso que fuzile;  
Põe a alma e muitas almas nas estrofes  
E deixa, enfim, que o verve tamborile.

Busca palavras límpidas e novas,  
Resplandecentes como sóis radiosos  
E sentirás como te surgem trovas  
Belas de madrigais deliciosos.

Busca também palavras velhas, busca,  
Limpa-as, dá-lhes o brilho necessário  
E então verás que cada qual corusca,  
Com dobrado fulgor extraordinário nódoas

Que as frases velhas são como as espadas  
Cheias de nódoas de ferrugem, velhas,  
Mas que assim mesmo estando enferrujadas  
Tu, grande artista, as brunes e as espelhas.

Que toda a vida e sensação de estilo  
Está na frase, quando se coloca,  
Antiga ou nova, mas trazendo aquilo  
Que soa como um tímpano que toca.

Como o escultor que apenas fez de um bloco  
A estátua — com supremo e nobre afinco  
Estuda a natureza num só foco:  
A prata, o bronze, o cobre, o ferro, o zinco.

Estuda dos rubins, estuda do ouro  
E dos corais, da pérola e safira,  
Todo esse íris febril radiante e louro  
Que e a centelha de sol em toda a lira.

Estuda todos os metais, estuda,  
Desce a matéria prodigiosa e vasta,  
Estuda nela a natureza muda,  
Os veios de cristal da origem casta.

Estuda toda a intensa natureza  
Feita de aromas, de canções e de asas  
E sente a luz da cor e da beleza  
Rir, flamejar e arder, irar em brasas.

Faz dos teus pensamentos argonautas  
Rasgando as largas amplidões marinhas  
Soprando, a lua, peregrinas flautas,  
Como os pagãos sob o dossel das vinhas.

Assim, pois, saberás tudo o que sabe  
Quem anda por alturas mais serenas  
E aprenderás então como é que cabe  
A natureza numa estrofe apenas.

Assim terás o culto pela forma,  
Culto que prende os belos gregos da arte  
E levarás no teu ginete, a norma  
Dessa transformação por toda a parte.

Enche de alegres vibrações sonoras  
A tua idéia pródiga e valente,  
Põe nela todo o incêndio das auroras  
Para torná-la emocional e ardente.

Derrama luz e cânticos e poemas  
No verso e fá-lo musical e doce  
Como se o coração, nessas supremas  
Estrofes, puro e diluído fosse.

Que a abelha de ouro do teu verso esvoace,  
Fuja como um fuzil numa borrasca.  
Que o verso quando é bom por qualquer face  
Lembra um fruto saudável desde a casca.

Com arte, forma, cor, tudo isso em jogo,  
Engrinaldado e rútilo de crenças  
O sonho cresce — o pássaro de fogo  
Que habita as altas regiões imensas.

E canta o amor, o sol, o mar e o vinho,  
As esperanças e o luar e os beijos  
E o corpo da mulher — esse carinho —  
Canta melhor, vibra com mais desejo.

Canta-lhe a sinfonia dos olhares  
A cálida magnólia austral das pomas,  
E quando então tudo isso enfim cantares  
Em tudo põe a fluidez de aromas.

Vibra toda essa luz que do ar transborda  
Como todo o ar nos seres vai vibrando  
E da harpa do teu sonho, corda a corda,  
Deixa que as ilusões passem cantando.

Na alma do artista, alma que trina e arrulha,  
Que adora e anseia, que deseja e ama,  
Gera-se muita vez uma fagulha  
Que explode e se abre numa grande chama.

Pois essa chama que a fagulha gera,  
Que enche e que acende o espírito de força,  
Sobe pela alma como primavera  
De rosas sobe por coluna torsa.

Faz estrofes assim, de asas de rima,  
Depois de fecundá-las e acendê-las  
De amor, de luz — põe lágrimas em cima,  
Como as eflorescências das estrelas.

#### O DUQUE

Quando o duque voltava da caçada  
Alegre num clarim d' aço vibrante  
De alacridade moça e revigorada  
Dum ruidoso e trêfego estudante.

Quando ele vinha com seu ar bizarro  
De atravessar os vales e as colinas,  
Sadio aspecto fresco como um jarro  
Cheio de leite às horas matutinas.

Em toda a aristocrática varanda  
Alta e vistosa, ampla, aberta em janelas,  
Ele vibrava, de uma e outra banda,  
Canções de amor, nostálgicas e belas.

Do salão nobre entre tapeçarias  
De Gobelins, riquíssimas e raras,  
Iam vibrando aladas harmonias  
Da sua voz, esplêndidas e claras.

Todas as fluidas, leves, calmas, frescas  
Manhãs azuis, serenas e formosas,  
Loura mulher das regiões tudescas  
O seu bom dia era mandar-lhe roses.

Floria, é certo, em grande amor, floria  
Gerado pelo eflúvio dessas flores,  
Pois quando o duque não as recebia  
Era o mais infeliz dos caçadores.

Tão doce amor lembrava aquelas lendas  
Dos medievais castelos esquecidos,  
Quando visões de nuvens e de rendas  
Apareciam nos balcões floridos.

A caça, a caça, eternamente a caça!  
Quanto melhor, mais fácil não lhe fora  
A conquista das aves do que a graça  
De conquistar essa beleza loura!

Para possuí-la como noiva amada,  
Aceso há muito nas paixões insanas,  
Arrostaria a caça mais ousada  
Dos javalis nas selvas africanas.  
E sempre as lindas rosas matutinas  
Vinham-no perfumar todos os dias,  
Quando saltava aos vales e as colinas,  
Bizarro e são, dentre as tapeçarias.

Tempos passaram sobre tais amores!  
Mas depois de casado fez surpresa  
Saber que o duque, o rei dos caçadores,  
Não tinha o mesmo amor pela duquesa.

## A ESPADA

### I

Cavalheiros, os tempos já passados,  
De pajens, de canzés, de fidalguia,  
De castelos, de reinos brasonados.  
Ar cortesão de graça e fantasia  
Através dos olhares e dos beijos  
— No silêncio de cada galeria...

Foi nesse bravo tempo dos lampejos  
De espadas, de punhais e de couraças  
Por combater frementes de desejos.

No tempo dos floreios e das caças  
Dos assaltos alegres e bizarros  
Como as sonoras vibrações das taças.

Em que as almas airovas como jarros,  
Cheios de vinho espumante e ardente  
Eram de glória vencedores carros!

Foi no tempo fidalgo e refulgente,  
Quando o heroísmo fantasioso amava  
A linha e a chama de luzida gente,

Que esta cena galharda se passava,  
Quando um donzel partia para guerra  
Como a nobreza do solar mandava.

O pai, um tronco transudando a terra,  
Forte e viril, presença de profeta  
Que no seu flanco a valentia encerra.

Barbas serenas de bondoso asceta  
Em cuja alvura doce e veneranda  
Vê-se a vontade e a intrepidez completa.  
Fronte banhada de meiguice branda  
A que o dever e os ríspidos conselhos  
Dão sempre a austeridade que age e manda.

Lembra um ocaso de clarões vermelhos,  
Musgoso, triste, desolado muro,  
Por onde o luar abre fulgor d'espelhos.

E esse semblante que parece duro,  
Áspero e torvo, trouxe-o dos combates,  
Do torvelinho do nevoeiro escuro.

Dos pelouros sangüíneos escarlates,  
De fogo aberto em turbilhões, vorazes,  
Dos impulsivos, bélicos rebates.

Mas, bem olhadas, as feições audazes  
Desse velho patriarca destemido  
Tinha a suavidade dos lilazes.  
Nos olhos, um passado consumido  
Entre aventuras e colóquios belos  
Como que faz um verdadeiro ruído...

Sente-se neles noites de castelos  
Gozadas em amores dadivosos,  
Em madrigais, em íntimos desvelos.

Cavalgadas, torneios donairosos,  
Sonho feliz de rica mocidade,  
Requintes ideais, cavalheirosos.

Tudo se sente na tranqüilidade  
Desse deus varonil da força antiga  
Feito com o rijo bloco da Verdade.

Tudo se sente nessa paz amiga  
Que as crenças do passado às outras crenças  
Vagas, futuras, para sempre liga.

Tudo se sente vir das névoas densas  
E da ridente e cândida meiguice  
Das suas barbas límpidas e imensas.

Sim! tudo da quase criancice  
Que dão aos homens esses tons nevoentos  
Da enregelada e trêmula velhice.

Porém, reatando aéreos pensamentos...  
Comecemos na cena detalhada  
Que já das eras se espalhou nos ventos.

É nada mais que a história duma espada,  
História curta, mas interessante  
Duma espelhante lâmina timbrada.

Não é pelo aço ou lâmina espelhante  
Que irei contar, pois são comuns os aços,  
Mas pelo nobre e original rompante.

Pelo ardimento que os primeiros braços  
Que a maneжaram com pujança e brio  
Nela gravaram, com profundos traços.

## II

O velho, em pé, atlético e sombrio  
Diante do filho armado cavaleiro,  
No aspecto dum leão ruivo e bravo.

Fala-lhe claro, d'alto e sobranceiro,  
Numa solene e enérgica atitude  
De quem nos prélios sempre foi primeiro.

O filho, grave o escuta e atende a rude  
Lhanez estóica de palavra augusta  
Que dos lábios lhe sai, com tal saúde.

Calmo, sem se mover, firme a robusta  
Figura solarenga do estoicismo,  
O velho disse esta nobreza justa:

"Aqui tens esta espada que o heroísmo  
Dos teus avós honrou nessas campanhas,  
Com o mais ousado, intrépido civismo.

Fremente ainda hoje em convulsões estranhas,  
Palpita e anseia dentro da bainha  
Sonhando a luta, as implacáveis sanhas.

Tu, para a teres, como eu sempre a tinha,  
Num triunfo imortal, quase divino,  
De gládio que o valor maior continha;

É necessário um grande ardor leonino,  
Que sejas bem idólatra do nome  
Que fez de mim o extremo paladino.

A ferrugem, tu vês, o aço consome...  
Porém, neste aço que ainda aqui fulgura,  
Se houver ferrugem, tira-a com o renome.

Aqui tens, pois, a lâmina segura,  
Alma e brasão da nossa velha casa  
Coberta de ovações, famosa e pura".

Calou-se um instante, como a ave que a asa  
Fechou no voar, já quase que abatida,  
Caindo exausta junto a moita rasa.

O filho, mudo e respeitoso, erguida  
A valente cabeça leal de moço,  
Formoso estava, porejando vida.

E enquanto o velho, impávido colosso,  
Calara-se num momento, emocionado  
Ficara o filho em íntimo alvoroço.

Mas de repente, como iluminado  
Por um clarão de glórias já extintas,  
Tornou o velho, aos poucos transformado:

"Podes partir! Porém nunca desmintas  
Nas pelejas o dom da nossa fama,  
Por menos força que no peito sintas.

Como um clarim, por toda a parte aclama  
O vigor deste ferro e do teu pulso  
No combate que ruja, ulule e brama,'.

E cada vez mais pálido e convulso,  
Mais nervoso e febril e mais altivo  
Bradou ainda, num tremendo impulso:

"Se tu, que és da minh'alma o exemplo vivo,  
Meu filho, tens de ser como um cobarde,  
Como um vilão abjeto e repulsivo;

Não faças mais de fidalguia alarde,  
Pega esta espada, meu Afonso, pega

E quebra-a de uma vez, que não é tarde.

Pois em lugar de fazer dela entrega  
Aos sequiosos, feros inimigos  
Antes a quebre a cólera mais cega.

Ei-la, aqui tens, a leoa dos perigos,  
Que como outrora em minha mão lampeja  
Da bravura e da fama nos abrigos.

Se não a tens de honrar nessa peleja  
Escuta bem, ó meu amado filho,  
Quebra-a, e o teu nome nem manchado seja.

Como eu faria noutra idade e brilho,  
Com outras energias musculares,  
Segue-me tu no denodado trilho,,.

E assim falando, em gestos singulares,  
E agigantado corpo retesando  
E um tom sinistro esparso nos olhares;

A cabeça nos ares agitando  
Numa alucinação, — enorme ereto,  
Como heróica visão, deblaterando...

Fitando bem o filho predileto,  
Como se de repente lhe brotasse  
A força hercúlea dum poder secreto.

O velho, qual um templo que abalasse,  
A mão crispada, lívida e nervosa,  
Com todo o esforço a lhe afluir na face,  
Partiu no joelho a espada vitoriosa.

O SOL E O CORAÇÃO  
Sol, coração do Espaço que flamejas,  
O coração é qual tu, sol de utopias...  
Mas, coração, dize-me: — Que desejas?...

Foram-se já todas as alegrias,  
Ó Sol! E tu, coração, que ainda adejas,  
Que fazes sobre as mortas fantasias?!...

Podes brilhar, ó Sol, vivo e fulgente!  
E tu, coração, que me iludiste,  
Também podes bater, inutilmente.

Crença, Ilusão, Amor, já nada existe,  
Não mais levarás sobre a corrente

Da tenebrosa dúvida mais triste.

Longe, mui longe, em regiões caladas,  
Emudecidos pelo Esquecimento,  
Estão hoje esses sonhos de alvoradas.

Foram-se, há muito, soltos pelo vento  
Entre as grandes ruínas derrocadas  
Do meu amargo e pobre pensamento,

Entre as profundas, tétricas ruínas  
Em que o doce fantasma desses sonhos  
Atravessou em lágrimas divinas.

Fantasma ideal, de cânticos risonhos  
Que da vida encontrei pelas colinas  
E hoje vaga entre bulções medonhos!

Fantasma que eu amei, visão errante  
Que sempre junto a mim vivia perto,  
Por mais longe que eu fosse e mais distante.

Visão que era como a água do deserto  
Para o meu coração sempre anelante,  
Sequioso de amor e sempre aberto...

Ó pobre coração, em vão te agitas,  
Em vão tu bates, coração estreito,  
Tal qual tu, Sol, nos páramos crepitas.  
Nada mais, para mim, de satisfeito  
Brilha com o Sol nas plagas infinitas,  
Como não canta o coração no peito...

Podes, enfim, sumir-te nos Espaços  
Sol! E tu, coração, sempre batendo,  
Quebrar da terra os "Transitórios Laços",  
Eternamente desaparecendo!...

SAPO HUMANO  
A Emiliano Pernetá

Oh sapo! Eu vou cantar tuas misérias, sapo,  
Vou tirar, nesse lodo onde habitas de rastros,  
Umás vivas canções do teu nojento papo,  
Da crosta esverdeada umas centelhas de astros.

E canções de tal forma e tais e tais centelhas,  
Que todas possam ir, miraculosamente,  
Transformadas, pelo ar, em rútilas abelhas  
Com o íris voador de cada asa fulgente.

Que tu, tredo animal, tu, triste sapo hediondo,  
Não és o vil, o torpe, o irracional, que a lama  
Em camadas envolve o atro ventre redondo,  
Dos tempos imortais nessa fecunda chama.

Não és o sapo histrião de imundas esterqueiras,  
O sombrio Caim nos lamaçais errantes,  
O clown gargalhador das charnechas rasteiras,  
Que ri-se para o sol com riso ironizante.

Não és o sapo atroz, coaxador, visguento,  
Que rouco ruge e raiva a noite os seus horrores,  
E para o constelado e mudo firmamento  
Faz ecoar os mais surdos e ásperos tambores.

Mas és o sapo humano, esse asqueroso e feio,  
Nascido de roldão na lúgubre miséria  
E que do mundo vão no pavoroso seio  
Lembra o negro sarcasmo enorme da Matéria.

Mas és o sapo humano, o sapo mais abjeto  
Do crime aterrorador, do tenebroso vício  
Mas que ainda possuis o brilho de um afeto  
Que te livra, talvez, do eterno precipício.

Por ora na tua alma a noite cruel, cerrada,  
Não caiu de uma vez, como terrível fora.  
Nela ainda há clarões de límpida alvorada,  
Um prenúncio feliz de aurora redentora.

Ainda tens coração que pulsa no teu peito  
Por uns filhos gentis, ingênuos, pequeninos,  
Que são o grande amor, o sentimento eleito  
Vencendo esses fatais instintos assassinos.

Tu semelhas de um charco a superfície nua  
E vítrea, que no campo, aos ares, adormece,  
Que se em cheio lhe bate a luz do sol, da lua,  
Para a vasta amplidão cintila e resplandece.

Pois no teu organismo, assim sinistro e torvo,  
Repleto de vibriões do vício — essas crianças,  
Sorriem virginais, oh! Solitário corvo,  
Com sorrisos de luzes e barcarolas mansas.

O amor que regenera os ínfimos bandidos,  
Não reduziu, enfim, tu'alma a ignóbil trapo.  
E eis por que, num viver de pântano e gemidos,  
Cantam dentro de ti aves e estrelas, sapo!

Para matar o letargo  
Da vida, e o profundo tédio,  
Fui, em busca de remédio,  
Ao cais arejado e largo.  
E vi o mar formigando,  
Cheio de mastros e velas,  
Ocultos clarins vibrando  
Pela boca das procelas.

Vi tropéis e tropéis bruscos  
De ondas revoltas e crespas  
Com rijos ferrões de vespas  
Ferreteando os ares fuscos.

Vi os límpidos navios  
Jogados do mar incerto  
Como seres erradios  
Por inóspito deserto.

Vi tudo nublado, tudo,  
Céus e mares e horizontes;  
E sobre a linha dos montes  
Cair o silêncio mudo.

E eu lembrei-me quando a aurora  
Sobre aquelas esverdeadas  
Águas jorrava sonora  
A luz em puras golfadas.  
Lembrei-me desses supremos  
Dias acres de alegria  
Na vaga loura e macia  
As leves palmas dos remos.

Do resplendor das viagens  
Num encanto matutino  
A doçura das aragens,  
Por sobre o mar cristalino.

A bicar as doces ilhas  
De pedra, musgos e flores,  
Cheias de ervas e frescores  
E naturais maravilhas.

Que ela a tudo perfumasse  
Como um rosal que floresce  
Que tudo que nela houvesse  
Resplandecesse e cantasse.

Ou ver na frente das casas,  
Dos vales e das colinas

Os pombos batendo as asas,  
Entre festões de boninas.

Ir a pesca alegre e fresca  
Por suavíssimos luares,  
Numa lua pitoresca,  
Em cima dos salsos mares.

Quando flexível canoa  
Vai deixando um vivo rastro,  
Fundo, aberto, feito de astro,  
Na vaga que brilha e soa.

Quando na margem campestre  
De rios indefinidos  
Sente-se o aroma silvestre  
Dos aloendros floridos.

Lembrei-me até das regatas  
Numa hora deliciosa  
De manhã cheirando a rosa,  
Toda de fúlgidas pratas.

D'embarcar, como um fidalgo,  
Para aventuras de caça,  
Em companhia do galgo  
Que é das caçadas a graça.

Ir d'espingarda e d'estilo,  
Por madrugadas serenas,  
Sem males, sem dor, sem penas,  
Peito bizarro e tranqüilo.

Bater as aves no mato  
Por entre arvoredos graves,  
Ou da beira de um regato  
Ver saltar em bando as aves.

E da ventura nos jorros  
Voltar da caça repleto  
Vendo ao longe o rubro teto  
Da casa e o verde dos morros.

Ou então ir como um duque  
Nas praias de mais beleza  
Gozar na choça de estuque  
Uns olhos de camponesa.

Sentir do equóreo elemento,  
Sobre as serras verdejantes,

Ruflantes e sussurrantes  
As ventarolas do vento.

Deixar o espírito, avaro  
De vida, saúde e força  
Disparar — alada corça —  
Pelo azul radioso, claro.

Assim, talvez que o Nirvana  
Do tédio e letargo imenso  
Não fosse uma dor humana,  
Dentre um nevoeiro tão denso.

#### BRUMOSA

Inglesa! Por toda a parte  
Onde vás, chamam-te inglesa  
E cobrem de pompas de arte  
A pompa dessa beleza.

Mas tu, num soberbo encanto  
De nevada e fria rosa,  
Ó meu pálido amaranto!  
Não és inglesa, és brumosa.

A tua carne alvorece  
Em lactescências de opala,  
Brilha, fulge e resplandece  
E um fino aroma trescala.

És a límpida camélia  
Nos jardins reais plantada  
Ou essa lânguida Ofélia  
Melancólica e nevada.

O teu corpo imaculado,  
Flor de místicas origens,  
Parece um luar velado  
E lembra florestas virgens.

Com o teu amor ilumina  
A minh'alma envolta em crepe,  
Ó vaporosa neblina,  
Ó branca e gelada estepe!

#### SGANARELO

Esse que eu agora rimo  
É viscoso como a lesma  
Pegajosa sobre o limo,  
Sinistro como avantesma.  
Feia coisa, enorme bicho,

Pavoroso mastodonte  
Feito do horror a capricho,  
Com cornos rijos na frente.

Todo o ventre se lhe estufa  
De obesidade lasciva,  
Se fala a voz urra e bufa  
Lembrando a locomotiva.

Na terrível carantonha  
Retorcida, escalavrada,  
Lhe estruge, às vezes medonha,  
Formidável gargalhada.

E a luz do sol, que corusca,  
Nas praças, à luz do dia,  
A sua presença brusca,  
Tem uma ardente ironia.

A língua rubra e convulsa  
Sai-lhe da boca em espasmo,  
Enquanto no olhar lhe pulsa  
A blasfêmia do sarcasmo.

Capra figura profunda,  
Atroz e amedrontadora,  
Que larga entranha fecunda  
Foi a tua geradora?!

Que aborto de ventre estranho  
Pode gerar esse aborto  
Assim feroz e tamanho,  
Peludo, estrocnado e torto?

De que idades tão antigas,  
Pré-históricas vieste?  
Mais hostil do que as urtigas,  
Mais nefando de que a peste!

Trazes a pata esmagante,  
A pata do bronze trazes;  
Que é no espírito diamante  
E que é nas almas lilazes.  
Possuis o sangue da verve  
Resplandecente, infinita,  
Que ruge, palpita e ferve  
E canta e soluça e grita.

Vens como imagem da Morte,  
Da Morte hedionda e nefasta,

Das iras ao vento forte,  
Do desespero a vergasta.

Desmancha-te em cabriolas  
De doido polichinelo,  
Que os teus membros lembrem molas  
Como um palhaço amarelo.

Faz nos músculos esgrimas,  
Pula trapézios e barras  
E salta saltando estas rimas  
Que vão saltando bizarras.

Acrobata da miséria  
Estica os nervos, estica  
E ri, ri tu da matéria  
Da gente fidalga e rica.

És medonho?! Isso que importa?  
Ri! Mas ri alto na praça,  
Se a desgraça não foi morta,  
Ah! Deixem rir a desgraça!

Satanás sujo e potruído  
Nas cambalhotas te inspire.  
Eia! Vá! Desdém por tudo,  
Por tudo, e o tempo que gire!

Faz que o século se agite  
De eternas risadas grossas  
E como com dinamite  
Arromba o mundo com troças.

Fura o estúrdio Sancho Pança  
Com estocadas de riso  
E mete-o também na dança  
Dos saltos, se for preciso.

Destrói tudo, vai, desaba,  
De tudo faz estilhaços  
E a golpes de riso acaba  
Os erros córneos e crassos.  
Fura os ventres mais rotundos  
Com agulhões de chacota  
E manda ao Mestre dos mundos  
Um exemplar da risota.

Na tal luxúria gorducha,  
Na velha e calva luxúria  
Rebente risos em ducha,

Com toda a sátira e fúria.

Ri! até que se transforme,  
O rebelado do inferno!  
O riso num facho enorme  
Aceso no sol moderno!

#### DESMORONAMENTO

Dentro do coração, no côncavo do peito  
Choro a grande ilusão do amor, desfalecida,  
Dentre o gozo feliz, nostálgico da vida;  
Já exangue, afinal, já morto, já desfeito.

Por visões que adorei num vago tempo incerto  
Não sei por que razão avivo agora as mágoas,  
Num pranto doloroso e triste, como as águas  
Do mar grosso a bater sobre o costão deserto.

Tu, ó doce visão de perfumosas tranças,  
Todo o meu puro e terno sentimento invades  
E eu não sei o que fiz das minhas esperanças  
Que de longe que vão parecem mais saudades.

Tudo o que houve em meu ser de compaixão e crença  
Para sempre secou, secou já como um rio;  
Para sempre também subi ao escombros frio  
Da dúvida mortal, avassalante, imensa.

Para sempre me achei sem bússola e sem rumo  
No fundo de regiões estranhas e afastadas...  
As almas que eu amei, vi mudas e apagadas,  
Vi tudo se sumir numa espiral de fumo.

Bem depressa fiquei como um ermo remoto  
Como torvo areal sem plantas e sem fontes,  
Donde apenas se vê rasgar a terra o broto  
Do cardo retorcido e áspero dos montes.

Muitas vezes, porém, como entre os arvoredos  
Onde juntas, no val, todas as aves cantam  
No meio do rumor, de sombras e segredos,  
Sinto dentro de mim que uns sonhos se levantam.

Borboleteio, a rir, por entre os sons e as flores,  
Como um pássaro azul de uma plumagem linda  
E canto alegremente a canção dos amores,  
Que este peito viril sabe cantar ainda.

Lembro então corações que já me abandonaram,  
Que eu senti palpitar, por sobre o meu pulsando,

Que vão hoje através das afeições chorando,  
Que sofreram comigo e que comigo amaram.

Entretanto a minh'alma em vôo largo e ufano,  
De repente triunfal, de súbito gloriosa,  
Tem a pompa de sol, vermelha e luminosa,  
Da púrpura esvoaçante e aberta de um romano.

E esse fulgor, que vem dos meus sonhos dispersos  
Na névoa do passado, errantes e dolentes;  
Dá-me árdidos corcéis fogosos e frementes  
Para atrelar, jungir ao carro destes versos.

Claramente recordo e penso nas estradas  
Que percorri, que andei às ilusões, sozinho,  
Vendo que todo o amor das virginais amadas,  
Tinha a mesma fatal embriaguez do vinho.

Quantos entes febris, que o amor embriaga e ofusca  
Assim, durante a vida, ansiosamente exaustos,  
Não encontram, talvez, dessas visões em busca,  
As Margaridas vãs dos ilusórios Faustos!

#### CLARÕES APAGADOS

Flor de planta aromática, sinistra,  
Nascida nas inóspitas geleiras,  
Célebre flor que o meu Ideal registra,  
Trepadeira das raras trepadeiras.

Serpe nervosa entre as nervosas serpes,  
Carnívora bromélia da luxúria  
De gozo tetaniza como as herpes  
Da tua boca a polpa atra e purpúrea.

O teu amor, que lembra vinhos de Hebe  
E essa áspera feição do abeto fusco,  
Como um réptil que salta numa sebe,  
Saltou-me ao peito, impetuoso e brusco.

Eu ia por estranhos descampados,  
Por extensos desertos impassíveis,  
Na trágica visão dos naufragados  
Perdidos entre os temporais terríveis.  
Sem rumo certo, num sombrio inferno,  
Sozinho, sobre a desolada areia  
Arrastando a existência, de onde, eterno  
Um sapo coxa e um rouxinol gorjeia.

Quando tu de repente, então surgiste  
Beleza das belezas redentoras,

Tendo essa meiga formosura triste  
Das formosas e flébeis pecadoras.

Fosse talvez uma tremenda insânia  
Tão alta erguer o meu amor, tão alto;  
Mas este coração frio, da Ucrânia,  
Anelava galgar o céu de um salto.

E fui, galguei, subi, voei na altura,  
Além dos verdes píncaros do monte,  
Donde resplende a tua formosura  
No clarão das estrelas do horizonte.

Foi o mesmo que se eu num templo entrasse  
E aí num formidável sacrilégio,  
As angélicas vestes arrancasse  
Das santas de áureo diadema régio.

Como um leão sem juba e garra, preso,  
Na indiferença, já morreu comigo  
Todo esse amor profundamente aceso  
Na ideal constelação de um sonho antigo.  
Apenas pelo saara imorredouro  
Do longínquo passado, ergue, altaneira,  
Majestosa folhagem no sol d'ouro,  
Dessas recordações a alta palmeira...

#### MENDIGOS

Mendigos! Ah! são mendigos  
Que voltam de vãos caminhos,  
Que atravessaram perigos,  
Urzes, pântanos, espinhos.

Que chegam desiludidos  
Das portas a que bateram;  
Humanos, grandes gemidos  
Que nos tempos se perderam.

Que voltam como partiram,  
Com mais amargor na volta  
E mais sonhos que se abriram  
Das estrelas na recolta.

Mendigos ricas no entanto,  
Das pompas da natureza  
E das auréolas do Encanto,  
Os vinhos da sua mesa.

Mendigos que o sol, apenas,  
Torna nababos felizes,

Torna um pouco mais serenas  
As convulsas cicatrizes.

Mendigos que acham requinte  
Na fumaça de um cachimbo,  
Deixando que labirinte  
O sonho em tão leve nimbo.

Mendigos da luz da aurora  
Cantando celestemente,  
Fresca, límpida, sonora,  
Pelas fanfarras do Oriente.

Mendigos de áureas estradas,  
De sonâmbulas veredas,  
De riquezas encantadas,  
Sem pedrarias e sedas.

Mendigos d'estranho aspecto  
E sempiterna vigília,  
Filhos nômade, sem teto,  
De milenária Família.

Mendigos que erram eternos  
Sem fadigas e sem sono,  
Sob o augúrio dos Infernos,  
Das Ilusões sobre o trono.

Mendigos de plaga nova,  
De novas terras e mares,  
Divinizados na cova  
Como as hóstias nos altares.

Mendigos da grande esmola  
Da luz das estrelas nobres,  
Que fulge e dos altos rola,  
Entre as suas mãos tão pobres!

Mendigos de céus remotos,  
De sóis dos mais velhos ouros;  
Com a sua fé e os seus votos  
E os seus secretos tesouros.

Mendigos de olhar severo,  
Boca murcha, meio amarga...  
Tendo um vago reverbero  
De sonhos na frente larga.

Mendigos de ínvias florestas  
E de bosques fabulosos,

De melancólicas sestas  
Nos crepúsculos brumosos.

Mendigos da Eternidade,  
Tremendo dos sóis, dos frios,  
Nas mortalhas da Saudade  
Amortalhados sombrios.

Mendigos dos Infinitos,  
Das Esferas inefáveis,  
Noctambulando malditos  
Nos rumos imponderáveis.

Mendigos de fome e sede  
De água e pão de outros mundos,  
Embalados pela rede  
Dos Idealismos profundos.

Mendigos do azul Mistério,  
Cuja alma — nívea sereia —  
Fica saciada no aéreo  
Pão branco da lua cheia!

#### ASAS PERDIDAS A Carlos Jansen Júnior

Afora, pelo azul indefinido e largo,  
Passam asas sutis, pelo éter, longe, afora,  
Como que a demandar outra mais doce aurora  
Que a desta vida atroz, toda veneno amargo.

Não as asas assim, bem longe, pela curva,  
No vago, na amplidão, perdidas pelos ares  
Até virem caindo os véus crepusculares,  
Toda a anústia do acaso, emocional e turva.

E diante dessa dor das tardes que esmaecem  
As asas, pelo espaço, em vôos desgarrados  
Como a oração final dos tristes naufragados,  
Longinquamente, além, tênues desaparecem

Cai então de uma vez a sombra dos segredos.  
E na serena paz das noites adormidas,  
Entre o fundo chorar dos calmos arvoredos,  
Ninguém verá jamais essas asas perdidas.

E as asas o que são no firmamento errantes,  
Perdidas pelos tempos, esparsas pelas eras  
Senão os sonhos vãos, mundos alucinantes  
Cheios do resplendor das flóreas primaveras?!

Por isso, eu quando o Azul repleto de asas vejo  
Muito alto, céu acima, os páramos rasgando,  
Toda a minh'alma oscila e treme num desejo  
Em busca das regiões da dúvida, chorando!

#### ANJO GABRIEL

Na calma irradiação das noites estreladas  
Alto e claro aparece, alto, aparece, claro,  
Alvo, claro, no luar das estrelas prateadas,  
No triunfal esplendor celestemente raro.

O seu busto de Excelso, a sua graça fina,  
A linha de harpa ideal do seu perfil augusto,  
Estremecem de luz, de uma luz peregrina,  
Do secreto fulgor de um sentimento justo.

Serenidade e glória e paz do Paraíso  
Flutuam-lhe na face alvorecida e doce  
E quando ele sorri é como se o sorriso  
Claros astros semear por todo o espaço fosse.

Leve, loura, radial, a soberba cabeça  
Eleva-se da flor do níveo colo louro  
E não há outro sol que tanto resplandeça  
Como o sol virginal dessa cabeça de ouro.

As mãos esculturais, de ebúrnea transparência,  
De divina feitura e de divino encanto,  
Lembram flores sutis de sonhadora essência  
Da etérea languidez e de etéreo quebranto.  
Das madeixas reais largo deslumbramento  
Num flavo jorro cai, com sagrado abandono...  
E sai do Anjo o quer que é de vago e de nevoento  
Que lembra o despertar sonâmbulo de um sono...

De alto a baixo, do Azul, desfilando das brumas,  
Abre todo ele em flor como nevado lírio,  
Belo, branco, etereal, do candor das espumas,  
Banhado nos clarões e cânticos do Empíreo.

Maravilhoso e nobre ergue no braço ovante  
Um gládio singular que rútilo cintila...  
Enquanto o seu olhar de mágico diamante  
Aflora em plenilúnio através da pupila.

Que o seu olhar, então, esse, recorda tudo  
O quanto há de tranqüilo e luminoso e casto.  
Maio de ouro a florir meigos céus de veludo  
E a neve a cintilar sobre o monte mais vasto.

Do puro albor astral das asas majestosas  
Desprendem-se no Azul mistérios de harmonia...  
Entre as angelicais suavidades radiosas  
Parece o Anjo Gabriel o alto Enviado do Dia!

Na chama virginal de tão rara beleza  
Brilha a força de um Deus e a mística doçura...  
E sai das seduções de tamanha pureza  
Toda a melancolia errante da ternura.

Do suntuoso agitar das delicadas vestes  
Tecidas de jasmims, de rosas, de açucenas,  
Vem o aroma cristão dos aromas celestes  
Todas as imortais emanações serenas...

Transfigurado, excelso, agigantado, imenso,  
Na candidez hostial das formas impecáveis,  
Fica parado no ar, levemente suspenso  
De raios siderais, de fluidos inefáveis.  
Mas quando o seu perfil nas amplidões floresce  
E das asas se lhe ouve a música sonora  
Quando ele agita o gládio e as madeixas, parece  
Que vai noctambular pelo Infinito afora.

E alto, branco, de pé, destacado no Espaço,  
Eleito das Regiões de estranhas Primaveras,  
Traça, com o gládio no ar, alevantando o braco,  
Uma cruz de Perdão na mudez das Esferas!

#### CRIANÇAS NEGRAS

Em cada verso um coração pulsando,  
Sóis flamejando em cada verso, e a rima  
Cheia de pássaros azuis cantando  
Desenrolada como um céu por cima.

Trompas sonoras de tritões marinhos  
Das ondas glaucas na amplidão sopradas  
E a rumorosa musica dos ninhos  
Nos damascos reais das alvoradas.

Fulvos leões do altivo pensamento  
Galgando da era a soberana rocha,  
No espaço o outro leão do sol sangrento  
Que como um cardo em fogo desabrocha.

A canção de cristal dos grandes rios  
Sonorizando os florestais profundos,  
A terra com seus cânticos sombrios,  
O firmamento gerador de mundos.

Tudo, como panóplia sempre cheia  
Das espadas dos aços rutilantes,  
Eu quisera trazer preso à cadeia  
De serenas estrofes triunfantes.

Preso à cadeia das estrofes que amam,  
Que choram lágrimas de amor por tudo,  
Que, como estrelas, vagas se derramam  
Num sentimento doloroso e mudo.

Preso à cadeia das estrofes-quentes  
Como uma forja em labareda acesa,  
Para cantar as épicas, frementes  
Tragédias colossais da Natureza.

Para cantar a angústia das crianças!  
Não das crianças de cor de oiro e rosa,  
Mas dessas que o vergel das esperanças  
Viram secar, na idade luminosa.

Das crianças que vêm da negra noite,  
Dum leite de venenos e de treva,  
Dentre os dantescos círculos do açoite,  
Filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos afora  
O carrilhão da morte que regela,  
A ironia das aves rindo a aurora  
E a boca aberta em uivos da procela.

Das crianças vergônteas dos escravos  
Desamparadas, sobre o caos, à toa  
E a cujo pranto, de mil peitos bravos,  
A harpa das emoções palpita e soa.

Ó bronze feito carne e nervos, dentro  
Do peito, como em jaulas soberanas,  
Ó coração! és o supremo centro  
Das avalanches das paixões humanas.

Como um clarim a gargalhada vibras,  
Vibras também eternamente o pranto  
E dentre o riso e o pranto te equilibras  
De forma tal que a tudo dás encanto.

És tu que à piedade vens descendo.  
Como quem desce do alto das estrelas  
E a púrpura do amor vais estendendo  
Sobre as crianças, para protegê-las.

És tu que cresces como o oceano, e cresces  
Até encher a curva dos espaços  
E que lá, coração, lá resplandesces  
E todo te abres em maternos braços.

Te abres em largos braços protetores,  
Em braços de carinho que as amparam,  
A elas, crianças, tenebrosas flores,  
Tórridas urzes que petrificaram.

As pequeninas, tristes criaturas  
Ei-las, caminham por desertos vagos,  
Sob o aguilhão de todas as torturas,  
Na sede atroz de todos os afagos.

Vai, coração! Na imensa cordilheira  
Da Dor, florindo como um loiro fruto  
Partindo toda a horrível gargalheira  
Da chorosa falange cor do luto.

As crianças negras, vermes da matéria,  
Colhidas do suplício a estranha rede,  
Arranca-as do presídio da miséria  
E com teu sangue mata-lhes a sede!

#### VELHO VENTO

Velho vento vagabundo!  
No teu rosar sonolento  
Leva ao longe este lamento,  
Além do escárnio do mundo.

Tu que erras dos campanários  
Nas grandes torres tristonhas  
E és o fantasma que sonhas  
Pelos bosques solitários.

Tu que vens lá de tão longe  
Com o teu bordão das jornadas  
Rezando pelas estradas  
Sombrias rezas de monge.

Tu que soltas pesadelos  
Nos campos e nas florestas  
E fazes, por noites mestas,  
Arrepiar os cabelos.

Tu que contas velhas lendas  
Nas harpas da tempestade,  
Viajas na Imensidade,  
Caminhas todas as sendas.

Tu que sabes mil segredos,  
Mistérios negros, atrozes  
E formas as dúbias vozes  
Dos soturnos arvoredos.

Que tornas o mar sanhudo,  
Implacável, formigando,  
As brutas trompas soprando  
Sob um céu trevoso e mudo.

Que penetras velhas portas,  
Atravessando por frinchas...  
E sopras, zargunchas, guinchas  
Nas ermas aldeias mortas.

Que ao luar, pelos engenhos,  
Nos miseráveis casebres  
Espalhas frios e febres  
Com teus aspectos ferrenhos.

Que soluças nos zimbórios  
Os teus felinos queixumes,  
Uivando nos altos cumes  
Dos montes verdes e flóreos.

Que te desprendes no espaço  
Perdido no estranho rumo  
Por entre visões de fumo,  
Das estrelas no regaço.

Que de Réquiens e surdinas  
E de hieróglifos secretos  
Enches os lagos quietos  
Revestidos de neblinas.

Que ruges, brames, trovejas  
Ó velho vândalo amargo,  
No sonâmbulo letargo  
De um mocho rondando igrejas.

Que falas também baixinho  
Lá da origem do mistério,  
Trazendo o augúrio sidéreo  
E certa voz de carinho...

Que nas ruas mais escusa,  
Por tardes de nuvens feias,  
Como um ébrio cambaleias  
Rosnando pragas confusas.

Que és o boêmio maldito,  
O renegado boêmio,  
Em tudo o turvo irmão gêmeo  
Do sonhador Infinito.

Que és como louco das praças  
Nos seus gritos delirantes  
Clamando a pulmões possantes  
Todo o Inferno das desgraças.

Que lembras dragões convulsos,  
Bufantes, aéreos, soltos,  
Noctambulando revoltos  
Mordendo as caudas e os pulsos.

Ó velho vento saudoso,  
Velho vento compassivo,  
Ó ser vulcânico e vivo,  
Taciturno e tormentoso!

Alma de ânsias e de brados,  
Consolador companheiro  
Sinistro deus forasteiro  
D'espacos ilimitados!

Tu que andas, além, perdido,  
Tateando na esfera imensa  
Como um cego de nascença  
Nos desertos esquecido...

Que gozas toda a paragem,  
Toda a região mais diversa,  
Levando sempre dispersa  
A tua queixa selvagem.

Que no trágico abandono,  
No tédio das grandes horas  
Desoladamente choras,  
Sem fadigas e sem sono.

Que lembras nos teus clamores,  
Nas fúrias negras, dantescas,  
Torturas medievalescas  
Dos ímpios inquisidores.

Que és sempre a ronda das casas,  
A gemente sentinela  
Que tudo desgrenha e gela  
Com o torvo rumor das asas.

Que pareces hordas e hordas  
De hirsutos, intonsos bardos  
Vibrando cânticos tardos  
Por liras de cem mil cordas.

Ó vento languido e vago,  
Ó fantasista das brumas,  
Sopro equóreo das espumas,  
Ó dá-me o teu grande afago!

Que a tua sombra me envolva  
Que o teu vulto me console  
E o meu Sentimento role  
E nos astros se dissolva...

Que eu me liberte das ânsias  
De ansiedades me liberte,  
Pairando no espasmo inerte  
Das mais longínquas distâncias.

Eu quero perder-me a fundo  
No teu segredo nevoento,  
Ó velho e velado vento,  
Velho vento vagabundo!

#### MARCHE AUX FLAMBEAUX

I

Rompe na aurora o sol que a terra esbofeteia  
Com látégos de chama, iriando o pó e a areia,  
Iriando os vegetais de ricas pedrarias,  
Dos rubis e cristais das ourivesarias;  
Aurora acesa em cor de púrpura de cravos  
Opulentos, febris, ensanguinados, bravos;  
De ritmos leves de harpa e frêmitos e beijos  
Que são da natureza os trêmulos arpejos;

Aurora que sorri, que traz pomposamente  
Todo o raro esplendor da luz resplandecente,  
Das paisagens loucas no fúlgido matiz  
O aroma a derramar da meiga flor-de-lis.

Na alegria dos tons os pássaros cantando  
Vão as asas abrindo, entre os clarões ruflando,  
Asas emocionais, que assim dentre clarões  
Palpitam num fervor de alados corações.

E no luxo oriental de etéreo Grão-Mogol  
Como um Baco feliz rubro flameja o sol.

II

Filósofos titãs, filósofos insanos  
Que destes turbilhões, que destes oceanos  
De lutas e paixões, de sonho e pensamentos  
Espalhásteis no mundo aos clamorosos ventos  
A Ciência fatal, talvez como um veneno,  
Que os tempos abalou no caminhar sereno;  
Filósofos titãs, que os séculos austeros  
No flanco da Matéria abris, graves, severos,  
Sobre o escombro da fé, da crença e da esperança,  
Da civilização o trilho que hoje alcança  
No seu aço viril as regiões supremas,  
Traçado em novas leis, doutrinas e problemas;  
Vós que sois no Saber os monges da existência  
E só acreditais na força da Ciência,  
Que da morte sabeis os filtros invisíveis,  
Narcóticos, sutis, incógnitos, terríveis,  
Não sabeis, entretanto, apóstolos sombrios,  
Como a luz da Ciência os homens estão frios,  
Como o tudo ficou num doloroso caos  
E os seres que eram bons, rudes, egoístas, maus.

Em vão! Em vão! Em vão! Os vossos largos crânios  
Lutaram pelo Bem dos Bens contemporâneos!  
Tudo está corrompido e até mais imperfeito...  
Não há um lírio são a florescer num peito,  
De piedade, de amor e de misericórdia...  
Se brota uma virtude o ascoso vício morde-a,  
Envilece, corrompe e abate essa virtude  
Com o cinismo revel dum epigrama rude...  
E até muita alma vil, feroz, patibular,  
Impunemente sobe ao mais sagrado altar.

Por isso vão passar perante a turbamulta  
Como abrupta avalanche, enorme catapulta,  
Numa marche *aux flambeaux*, os famulentos vícios  
Que cavaram no globo horrendos precipícios,  
Os vícios imortais, que infestam tribos, greis,  
Povos e gerações, seitas, templos e reis  
E que são como a lava obscura da cratera  
Que subterraneamente em tudo se invetera.

Com toda intrepidez hercúlea de acrobata  
Vou sobre eles soltar, gloriosa, intemerata,  
A sátira que tem esporas de galhardo  
Cavaleiro ideal que joga a lança e o dardo.  
Vou com esse altanado e muscular esforço  
De quem galga triunfal o soberano dorso,  
A crista vigorosa, altiva, sobranceira,

Da mais agigantada e vasta cordilheira.

III

Lobos, tigres, chacais, carnelos, elefantes,  
Hipopótamos, ursos e rinocerontes,  
Leopardos e leões, panteras acirrantas,  
Hienas do furor, membrudos mastodontes  
Tredas feras do mal, soturnos dromedários,  
Serpentes colossais que rastejais na treva,  
Monstros, monstros cruéis, medonhos, sangüinários,  
Cuja pata esmagante a presa aos antros leva;  
Ó ventrudos judeus, opíparos, obesos,  
De consciência obtusa, ignóbil e caolha  
Que no mundo passais grotescamente tesos  
Com honras de entremez e grandezas de rolha.  
Gafentos histriões, ridículos da moda,  
Que fingis entender Berlim, Londres, Paris,  
Mas nos altos salões, por entre a fina roda,  
Meteis sordidamente o dedo no nariz;  
Brasonados truões, inúteis como eunuco,  
Que as pompas ostentais de aurífero nababo  
Mas apenas valeis como um limão sem suco,  
Tendes rabo no corpo e dentro d'alma rabo;  
Nobres de papelão, milionários vândalos  
De ventre confortado e rosto rubicundo,  
Que no torvo cancã no cancã dos escândalos  
Sois o horrendo espantalho, a ignominia do mundo;  
Ó deuses do milhão, ó deuses da barriga,  
Que sentindo a aguilhada intensa da luxúria  
Buscais a mais em flor e linda rapariga  
Para então vos fartar na luxuriante fúria;  
Gamenhos de toilette e convicções de lama  
Onde tudo afinal se atola e se chafurda,  
Que do clube e do esporte sintetizais a fama  
Mas tendes para o Bem a fibra sempre surda;  
Palhaços, clowns senis, hediondos borrachos  
Que aos trambolhões urrais afora no universo,  
Desdenhando de tudo e até rindo dos fachos,  
Do clarão do saber em toda a parte imerso;  
Almas negras, servis, d'ergastulos caóticos,  
Gerado no paul das lúgubres voragens,  
Do crime nos bulções, nos vícios mais despóticos  
Aos quais tanto rendeis eternas homenagens,  
Manequins, charlatães, devassos do bom-tom,  
Que viveis nas Babéis das grandes capitais  
Apodrecendo sempre infamemente com  
O cancro do dinheiro as forcas virginais;  
Mascarados tafuis de gordos ventres de ouro,  
Ó bonzos do deboche e cínicos esgares,

Que sois o único sol esterlinado e louro  
Das parvas multidões, das multidões alvares;  
Fidalgos de barril, sicofantas, malandros  
Do templo e do bordel, da crápula de harém  
Que ao puro mar do Ideal, com torpes escafandros,  
Arrancais, p'ra vender, a pérola do Bem;  
Ó trãnsfugas, ladrões que difamais a terra,  
Que tudo poluís, do próprio lodo a flor,  
A serena humildade, - intrepidez da guerra.  
Aos beijos maternais, ao nupcial amor;  
Espíritos de treva, espíritos de barro  
Que enegreceis de horror o sangue das papoulas  
E das ostentações vos aclamais no carro,  
Cobertos de cetins, arminho e lantejoulas;  
Que se vem de repente o Nada sepulcral  
Nunca deixais, sequer, no tétrico leilão,  
No leilão da memória, estranho, universal,  
Nem um som a vibrar do estéril coração!  
Dentre feras brutais de ríspidos penhascos  
E a torrente caudal de rijos versos francos  
E a zombaria e o riso e as sátiras e os chascos,  
Nesta marche *aux flambeaux* ides passar, aos trancos  
Do mundo os naturais, zoológicos museus  
Despejem pare fora as pavorosas massas,  
Para virem reunir-se aos tábidos judeus  
Irromper e seguir e desfilar nas praças.  
Que a cada mate, a entranha, o seio virgem se abra  
Jorrando tigres, leões, panteras do seu centro  
E na dança infernal, estrupida, macabra,  
Siga a marche *aux flambeaux* pelo universo a dentro.

Gargalhadas abri a rubra flor sangrenta  
Da humanidade vã na amargurada boca  
Vai agora passar a marcha truculenta  
Sob o espingardear duma ironia louca.  
E desfila e desfila em becos e vielas  
E torna a desfilar por vielas e por becos  
às risadas da turba, estultas e amarelas  
Que tem o áspero som de gonzos perros, secos...  
E desfila e desfila, estrídula e execranda,  
Das praças na amplidão, rugindo em mar desfila,  
Enquanto além dardeja, heróica e formidanda,  
A metralha do sol que rútilo fuzila...  
E mastodontes vão de braço dado a sérios  
Burgueses que já são bem bons comendadores  
E marqueses de truz, com ares de mistérios  
De lunetas gentis e aspectos sonhadores  
Dão o braco fidalgo e airoso das nobrezas  
Aos ursos boreais, enquanto os conselheiros  
Os condes, os barões, os duques e as altezas

Lá vão de braço dado aos lobos carniceiros.  
E nessa singular, atroz promiscuidade,  
Animais e truões de catadura suína  
Gordalhudos heróis da infâmia e da maldade,  
Vendidos da honradez, velhacos de batina  
Bobos, cães, imbecis, humanos crocodilos  
E déspotas, jograis, todos os miseráveis  
De todas as feições e todos os estilos,  
Uns aos outros lá vão jungidos, formidáveis!...  
Mas a marche *aux flambeaux* derrama um pesadelo,  
A agonia dum tigre, em sonhos, sobre um ventre,  
Agonia mortal que envolve tudo em gelo...  
E desfila e desfila entre sarcasmos e entre  
As sátiras-fuzis, relampejando açoite,  
Por essa imensa aurora, estranhamente imensa  
Por um sol que angustia e que não tem da noite  
Para a Miséria a sombra atenuante e densa.

Os vícios, as paixões, os crimes, ódios e erros,  
Na marcha, de roldão, caminham fraternais  
Com bandidos, vilões, burgueses rumbos, perros  
E focas e mastins, macacos e chacais.

Aos sobressaltos vão como visões, fantasmas  
Bichos de toda a casta, anões de chapéu alto,  
Deixando em convulsão todas as almas pasmas  
E o globo num tremendo e fundo sobressalto.

E nas praças, ao sol, confundem-se os bramidos,  
Os uivos com a expressão humana misturados,  
Através do sussurro e bruscos alaridos  
Das chacotas bestiais, dos risos trovejados.

E segue e segue e segue, afora, légua a légua  
Essa marche *aux flambeaux*, ciclópica, estupenda  
Caminha atravessando um longo sol sem trégua,  
Um dia secular, um dia de legenda;

Caminha atravessando um sol de foco aberto,  
Por um dia fatal, interminável, mudo,  
O dia do remorso, aterrador, incerto  
Que em todo o coração crava um punhal agudo.

Mas eu quero assim mesmo, eu quero-vos assim,  
Em marcha tropical, à crua e ardente luz  
Que vos seja uma febre indômita, sem fim,  
Um cautério de fogo a vos queimar o pus  
Venéreo da Moral, carbonizando-o até

Para que nunca mais se sinta dele a origem  
Nem volte, como sempre, então, a ser o que é,  
Deixando-vos no mundo inteiramente virgem;

Eu quero-vos assim, de fochos apagados,  
Apagados, ao alto, os joviais flambeaux,  
Que os tereis de acender nos campos ignorados  
Que de sóis de Vingança a Eternidade arou.

E depois de vagar às sátiras de todos,  
Na evidência da luz, numa perpetua aurora;  
De caminhar ao sol, por tremedais, por lodos,  
No tédio do sarcasmo, o tédio que a devora,  
Essa Marcha afinal penetrará aos urros,  
Titânica, sinistra e bêbada, irrisória,  
Num caos de pontapés, coices, vaias e murros,  
Na eterna bacanal ridícula da História.

#### O ÓRGÃO

Um largo e lento vento dormente  
Taciturnas lágrimas sonâmbulas, sinfônicas  
Um esquecimento amargo  
Uma sombria clausura de almas  
Suspirando e gemendo solitárias harmonias  
Vago luar de esquecimento e prece,  
Dessa melancolia que anda errando  
No mar e nas estrelas ondulando,  
Pela minh'alma etereamente desce.

Na minh'alma, dos Sonhos anoitece  
O Sentimento que ando transformando  
Em hóstia de ouro  
Sombra e silêncio

#### A IDÉIA AO INFINITO

À distinta e laureada atrizinha  
Julieta dos Santos

"...A fama de teu nome, a inveja não consome, o tempo não destrói!...  
(Dr. Symphronio)

Era uma coluna de artistas!...  
Ao lado Tasso  
Medindo as múltiplas conquistas  
Co'as amplidões do espaço!...  
Seguia-se João Caetano  
Embuçado da glória no divinal arcano!...  
Depois Joaquim Augusto  
Altivo, sobranceiro, erguido o nobre busto.  
Depois Rachel, Favart,  
Fargueil, a espadanar  
Nas crispações homéricas da arte,  
Constelações azuis por toda a parte!  
E em suave ondulação os astros  
Vão de rastros  
Roubar mais luz às rúbias auroras!...  
Quais precursoras  
Do mais ingente e mago dos assombros,  
Do orbe imenso nos calcáreos ombros,  
Rola um dilúvio, um grande mar de estrelas

Que lançam chispas cambiantes, belas!...  
Há um estranho amalgamar de cousas  
Como os segredos funerais das lousas  
Ou o rebentar de artérias  
— Ou o esgarçar de brumas,  
Negras, cinérias  
— Ou o refterver de espumas,  
Nas longas praias  
Alvinitentes, mádidas, sem raias.  
Do brônzeo espaço,  
Das fibras d'aço  
Como que desloca-se um pedaço  
Que vai ruir com trépido sarcasmo  
Nas obumbradas regiões do pasmo...  
— O Invisível  
Geme uma música, lânguida, saudosa,  
Que vai sumir-se na entranha silenciosa  
Do impassível!  
— O Imutável  
— O Insondável  
La vão cair no seio do incriado.  
E o bosque irado  
A soletrar uns cânticos titânios  
Lança nos crânios  
Aluvião de auras epopéias  
Tétricas idéias!...  
E o pensamento embrenha-se nos mares  
E vê colares  
De níveas pérolas, límpidas, nitentes  
E vê luzentes  
Conchas e búzios e corais, — ondinas  
Que peregrinas  
Aspásias são de lúcida beleza,  
De moles formas, desnudadas, brancas  
Sendo a primesa  
Dessas paragens hiemais e francas!...  
— Ou quais Phrynés  
A quem aos pés  
O mundo em ânsias, reverente adora  
E chore e chora!...  
Mas a idéia o pensamento insano  
As asas bate em busca de outro arcano,  
E o manto rasga do horizonte eterno  
Vai ao superno  
Ao Criador, ao Menestrel dos mundos!  
E n'uns arroubos, rábidos, profundos  
Em luta infinda  
— Oh! Quer ainda  
Quer escalar o templo do impossível,  
Bem como um raio abrasador, terrível!...

Quer se fartar de maravilhas loucas,  
Quer ver as bocas  
Dos colossais Antheus da eternidade!...  
Quer se fartar de luz e divindade  
E de saber,  
Depois fazer  
Nas invisíveis cobras do insondável,  
Bem como um verme, mísero, imprestável!...  
— Ou quer ousado  
Descortinar os crimes do passado  
E apalpar as gerações dos Gracos  
Dos Espartanos  
E dos Troianos  
E dos Romanos,  
Dos Sarracenos  
E dos Helenos,

E esbarrar nesse montão de ossos  
Por esses fossos  
Tredos, medonhos, sepulcrais e frios  
Onde sombrios  
Andam espíritos de pavor, errantes  
E vacilantes  
Como a luzinha das argêntas lampas,  
Lentos e lentos através das campas!...  
Mas a idéia, o pensamento audaz  
Quer ainda mais!...  
Quer do ribombo do trovão pujante  
Já n'um esforço adamastório, tredo  
Embora a medo,  
— O atroz segredo  
Com que ele faz a terra palpitante!...  
E quer dos ventos  
Dos elementos  
Quer do mistério a solução! — Nas trevas  
Hórridas, sevas,  
A gargalhada  
Ríspida, negra irônica, pesada,  
Estruge enfim, da morte legendária,  
E a idéia vária  
Ainda n'isso ousando penetrar,  
Tenta sondar!...  
E em vão, em vão  
A mergulhar-se em tanta confusão  
Não mais compreende  
— O que saber pretende!...  
Assim, oh! Gênio,  
Na ofuscadora auréola do proscênio  
Não sei se és astro, se és Esfinge ou mito,  
Se do infinito

Possuis o encanto, os esplendores grandes,  
Ou se dos Andes  
Águia tu és, ou és condor divino,  
— Ou és cometa de cuja cauda enorme  
É multiforme  
Só lágrimas de prata  
Ou mesmo se desata  
Um vagalhão de palmas, diamantino!!...  
Minh'alma oscila e até na frente sinto  
Medonho labirinto,  
Estúpida babel,  
E vou cair, revel  
No pélogo sem fim dos nadas materiais!...  
E como os racionais  
Eu fico a ruminar ainda umas idéias  
De erguer-te, o novo Talma  
Um trono singular, mas feito de — Odisséias  
De brancas alvoradas,  
Olímpicas, nevadas,  
Dos êxtases magnéticos, nervosos de minh'alma!

#### SONETO

— Os Trópicos pulando as palmas batem...  
Em pé nas ondas — O Equador dá vivas!...

Ao estrídulo solene dos bravos! das platéias,  
Prossegues altaneira, oh! ídolo da arte!...  
— O sol pára o curso p'ra bem de admirar-te  
— O sol, o grande sol, o misto das idéias.

A velha natureza escreve-te odisséias...  
A estrela, a nívea concha, o arbusto... em toda a parte  
Retumba a doce orquestra que ousa proclamar-te  
Assombro do ideal, em duplas melopéias!

Perpassam vagos sons na harpa do mistério  
Lá, quando no proscênio te ergues imperando  
— Oh! Íbis magistral do mundo azul — sidério!

Então da imensidade, audaz vem reboando  
De palmas o tufão, veloz, febril, aéreo  
Que cai dentro das almas e as vai arrebatando!...

#### SONETO

Dizem que a arte é a clâmide de idéia  
A peregrina irradiação celeste,  
E d'isso a prova singular já deste  
Sorvendo d'ela a divinal sabéia!.

Da “Georgeta” na feliz estréia,

Asseverar-nos ainda mais vieste  
Que és um gênio, que te vás de preste  
Tornando o assombro de qualquer platéia!...

Sinto uns transportes fervorosos, ledos  
Quando nas cenas de sutis enredos  
Fulgem-te os olhos co'a expressão dos astros!...

E as turbas mudas, impassíveis, calmas  
Sentem mil mundos lhes crescer nas almas...  
Vão-te seguindo os luminosos rastros!...

#### SONETO

Um dia Guttemberg c'o a alma aos céus suspensa,  
Pegou do escopro ingente e pôs-se a trabalhar!  
E fez do velho mundo um rútilo alcançar  
Ao mágico clangor de sua idéia imensa!

Rolou por todo o globo a luz da sacra imprensa!  
Ruiu o despotismo no pó, a esbravejar...  
Uniram-se n'um lago, o céu, a terra, o mar...  
Rasgou-se o manto atroz da horrível treva densa!...

Ergueram-se mil povos ao som das melopéias,  
Das grandes cavatinas olímpicas da arte!  
Raiou o novo sol das fúlgidas idéias!...

Porém, quem lance luz maior por toda a parte  
És tu, sublime atriz, ó misto de epopéias  
Que sabes no tablado subir, endeusar-te!...

#### SONETO

É delicada, suave, vaporosa,  
A grande atriz, a singular feitura...  
É linda e alva como a neve pura,  
Débil, franzina, divinal, nervosa!...

E d'entre os lábios setinais, de rosa  
Libram-se pérolas de nitente alvura...  
E doce aroma de sutil frescura  
Sai-lhe da leve compleição mimosa!...

Quando aparece no febril proscênio  
Bem como os mitos do passado, ingentes,  
Bem como um astro majestoso, helênio...

Sente-se n'alma as atrações potentes  
Que só se operam ao fulgor do gênio,  
As rubras chispas ideais, ferventes!...

### SONETO

Imaginaí um misto de alvoradas  
Assim com uns vagos longes de falena,  
Ou mesmo uns quês suaves de açucena  
C'os magos prantos bons das madrugadas!...

Imaginaí mil cousas encantadas...  
O tímido dulçor da tarde amena,  
As esquisitas graças de uma Helena,  
As vaporosas noites estreladas...

Que encontrareis então em Julieta  
O tipo são, fiel da Georgeta  
Nos dois brilhantes, primorosos atos!...

E sentireis um fluido magnético  
Trêmulo, nervoso, mórbido, patético,  
Bem como a voz dos langues psicattos!...

### SONETO

Parece que nasceste, oh! pálida divina,  
Para seres o farol, a luz das puras almas!...  
Parece que ao estridor, ao frêmito das palmas  
Exalças-te feliz a plaga cristalina!...

Parece que se partem, angélica Bambina,  
As campas glaciais dos Tassos e dos Talmas,  
Lá quando no tablado as turbas sempre calmas  
Transmutas em vulcão, em raio que fulmina!...

E quando majestosa, em lance sublimado  
Dardejas do olhar, olímpico, sagrado  
Mil chispas ideais, titânicas, ardentes!...

Então sente-se n'alma o trêmulo nervoso  
Que deve ter o mar, fantástico, espumoso  
Nos grossos vagalhões, indômitos, frementes!!...

### SONETO

Quando apareces, fica-se impassível  
E mudo e quedo, trêmulo, gelado!...  
Quer-se ficar com atenção, calado,  
Quer-se falar sem mesmo ser possível!

Anda-se c'o a alma n'um estado horrível  
O coração completamente ervado!...  
Quer-se dar palmas, mas sem ser notado,  
Quer-se gritar, n'uma explosão temível!...

Sobe-se e desce-se ao país das fadas,

Vaga-se co'as nuvens das mansões douradas  
Sob um esforço colossal, titânico!...

E as idéias galopando voam...  
Então lá dentro sem parar, ressoam  
As indomáveis convulsões do crânio!!...

#### SONETO

Lágrimas da aurora, poemas cristalinos  
Que rebentais das cobras do mistério!  
Aves azuis do manto auri-sidério...  
Raios de luz, fantásticos, divinos!...

Astros diáfanos, brandos, opalinos,  
Branças cecens do Paraíso etéreo,  
Canto da tarde, límpido, aéreo,  
Harpa ideal, dos encantados hinos!...

Brisas suaves, virações amenas,  
Lírios do vale, roseirais do lago,  
Bandos errantes de sutis falenas!...

Vinde do arcano n'um potente afago  
Louvar o Gênio das mansões serenas,  
Esse Prodígio singular e mago!!...

#### JULIETA DOS SANTOS

Tu passas rutilante em toda a parse  
Oh! sol de nossa pátria, Oh! sol da arte!...  
(Virgílio Várzea)

Quando eu te vi pela primeira vez no palco  
Avassalando as almas,  
N'um refter de palmas,  
Cheia de vida e cândido lirismo!  
Senti na mente uns divinais tremores...  
E louco e louco,  
A pouco e pouco  
Vi rebentar o inferno cataclismo!...

Mil pensamentos galoparam, céleres  
Por minha fronte  
E do horizonte  
Quis arrancar os astros diamantinos,  
Para arrojá-los a teus pés mimosos  
E arrebatado,  
Fanatizado  
Por entre um mar de cintilantes hinos!...

Esse teu busto, a genial cabeça

Tão bem talhada  
E burilada  
Com o escopro límpido da arte,  
Tem umas puras fulgurações suaves  
E a tu'alma  
Ardente ou calma  
Os corações arrasta por toda a parte!...

A encarnação tu és das maravilhas,  
A doce aurora,  
Branda e sonora  
Das teatrais e lúcidas idéias!...  
Tens no olhar o filtro que arrebatava  
E és profética  
E magnética,  
Possuis na voz o som das melopéias!...

És a escolhida pare as grandes lutes  
Esplendorosas  
E majestosas!...  
E sobre os débeis, delicados ombros,  
Bem como Homero a sua lira d'ouro,  
Resplandecente,  
Trazes pendente  
O Infinito enorme dos assombros!...

Quando apareces tudo ri e chore,  
Se endeusa, agita,  
Como que palpita  
N'uma explosão de férvidos louvores!  
E o potentado mais febril da terra  
Gagueja um bravo,  
E faz-se escravo  
O mais severo e nobre dos senhores!...

A Dejaset, uma Favart, Rachel,  
O João Caetano  
Como um arcano  
Imperscrutável, horrído, terrível!...  
Quebram as louças sepulcrais e frias  
E te louvando  
Vão reinando...  
Dizem que é sonho, é mito, é impossível!

Oh! tu nasceste para suplantar, JULIETA  
Os grandes mundos,  
Os mais profundos  
D'ess'arte bela, magistral, divina!...  
E esse olhar tão expressivo e terno  
Já eletriza

E cauteriza...  
É como um raio que a corações fulmina!...

Que sol é este, vão bradando os pólos,  
Tão sobranceiro,  
Que o brasileiro  
O vasto império confundindo está?!...  
Venham teólogos, venham sábios... Todos  
Venham troianos,  
Venham germanos,  
Venham os vultos da Caldéia, lá!...

Oh! resolvi o mais atroz problema,  
Fundo mistério,  
Alto, sidério  
Do gênio altivo na criança, ali!...  
Vamos, natura, rasga o véu dos medos,  
Dizei ó mares,  
Falai luares,  
Sombras dos bosques, respondi-me aqui!...

Astros da noite, tempestades, ventos  
Erguei as vozes,  
Falai velozes  
N'um som estranho, n'um clangor audaz!...  
E respondi-me e explicai ao orbe  
Se essa menina,  
Que nos fascina  
É um fenômeno ou outro tanto mais!...

Tudo emudece na natura imensa  
E desde os Andes,  
Dos cedros grandes  
Ao verme, à pedra, às amplidões do mar!...  
Tudo se oculta na invisível raia  
No espaço a bruma,  
No mar a espuma  
Vão-se esgarçando também, a se ocultar!...

Tudo emudece na natura imensa  
Quando na cena  
Surges serena  
Como a visão das noites infantis!  
Dos olhos vivos dos que são teus adeptos  
Bem como prata  
Eis se desata  
A aluvião de lágrimas febris!...  
É que tu tens esse poder superno  
Real, sublime  
Que até ao crime

Faz arrastar o mísero mortal!  
É que tu és a embrionária horrível,  
Mística, ingente  
Que de repente  
Fazes de um ser estúpido animal!...

Tudo emudece na natura imensa Desde nos campos Os pirilampos Até as grimpas  
colossais do céu!... Tudo emudece e até eu Julieta, Já delirante Vou vacilante Cair-te  
aos pés como um servil, um réu!...

**FIM**